

*Q. F. 20.209*

OS ENCARCERADOS

*H. A.*

5272

20.209

OS OFERTA  
ENCARCERADOS

ESTUDO PSYCHOLOGICO

PELO

DR. ANTONIO MARRO

TRADUZIDO DO ITALIANO E ANNOTADO

POR

ANTONIO D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO

Dependente das classes  
e sub-director da Penitenciaria de Lisboa

— 300 —

LISBOA  
HENRIQUE ZEFERINO — EDITOR  
87, Rua dos Fanqueiros, 87

—  
1889

Tendo publicado os meus *Estudos penitencia-  
rios e criminaes*, offereci um volume ao sabio  
author do livro *I caratteri dei delinquenti*, o  
doutor Antonio Marro, cuja obra me dera noções  
importantissimas sobre a criminalidade, e na  
qual encontrei subsidios de alto preço para a mi-  
nha modesta publicação.

Dias depois, recebi pelo correio o livrinho *I  
carcerati*, que o illustre medico me remetteu,  
agradecendo assim a homenagem que eu lhe ti-  
nha prestado com a offerta d'um livro em cujo  
texto, por mais de uma vez, se fazem referencias  
aos proficientissimos estudos do egregio director  
do manicomio de Turim.

Li-o d'uma assentada, captivado pelos encan-  
tos d'um estylo desaffectedado, mas elegante e sua-  
ve, e pelo interesse que as observações do author  
naturalmente me despertavam, por serem feitas  
sobre uma classe de individuos com que, por de-  
ver do meu cargo, estou em contacto quotidiana-  
mente.

Achei tamanha exactidão nas observações, e  
tanta lucidez na critica a que são submettidas,  
e ao mesmo tempo tão facil e convidativa a lei-  
tura do livro, que deliberei vulgarisal-o entre

nós, traduzindo-o, para o que obtive auctorisação do author.

Entendi que, addicionando ao texto algumas notas suggeridas pela experiencia do regimen da Penitenciaria e resultantes de observações feitas por mim, iria de accordo com o pensamento do author, expresso no prefacio do seu precioso livrinho.

São umas pequenas achegas com que pretendo concorrer para a grande obra da reforma da legislação criminal, que ha de ser a consequencia inevitavel do estudo do delicto e do delinquente, em que andam empenhados eminentissimos escriptores.

Passou o tempo em que as narrativas de crimes e as biographias dramatisadas dos criminosos miravam exclusivamente ao deleite dos leitores avidos de peripecias tragicas e de aventuras romanescas.

A vida dos carceres, o exame dos seus moradores, a observação dos seus instinctos, sentimentos, aspirações, linguagem e habitos, constituem um estudo psychologico, que, se não é tão aperiente, como as narrativas romanceadas e as anedotas picantes, é comtudo mais proveitoso para a sciencia e para a sociedade, sem deixar todavia de ser gratissima a leitura, quando se escrevem livros, como este, com um desenfado tão caricioso quanto instructivo.

O TRADUCTOR.

## PREFACIO

Reuni n'este volume uma série de observações minhas, feitas no carcere judiciario de Turim, nas quaes se reflecte a psychologia dos encarcerados, em parte publicadas já na Gazeta Litteraria do anno corrente. Devendo dentro de poucos mezes celebrar-se em Roma o congresso penitenciario internacional e o anthropologico criminal, creio que esta obra, por ter a vantagem inherente aos exames objectivos feitos sem opinião antecipada e prevenções, poderá concorrer para o esclarecimento das questões que lá se ventilarem.

O AUCTOR.

## CAPITULO I

Carcere e matadouro — Sua necessidade — Maior resignação das victimas humanas — Entrada de novos presos — Sua variedade — Caracteres distinctivos — Innocentes e culpados — Imprevidencia dos delinquentes e culpados — Um impostor que se mascára — Ai dos reincidentes — Um innocente condemnado primeiro e depois absolvido — Delictos encobertos.

Ignoro se algum pensamento philosophico aconselhou a construcção do carcere em face do matadouro; é facto, porém, que, percorrendo-se a magnifica rua Victor Manuel e passados em revista os grandiosos palacios que a limitam pelo norte e as graciosas casinhas campestres que com ella defrontam pelo sul, ao chegar-se entre os dois edificios, que parecem em mutua contemplação silenciosa, é-se forçado a philosophar um pouco, reflexionando sobre a fatalidade de não haver conservação possivel de nenhuma vida sem o sacrificio d'outras.

De um lado são diariamente immoladas para subsistencia da população duzias e duzias de

animaes; do outro centenares e centenares de homens permanecem sequestrados e privados do beneficio da vida social, para que os outros possam livremente gosar-a.

De vez em quando, do matadouro expede-se um mugido lamentoso; é o protesto das victimas animaes contra a sorte immerecida que as espera.

Maior resignação se vê nas victimas humanas. Do carcere não vem rumor algum. Ali a monotonia do silencio é apenas cortada pelo fragor do carroção, que, mais de uma vez ao dia, transporta novos inquilinos, ou recebe aquelles que devem ser transferidos para outra parte.

E' regra manter-se lá dentro o mesmo silencio. O visitante que penetra no carcere com a cabeça tumida das historias de latrocinios, de gatunagens, assaltos e assassinatos, fica maravilhado da ordem e disciplina que reina entre gente tão corroida pelos vicios e pelas paixões. Culpados e innocentes, condemnados e indiciados, supportam, com resignação mais ou menos forçada, as novas condições a que são submettidos. Se a paciencia foge, no carcere ha poderosos meios disciplinares para reprimir e metter na ordem os rebellões.

Habito ha annos proximo das cellas dos presos, e, quando não me perturba a bulha dos meus filhos, é-me dado gosar de um socego tão absoluto, como talvez não teria em nenhum outro ponto da cidade.

A chegada do carroção com hospedes novos para

a cadeia desperta sempre alguma curiosidade na população livre do estabelecimento, assim como não deixa de excitar curiosidade e uma tal ou qual sensação de prazer na classe semi-livre dos serviçaes, dos escreventes e dos outros presos occupados nos varios misteres. E' raro que lhes não appareça alguma cara familiar, algum antigo conhecimento; são emfim novos companheiros de infortunio, e a natureza do homem é tal que mais se compraz em ter socios na desventura do que na prosperidade.

A vista de outro infeliz na fragoa da desgraça representa-nos a apparição d'um companheiro que vem auxiliar-nos a aguentar o peso que nos opprime, ao passo que na prosperidade saudamos algum feliz que chegue com sentimento egual áquelle com que os convidados recebem um novo commensal que venha quinhoar dos acepipes.

As surpresas que o carroção desentranha não são poucas, nem raras, porque conflue ao carcere toda a casta de gente.

Parece que se dá na sociedade o mesmo facto que se observa no corpo humano.

A vida social consome, assim como a corporea, mais copiosa e rapidamente as partes mais vis; mas nem por isso exceptua as mais nobres, pois que a todas, com maior ou menor celeridade, vae gastando surdamente, suavemente, sem deixar intacto algum orgão.

As familias mais illustres por nobreza, pela opulencia e pelo engenho acabam tambem por

ter os seus elementos de refugio, e o carcere representa a fossa onde se baldeiam as espurcicias, a cloaca maxima onde se accumula a congerie de detritos do organismo social.

Os nomes mais queridos e venerados, os nomes mais glorificados pelo nosso renascimento nacional, os mais celebrados nas sciencias e nas artes, ou mais distinctos pelo poderio e por altos cargos, esses até, algumas vezes, figuram no grande livro negro do registo do carcere.

E' raro que as varias profissões não enviem algum representante especial. O meu collega e amigo, dr. F. Rizzetti regosijava-se uma vez comigo de, em 25 annos de clinica nas cadeias, não ter passado pelo dissabor de encontrar lá um medico, ao passo que teve de visitar deputados, ex-ministros e gente de todas as condições e profissões.

Fui eu menos feliz; não tinha corrido o primeiro anno, desde que entrára em serviço no carcere, e já me appareceu, em transito, um, avelhentado e valetudinario, que ia terminar entre os chronicos os 10 annos de prisão em que fôra condemnado por estupro.

E' todavia digno de notar-se que são raros os delictos d'esta especie entre os medicos, e póde a nossa classe, creio eu, ufanar-se d'isso justamente.

Provém das classes mais desamparadas o maior numero de frequentadores dos carceres; e não ha doença mental ou physica que não seja por elles

largamente representada. Alcoolisados, epilepticos, imbecis e loucos, escrophulosos, rachiticos, sarnentos e tuberculosos, velhos de barba hirsuta e esqualida, incapazes já dos trabalhos forçados e da reclusão, menores impuberes de physionomia precoce e maliciosa, coxos, mendigos e mutilados, e, entre estes, aldeões rudes e cidadãos juvenis que ostentam na face o estygma das paixões mais bestiaes e selvagens, constituem a maioria, a totalidade quasi da população.

O exame d'esta turbamulta de feição e origem tão varias não deixa de ser interessante, e o olhar experto, ao primeiro relance, frequentemente surprehende as particularidades que individualizam as diversas categorias de delinquentes. O ladrão reincidente, cynico, sabe com que tem de contar, conhece por experiencia a necessidade da disciplina que se lhe impõe com força ineluctavel, submete-se, não recalcitra. Não succede o mesmo com o auctor de ferimentos ou o brigão. A fereza de indole que o propelliu ao crime não se amansa e doma subitamente; na visita a que é submettido, transparece a sua perturbação, e serão precisos dias e semanas de clausura cellullar para lhe incutir uma relativa conformidade. O gatuno, desconfiando de tudo e de todos, está sempre de atalaia, tanto no carcere como fóra; compondo a phisionomia, caracteriza-se de pessoa honesta, no intuito de illudir o medico, o director e os juizes, como já, com mais ou menos proveito, embaira as victimas dos delictos.

O innocente, sumido na variegada turba dos criminosos, está silencioso e concentrado entre estes exóticos companheiros, com quem o emparceirára a sorte ou a malevolencia de terceiros, esperançado em que o venha libertar uma propicia fortuna ou o valor dos indícios de inculpabilidade.

Para o que reside no carcere e, por dever do cargo, tem de tratar com presos, a diagnose da culpabilidade ou da innocencia dos recém-chegados é um problema que, de bom grado ou mau grado, se lhe impõe, provocando um juizo, especialmente quando o crime haja estrondosamente echoado na publicidade.

Nó exame externo depara-se com physionomias tão sinceramente honestas, que, ao primeiro conspecto, é se induzido a dar a seu favor um veredicto mental de inculpabilidade. E as mais das vezes o juiz confirma o veredicto. Mas, francamente, poucas occasiões tive de pronunciar de mim para mim um juizo absoluto de innocencia; não foram mais de quatro. Posso, porém, dizer que acertei sempre. Os indiciados, detidos pelas mais graves arguições, foram todos soltos, sem chegarem ao julgamento. N'estes casos a insufficiencia dos indícios para fundamento da condemnação resaltava do primeiro interrogatorio dos arguidos.

O innocente, accusado d'um crime que não perpetrou, sendo preso, no primeiro momento, fica em regra estonteado com a pancada; muitas vezes

aterra-o o receio de que surja contra elle alguma prova, que, embora sem valor, tenha apparencias minazes para a sua salvação. Ao principio allega simplesmente a sua innocencia sem arte para a confirmar com provas.

Sómente, passado o atordoamento, é que pode com placidez pensar na realidade das coisas e das circumstancias, e lhe é permittido coordenar as provas da sua innocencia e aguardar com alguma confiança a libertação, mais ou menos proxima.

O criminoso, quando um cynismo supremo o não torne indifferente ás eventualidade da vida, entra no carcere bastantemente irritado. Queixa-se de si proprio por se ter deixado cahir no laço dos apprehensores, das victimas que motivaram a captura e das leis que a auctorisam Interrogado, sair-se-ha logo com uma virulenta objurgatoria contra a malignidade e malvadez d'outro, protestando clamorosamente a sua innocencia, e indicará de improviso as circumstancias e pessoas, que poderão testemunhar em seu favor.

E' isto natural. Com um conhecimento exacto da hora e logar do crime, pode, com pequena alteração, apontar o sitio em que estava e as pessoas que lá o viram, longe do local do delicto, e á hora em que se conjectura fosse perpetrado. Mostra-se prompto a lembrar a essas pessoas as particularidades com que attrahiu a sua attenção, para invocar a memoria d'ellas em seu auxilio.



Impressionam deveras a franqueza e a firmeza com que, desde o primeiro exame, enumeram todas as circumstancias e todos os factos que lhes são favoráveis.

Um que tinha, pelas onze horas da noite, praticado um assassinato, annos depois provava que fôra encontrado por um companheiro em ponto diverso a *assobiar* e produzia outras provas para convencer que estava longe do local do crime á hora da sua perpetração e que á mesma hora gosava da mais descuidosa tranquillidade.

Todavia, esta franqueza, esta memoria tão prompta e minudenciosa e as ostentações de placidez, se illudem algum iuquiridor noviço, para o juiz experiente, conhecedor da astucia, da malicia e da profunda insensibilidade moral do genuino criminoso, constituem, pelo contrario, um vehemente indicio de culpa.

A'quelles que estão em contacto com presos, não escasseiam os indicios reveladores da sua criminalidade. Se fossem chamados os medicos, directores e guardas dos carceres, quantos emfim, por dever de officio, são obrigados a observal-os e a examinal-os frequentemente, rarissimos seriam os casos em que o seu juizo discrepasse do veredicto dos jurados. Não perderia com isso a justiça.

Os delinquentes demonstram uma singular imprevidencia e uma ingenuidade, talvez phenomenal, o que contrasta com a dextreza provada na

perpetração do delicto e nas emburilhadas em que mettem as indagações judicarias.

Um uxoricida, estando em prisão preventiva, manifestára a mais confiada esperanza de ser absolto. «O advogado prometteu tirar-me de embaraços», confessava elle ingenuamente, e nem sequer negava o crime. Os factos demonstraram que tinha razão, pois que foi com effeito absolvido.

E' bem difficil que, no correr do tempo, um delinquente observado com attenção, não seja atraído pelos seus actos ou pelas palavras, descobrindo o seu character criminal, a despeito dos esforços empregados para escondel-o. Uma palavra, um gesto, um signal, é quanto basta muitas vezes para arruinar inteiramente um edificio de dissimulação architectado com a mais habil mestria.

Havia em tempo no carcere um preso que eu tinha de visitar diaramente por dever de officio. O seu aspecto era grave, composto continuamente, o que se me afigurava um problema insolavel. Retrahido e silencioso, attento com assiduidade ao seu labor de escrevente, por mais que me esforçasse por penetrar nos seus olhares, não consegui ler n'elles com clareza. Para mim era uma esphyngue. Um dia, entrando na repartição em que se faz a matricula, encontrei lá o meu homem enfileirado com outros muitos, que os carabineiros passavam em revista e algemavam para serem conduzidos ao tribunal das audiencias.

Chegada a sua vez, fitava-o com uma certa pena, vendo-o estender as mãos para serem manietadas; prescrutando, porém, as impressões que a physionamia trahisse, notei que volveu os olhos para um dos da leva, e surprehendi-lhe um sorriso de tão evidente cynismo, que foi uma completa revelação.

«Que grande velhaco!» disse eu mentalmente.

Foi á audiencia e sahiu solto. Poucos dias depois, conversando com dois presos implicados no mesmo processo, soube por ambos que elle era o receptador, que os havia instigado ao furto, cuja pena começavam a cumprir. Tivera a fortuna de ser absolvido, porque, possuindo meios, arran-jára um habil advogado, emquanto que os outros, sendo uns miseraveis, não tiveram defensores valiosos, sendo por isso condemnados em tres annos de reclusão.

A perplexidade dá-se no ajuizar ácerca dos reincidentes. A maior parte dos innocentes capturados provém d'esta classe perigosa. Ai dos reincidentes! Uma condemnação anterior é uma má recommendação para os juizes e jurados, e se muitas vezes ficam impunes crimes occultos, é tambem frequente que aquelles sejam condemnados por delictos erroneos ou que não commetteram.

Alguns me confessaram o numero das condemnações soffridas, distinguindo aquellas que mereceram e as que foram injustas. Não me fiei só nas suas suspeitas declarações; em certos casos obtive a confirmação de outros presos, que não tinham

interesse em alterar a verdade, principalmente referindo-se a condemnações irrevogaveis ou já cumpridas.

Se um desgraçado reincidente apparece onde seja praticado um delicto por auctor desconhecido, ou se o seu nome por qualquer evento figura no processo, a innocencia não é guarida bastante, difficilmente escapará, se não houver um concurso de circumstancias que o favoreçam.

Tratei por muitos mezes de um preso arguido de saiteador e affectado de uma ataxia locomotora. Contra elle depunha uma condemnação de seis mezes de cadeia por ociosidade e a informação do syndico da localidade que o malsinava, assim como a outros, de individuo perigoso, capaz d'aquelle e mais crimes. Outros testemunhos e as provas do facto eram-lhe favoraveis completamente. Na primeira audiencia no tribunal de Assentadas de Alba foi condemnado a dez annos de trabalhos forçados. Enviado ao tribunal de Turim, o veredicto dos jurados, por maioria de um voto, confirmou a primeira decisão. Sendo a sentença annullada por falta de formalidades, foi remettido o reu ao tribunal de Assentadas de Cuneo. A sua innocencia foi aqui tão claramente exposta á luz das provas, que o ministerio publico desistiu da accusação e o reu foi posto em liberdade com os co-reus.

São bem raros casos d'estes, e pelo contrario são tão repetidos os exemplos de reincidencia

nos criminosos, que o publico e os magistrados tomam á letra o dicto de Boileau :

Dans le crime il suffit qu'une fois on débute,  
Une chute amène toujours une autre chute.

Muitas vezes acerta-se, condemnando-os, não porque hajam praticado o crime imputado, mas porque o castigo vae recahir sobre outros delictos ignorados.

Conversava eu uma vez com um preso juvenil, mas já de idade provectora no crime, e declarou-me que fôra condemnado a seis mezes de cadeia por transgredir uma sentença de admoestação. Duvidando da veracidade das suas asserções fui certificar-me em face do registo, e informaram-me que havia engano proveniente de supposição de nome, e que tinha de cumprir sentença de 4 annos por furto.

No primeiro encontro exprobrei-lhe a falta de sinceridade. «Asseguro-lhe que não sabia; julgaram-me talvez como ausente», e foi-se, sacudindo os hombros.

Mandei-o chamar n'outro dia. Vinha conturbado; quando encarou commigo, desabafou: «julguei ser o juiz!»

Era a mentira que lhe mordia a consciencia.

## CAPITULO II

A cella—Primeiros effeitos do isolamento—O general Cavaignac—Distracções—O ponto de honra dos presos—Allucinações e allucinados—Suicidios—Remorso.

Chegando ao carcere, cada accusado é conduzido á repartição do registo, onde se inscreve no grande livro o nome, cognome, naturalidade, profissão, idade e a culpa que se lhe imputa. Segue-se a visita do guarda competente. O preso é obrigado a despir-se, sendo inspeccionado e passada revista á roupa, afim de que não fiquem em seu poder armas, dinheiro, ou outro qualquer objecto prohibido pelos regulamentos.

Vem depois a visita sanitaria. Se o preso não mostra symptoma algum de molestia physica ou mental que prescreva a sua entrada na enfermaria, fornece-se-lhe roupa de cama e vae para a cella que lhe for destinada.

Tem esta 26 metros cubicos de capacidade. Toda a mobilia consiste em enxerga sobre uma

tarima, bilha para a agua, marmitta para o rancho e bacia de lavatorio. Fica n'um dos angulos uma pequena cantoneira aberta com trez prateleiras. Por um tubo de ferro concavado na extremidade superior com valvula e tampa escorrem as imundicies para a fossa central. Fronteira á porta fica a janella, em altura a que o preso só pode trepar, arranjando de qualquer modo uma escada.

E' n'este recinto que o preso permanece isolado, entregue só aos seus pensamentos, á espera do julgamento.

Principia pará o noviço a epoca de maior provação. A lembrança da liberdade perdida, a vergonha da falta praticada, o sentimento do aggravamento á justiça, a representação dos juizos do mundo, o medo da condemnação, a impossibilidade da vingança, o ver-se como que inhumado em vida, são torturas que lhe dilaceram o animo sem nada que lhe dê allivio. O desespero e a dor podem crescer em tensão a ponto de impellirem o preso a investir contra si mesmo, tentando suicidar-se, ou a procurar um desafogo, investindo com quanto o cerca. Foi assim que o general Cavai-gnac, capturado na noite de 2 de dezembro de 1851, juntamente com outros adversarios de Luiz Napoleão, quando se viu encerrado, só, n'uma cella da prisão de Mazas, passeiou agitadaamente algum tempo no seu augusto carcere, e, não podendo resistir á furia que o inflammava, agarrou do banco e a poder de pancadas estilhaçou a meza-

Os suicidios que nos primeiros dias de clausura occorrem, o mais das vezes, são obra dos reincidentes, infractores das leis de admoestação e vigilancia. Insurge-se contra estas leis o sentimento de justiça dos reclusos; e o reputarem-se iniquamente enclausurados, quando haviam ha pouco ainda saído da cella com a esperanza de gosarem uma duradoura liberdade, exaspera-os até os impellir ao suicidio, refugio unico para o resentimento que os enraivece.

Mas estes constituem uma excepção: os que mais soffrem com o isolamento são os mais moços, capturados a primeira vez; esses, ao verem-se encerrados n'aquelle estreito recinto, descahem n'uma especie de abatimento profundo.

Ha-os que choram, lamentam-se, bradam pela mãe, batem á porta, inabalavel, e os seus lamentos duram dias e semanas.

Mas, pouco a pouco, vae-se o animo acostumando áquelle novo meio. Começam a ser conhecidos os visinhos de cella, recobram-se alentos, e á medida que se aprende o horario da distribuição das refeições, do passeio, das visitas e mais operações do dia, o tempo desliza menos tediosamente, porque nada ha mais proprio para encurtar o tempo ou uma longa estrada do que o poder medil-os em pequenos tractos.

Serena-se assim o animo e procuram-se distracções. Em geral, os reincidentes, callejados já no viver do carcere, e que constituem a maioria

dos reclusos, atravessam este primeiro periodo quasi insensivelmente.

O carcere só os amofina com um sentimento de tédio, que tratam de dissipar, travando relações com os demais.

O regulamento não permite, como é natural, estas manifestações de sociabilidade; mas o fructo prohibido tem um sainete especial, e o espiar o momento de não serem vistos, aproveitando-o para subir á janella e communicar aos visinhos as reflexões e as idéas suggeridas pelo isolamento, torna-se a primeira e a mais importante occupação.

Se isto, quando são surprehendidos, lhes traz alguma privação de passeio e algum dia de jejum a pão e agua ou a mudança para cella de castigo, é bastante compensação o prazer de o repetir, ficando impune.

Para o preso é ponto de honra corresponder ao appello de um companheiro. Censurava eu ha dias um, verdadeiro desnordeado, porque, tendo-se curado de escorbuto, pouco tempo antes, com a dieta de carne e vinho ministrados por alguns dias, incorrera depois n'uma serie de castigos que, pouco a pouco, destruíram os effeitos da cura obtida com éxito feliz. «Que hei de eu fazer—perguntava-me elle—se me pozeram n'um ponto onde ha tantos conhecidos meus que me chamam? Era preciso que eu não fosse um homem para não corresponder ao chamamento de um companheiro.» — «Embora me apontassam canhões, não

seria eu tão vil que deixasse de attender a um companheiro que me chamasse». As punições mais frequentes são as que se infligem por subirem á janella e por communicarem assim verbalmente com os mais proximos, por signaes com os mais distantes.

A minha habitação é tão convisinha das cellas, que, com as janellas abertas, ouço frequentemente os seus soliloquios, ou os dialogos que se travam. A chegada de algum novo preso, notavel por qualquer motivo, é participada logo aos conhecidos, e voam de bôcca em bôcca as noticias que trouxe de fóra.

As novas que se recebem no parlatorio são amigavelmente transmittidas aos visinhos. Corre entre elles um boletim diario que noticia as condemnações dos que foram a julgamento e as penas disciplinares impostas na cadeia.

Umas e outras são commentadas e não faltam as observações sobre o valor dos advogados de defeza, sobre a severidade do director do carcere, sobre a vigilancia dos guardas, como tambem, algumas vezes, não faltavam outros commentarios que, como visinho, me interessavam.

A nota triste prevalece por vezes na conversação, e n'esse momento acodem as dolorosas reflexões inspiradas pela miseria da propria condição, as aspirações da liberdade, os propositos de emenda; mas os gracejos sobrevêm rapidamente.

Uma noite, quando a collecção de feras de

Bach estava acampada na rua Vinzaglio, e os bramidos do leão, vibrando no espaço, repercutiam as suas notas selvagens no recinto da cadeia, um preso chamou um visinho á fala, e discorreu assim: «O povo gasta o seu dinheiro para ver feras nas jaulas; não andaria melhor vindo visitar-nos? Não somos nós nas cellas outros tantos animaes ferozes?»

Depois observou jocosamente:

«Quando algum estrangeiro visita as cellas, receia entrar, olha desconfiado e queda-se prudentemente a distancia.»

O preso estrangeiro e o que, muito preocupado com a sua sorte, não quer travar conhecimentos nem communicar com os visinhos, passeia ao longo da cella. Os tamancos, batendo no pavimento, causam um rumor cadenciado, que se prolonga por horas e horas monotonamente.

Cada cella tem na porta um rotulo fechado por uma valvula, que se abre, tocando n'uma mola. Chama-se espião, porque por ahi se vigia, sem se ser visto, o que os presos fazem dentro. D'aqui tentei por vezes surprehender os varios sentimentos que se reflectiam no rosto dos presos.

Quer estivessem sentados no leito, quer passeassem, ou se quedassem n'algum canto encostados á parede, nunca me foi dado descortinar um sentimento que transluzisse uns longes de contentamento ou de alegria; nunca se me depa-rou uma face serena; na contracção constante

dos supercilios revelava-se a tensão dolorosa de quem não encontra paz nem dentro nem fora de si.

Com o correr do tempo, o isolamento submete á prova as naturezas que não são de rija tempera.

Os camponios arrancados aos seus trabalhos, privados das impressões habituaes, entregues violentamente mais ao pensamento do que á acção; os individuos desequilibrados de nascimento, filhos ou netos de loucos, herdeiros de uma morbosa excitabilidade de character, e os delinquentes accidentaes, a que não falta completamente o senso moral, são aquelles sobre que o isolamento exerce mais facilmente os seus effeitos e os que soffrem mais ou menos profundas alterações.

A sós continuamente com seus pensamentos, que não lhe offerecem attractivos, em colloquio intimo com a consciencia, que, se ainda tem voz para fallar-lhe, nenhuma consolação lhe insinua, martellado pela memoria de um passado que não pode apagar, atormentado pelos transees do presente, triste com a perspectiva de um futuro sem esperança, o preso contempla a passagem das horas, dos dias, das semanas e dos mezes, sem que nada suavise a tristeza das suas meditações. A persistencia teoz das lembranças dolorosas estonteia-o, a intelligencia abala-se; as mais extravagantes phantasias parecem-lhe realidades, as idéas vacillam, fazendo vibrar os sentidos, o que mais se teme vê-se presente e o infeliz fica obssesso de

illusões penosas, e as mais extranhas allucinações o perseguem com novos tormentos.

Um pobre viuvo ouvia todas as noites debaixo da janella os filhos desamparados a clamarem por elle com choro e lamentos. Em toda a noite não cessava o triste de responder compadecidamente ao seu reclame, e de manhã implorava de joelhos, desfeito em pranto, que o deixassem ir com os filhos que o esperavam á porta.

Outro vê o diabo resurgir da abertura da latrina ou do calorifero; encolhe-se no angulo mais esconso, grita por soccorro, agarra na escudella e na bilha e, desesperado, desembeste-as contra o pavoroso phantasma.

Outros ha que se imaginam victimas da perseguição dos visinhos, e exoram que os transfiram de cella; mas os perseguidores vão-lhes no calço; vozes mysteriosas soam de cada rincão, de cada ponto das paredes, a escarnecel-os, a ameaçal-os, e d'aqui advem a agitação e o furor brutal.

Quem seja profano em psychiatria não faz idéa das extravagantes sensações que podem surgir n'um cerebro tão morbosamente alterado.

Um camponez, preso havia um anno por homicidio, dizia-me: «Eu comprehendo com os pés quanto se me diga. Tudo me falla. Até o barco a vapor, quando passa ás vezes, me brada: *Toni d' Garita vaes para as galés*; outras vezes brada-me: *saes absolvido*.— Até os carros me fallam. Costuma visitar-me um homem que me falla noite

e dia. Só lhe vejo a cabeça e o tronco, senta-se na minha cama, e algumas vezes diz: *vem, saiamos, matemos os guardas que estão fóra e fujamos depois*. Tambem me murmura ao ouvido: *Tolo que tu és, não tenhas medo, o que queres dizer ao juiz, confessa-o aqui ao medico, que é o mesmo*».

Passado para a enfermaria, ao cabo de uma semana, as allucinações haviam-se desvanecido, ainda a espaços lobrigava a mysteriosa figura, mas só de noite, por breves instantes e confusamente. Foi preciso um mez para a cura completa. Desapparecem em geral estas allucinações, quando o preso sae do isolamento para a companhia d'outros. As mais notaveis são aquellas em que ao paciente se afigura que outrem faz o que elle proprio está fazendo. Um d'estes, tambem camponez, via raparigas que vinham ter com elle á cella e derramavam no pavimento a agua que elle mesmo vertia da bilha. «Veja, veja — me dizia — como deita bem» e fitava o pavimento molhado. Era velho, tinha furtado seis gallinhas, e mostrava a maior magua por não ter podido comel-as antes de ser preso.

Mais notavel era a allucinação de um joven delinquente, que de noite foi surprehendido na tentativa de se enforcar na grade da janella, cingindo o pescoço com um laço formado das tiras de um panno de limpeza. Quando de manhã o interroguei sobre o caso, respondeu-me que durante a noite tinha vindo o advogado annunciar-lhe a condemnação a dois annos de cadeia, referiu-me

como elle de fóra se tinha guindado á janella, e havia trazido a corda que estava prendendo á grade, quando pelo guarda foi surprehendido. Os soluços entrecortavam-lhe a falla, e quando indicava a apparição do advogado, debuxava-se-lhe na physionomia um sentimento de angustia inexprimivel.

Depois de um periodo bastante longo de isolamento são frequentes as tentativas de suicidio originadas em especiaes illusões ou allucinações. Um que jazia na cella ha dez mezes, teve a apparição nocturna do pae, da mãe e tres irmãos.

Viu n'isto um presagio da sua morte proxima e um convite para se ir juntar com elles; poz fogo á enxerga e sentou-se para morrer queimado. Avisado pelo fumo, o guarda correu e accudiu a tempo de o salvar.

A's vezes o suicidio provém da melancholia. «Doutor, supplicava-me um, arranque-me da cella ao menos por algum tempo. Ha dias que me saltêa o pensamento fixo do suicidio e, por mais esforços que tente, não se me varre tal idéa. A cada momento me persegue, cada vez mais de perto me encalça e não sei como fugir-lhe. Dia a dia me fallece mais a força de resistencia. Bem sei que sou um ladrão, mas não tenho mais que se me diga; nunca mereci castigo no carcere, nunca fingi doença, nem fui nunca á visita medica; não fiz um só pedido. Tire-me da cella por caridade, de contrario terei de ceder á tentação que me assalta. Umas vezes tenho von-

tade de asphixiar-me, apertando o lenço ao pescoço, outras de o prender ao leito e estrangular-me ou de esmagar a cabeça na parede. Mas d'um ou d'outro modo acabarei certamente, se não sair d'aqui.»

Era um mancebo bastante ingenuo, filho de pae alienado, e por isso julguei conveniente obter temperar ao seu pedido.

Posto fóra da cella, foi encontrada na enxerga uma carta para a mãe, na qual, na previsão do futuro suicidio, participava lh'o, pedindo-lhe perdão.

Ha casos em que uma doentia excitabilidade, filha do isolamento, que torna insupportaveis as mais pequenas contrariedades, influe mais no suicidio, do que as allucinações ou a melancholia. Uma censura, ou o indeferimento de um pedido, póde occasional-o.

Um, que voltava do passeio certa manhã, entrava na cella muito vagarosamente, um guarda impelliu-o para dentro. Irritado, volta-se, galga a varanda e precipita-se do segundo andar de cabeça para baixo. Não conseguiu morrer, porque, batendo com a cabeça n'uma taboa, em poucos dias estava cûrado.

Uma apathia profunda, o simples tedio da vida, tem sido n'alguns casos motivo sufficiente para se desfazer d'ella, como quem arremessa de si um pesado carregó.

Ha mezes precipitou-se do segundo plano um preso reincidente, que apenas tinha de respon-



der por contravenção da vigilancia especial da policia.

Sendo transportado moribundo para a enfermaria, tinha na bocca ainda a ponta do cigarro. Na cella encontrou-se um sobrescripto de carta com estampilha e endereço, mas vasio; infere-se que se quiz poupar ao enfado de escrevel-a.

«Porque te querias suicidar? — perguntava eu um dia a um que picára a veia d'um braço» Ah! — volveu-me elle--- assim acaba-se por uma vez e não ha mais em que pensar!

Não creio que o remorso dos crimes leve facilmente ao suicidio. Parece ser pouco vivo nos reus aquelle sentimento, e que não lhes traz obseço o animo. Apenas vi entreluzir nas acções de dois o alvor de um sentimento parecido. Um havia assassinado um companheiro, facto que ninguem conhecia, mas a reiterada representação mental do crime affectou-o de delirio de perseguição, e de continuo receiava que os visinhos o evitassem, o odiassem e o denunciasssem, de sorte que, depois de muitas ameaças, uma manhã agarra n'um martello, mata um e fere dois gravemente, refugiando-se em seguida n'uma caserna de carabineiros. Outro havia egualmente praticado um assassinato, cujo auctor se desconhecia; parece que o remorso tomou uma feição menos falsa, poisque, sendo capturado por vadiagem, confessou o delicto anterior com todas as particularidades, ainda as mais aggravantes, declarando que era a isso instigado pelo remorso

da consciencia. O notavel é que o remorso nasceu depois de ter-se manifestado accidentalmente no reo uma phrenose de que não padecia ao tempo do assassinato. Depois da cura, não podendo cassar a confissão que fizera, procurou desfigural-a, dirimindo quanto podia aggraval-a.

Bem poderia isto levar á crença que o remorso é privativo das pessoas morbosamente constituídas. A maioria dos criminosos não é dotada d'este sentimento pouco favoravel á sua conservação.

---

### CAPITULO III

Direitos dos presos — Faltas e punições — Mania carceraria — Um reo de procedimento exemplar na cadeia — Premios — Serventes — Escripturarios — A esquadra volante — Os guardas.

O carcere representa uma nova sociedade com suas leis, punições e alguns premios.

Quem lá entra, adquire direitos que se respeitam, enquanto o mau procedimento e as infracções regulamentares os não compromettem. Tem direito á cella commum com seu leito e enxerga, que serve de banco durante o dia; tem direito á ração quotidiana de 750 grammas de pão de rala de 750 grammas de rancho, que deverá conter 500 de substancias solidas. Aos domingos accrescem 80 grammas de carne cosida, sem osso nem cartilagens.

Quando não cahe chuva ou neve, pode, á hora marcada, ir passeiar, mas só, no recinto destinado a esse fim, uma vez ao dia no inverno e duas no estio.

São raros os que não se aproveitam avidamente d'esta ausencia momentanea da cella. A inalação de um ar quasi livre reanima os corpos elanguescidos pela inercia, pelo trato invariavel e pelo ambiente impuro da cella. Dentro dos pateos gradeados á volta, vêem-se os presos em compartimentos isolados, passeando uns no espaço que lhes está marcado, outros afferrados aos varões das grades, como feras enjauladas, que anhelam a liberdade do deserto.

As phisionomias mais truculentas, fóra da cella, tomam um singular aspecto de fereza mais visivel. Com a excitação d'esta meia liberdade provisoria é natural que se anime o amor pela vida livre, e mais dolorosamente punja o soffrimento da clausura prolongada.

Instruido o processo, é dado ao preso fallar com seus parentes nos dias para isso determinados. E'-lhes permittida dentro dos limites regulamentares a recepção de alimentos e bebidas com que os soccorram. Os domingos e quartas-feiras são os dias das visitas, e n'elles ha um constante formigar de gente de todas classes e qualidades, que visita os parentes, levando-lhes vinho e comidas.

Os pobres, desamparados, sem familia, ou que por ella baldadamente esperam, sentem mais amargo então o seu isolamento.

A par dos direitos estão os deveres, e a cada falta ou transgressão do preso corresponde um castigo.

O assomar á janella, a falta de limpeza, a comunicação com os demais por palavras, signaes ou outro meio, o fazer ruido, manchar as paredes, gritar, cantar, a desobediencia, o estrago do fato, ou de utensilios da cella, a posse de objectos prohibidos, as tentativas de fuga e de rebellião e todas as outras faltas, que para a gente livre provocam o rigor das leis, occasionam o castigo, a privação de passeio, de alimento e a clausura n'uma cella mais rigorosa.

N'esta, que é mais pequena e escura, o paciente tem um unico utensilio, a bilha da agua.

O pavimento nu lhe servirá de assento ou de cama durante o dia, pois que a enxerga só lhe é dada á noite. Não poderá receber visitas nem veres.

Na inefficacia de taes castigos recorre-se ao collete de força. Prostrado no leito, ligado pelas espaduas, braços, mãos, tronco, coxas e pés, o turbulento fica em completa immobildade. Pode gritar; mas a vontade em breve lhe esmorece; os mais obstinados dão-se por vencidos, e com protestos de emenda supplicam que se ponha termo áquella tortura.

Não ha muito que um, simulando alienação, instava que se lhe vestisse o collete, pretendendo assim comprovar irrecusavelmente a sua alteração mental. Como não fosse attendido, horas depois, insurgia-se contra os guardas. Fez-se-lhe então a vontade: amarraram-n'o; mas não tardou que humildemente rogasse que o desatas-

um alho sequer para condimentar o pão, cobo-  
das, tabaco, ou um copo de vinho, de quando em  
quando; verdade é que o trabalho não deixa de  
ser uma diversão na monotonia do isolamen-  
to, quer se execute na cella, quer fóra, e es-  
pecialmente nos diversos misteres do serviço in-  
terno da cadeia. Estes é que são os premios mais  
anhelados.

E' premio ser servente, distribuir as rações,  
cuidar da limpeza de certos compartimentos,  
cumprir quaesquer ordens, com o que se tem a  
faculdade de girar no seu quarteirão no desem-  
penho dos varios misteres, estando-se isolado só-  
mente á noite. Em regra podem unicamente ter  
esta aspiração os condemnados de boa conducta,  
cuja pena esteja prestes a terminar.

As condições do preso melhoram com a sen-  
tença condemnatoria, porque aos indiciados só é  
em regra permittido trabalhar na cella.

São mui apreciadas as funcções de enfermeiro,  
de agente do empregario, de escrevente, e de se-  
cretario da bibliotheca. As ultimas são o sonho  
ambicioso d'aquelles que tiveram instrucção um  
tanto elevada.

Constituem estes, pela sua maior cultura e pelo  
officio que desempenham, a aristocracia do carcere.  
Nada lhes escapa. Não ha caso que ignorem. Os  
recemvindos passam na repartição do registo pe-  
lo seu exame; inscrevendo-os, d'elles proprios sa-  
bem as particularidades de familia, o crime pelo  
qual os responsabilisam, e a cella que se lhes

destina. Passando com os guardas diariamente  
em revista as cellas para tomarem nota das des-  
pezas que queiram ou possam fazer, exercem  
por este modo uma inspecção que lhes dá azo a  
adquirirem informações que escapam aos de-  
mais.

Castigos, mudanças, importancia do fundo,  
nada se subtrahе ao seu exame. Estão ao cor-  
rente de todos os acontecimentos, e raras são as  
disposições que toquem com o andamento geral  
do carcere, sem excepção do que se refira ao  
pessoal de guardas, que, por tempo, não cheguem  
ao seu conhecimento. D'aqui vem que, sendo  
aquelles os chefes e seus subordinados os ser-  
ventes, as noticias penetram e diffundem-se com  
rapidez pela cadeia, baldando com frequencia a  
mais activa vigilancia.

O trabalho propriamente dito consiste em fa-  
zer caixas para phosphoros, que uns executam  
na cella, outros nas coxias. Nem todos, porém,  
podem occupar-se n'isto, e é este um dos mais  
desagradaveis inconvenientes da prisão preven-  
tiva. A inacção forçada, por mezes e annos até,  
não moralisa de modo algum o reu, principal-  
mente sendo novo; e quem indemnizará o inno-  
cente das horas de tedio doloroso, aggravadas  
ainda com a vergonha e os soffrimentos inheren-  
tes á prisão? O que sabe ler poderá achar  
ainda lenitivo nos livros da bibliotheca do car-  
cere, que nem sempre são escolhidos discreta-  
mente. Contou-me um preso que uma vez lhe

sem, promettendo solemnemente que havia de ser bem comportado e não incorreria jámais em tal castigo.

Entendo que este modo de punir, comquanto afflictivo, é preferível ás longas abstinencias forçadas. Acode mais rapidamente ás exigencias da disciplina sem lesar a saude dos presos, tantas vezes deteriorada pelos prolongados ou repetidos jejuns disciplinares.

São pouco frequentes dentro da cadeia os delictos que lá conduzem. A' mingua de occasião, os furtos são rarissimos. A falta do vinho e a ausencia de mulheres concorrem para que entre os homens não sejam frequentes as disputas, rixas e desordens. Mas, ao invéz d'isto, a indisciplina congenita de uma boa parte dos hospedes do carcere, o instincto de sociabilidade, o desejo de ter sensações e distracções differentes das que se têm na muda contemplação das paredes da cella, e o desejo talvez de se concertarem com os co-reos nas respostas ao magistrado inquiridor ou no julgamento, para illudirem a justiça punitiva, são outros tantos motivos que impellem á infracção frequentissima das disposições regulamentares, que prohibem exactamente o que mais tenta os reclusos.

O isolamento, o alimento pouco variado, a influencia debilitante das emanções evaporadas da latrina e que corrompem o ambiente da cella, e a mais perniciosa ainda dos habitos viciosos que a ociosidade e a perversão fomentam, quando não

chegam a alterar profundamente a vida sensoria, originando illusões e alluciações, com difficuldade deixam illesa a sensibilidade moral, e principalmente tratando-se de individuos mais sujeitos a sobreexcitações já pela sua juvenildade, já por temperamento.

Acontece então que o preso, a principio relativamente docil e socegado, torna-se teimoso e irrequieto, recalcitra, revolta-se contra as reprehensões. Castigado, reincide obstinadamente; mais os castigos se succedem, mais as faltas se repetem, até que o termo da pena, ou a mudança de cadeia, ou a superveniencia de alguma molestia, acabe com esta lucta singular, em que o preso desenvolve tanto maior tenacidade, quanto mais se considere victima de alguma injustiça.

«Vê bem—dizia eu a um, já adoentado, e continuamente em castigo — que n'esse andar arruinaste irremediavelmente; isso é o mesmo que querer tombar a parede com a cabeça; ella fica em pé e a cabeça quebra-se.

«Ah! — volveu-me elle sorrindo resignadamente — não fôra eu castigado sem rasão, agora continuarei...»

A's vezes a persistencia torna-se violenta. O preso que entrou na cadeia com a persuasão de ter sido indevidamente capturado, ou que se julga iniquamente sentenciado, no desespero de se ver punido com uma pena que reputa immerecida, crê-se victima de uma perseguição systematica, e no furor impotente de não poder vingar-se dos

guardas, directores e juizes, que considera conjurados contra si, investe com os objectos da cella, rasga o fato, a roupa da cama, quebra a bilha, copo e bacia, estilhaça os vidros da janella, tenta escangalhar o leito, encosta a enxerga á porta e, se tem phosphoros, deita-lhe o fogo.

«Trepam-lhe os persevejos ao toutiço», dizem philosophicamente os visinhos de cella.

Mas os guardas acodem, a resistencia é curta, a porta é forçada, o furioso é levado para uma cella de castigo, sendo necessario, veste-se-lhe o collete de força e «os persevejos debandam.»

E' raro que na carreira dos delinquentes habituaes, que principia cedo, aos 13 ou 14 annos, se não antes, se evite este periodo de agitação durante as primeiras detenções, principalmente se duram mezes. Porém com o tempo e com a experiencia adquirida em successivas capturas, esta doentia excitabilidade de character, causa de tantas irrupções de colera impotente, mitiga-se e acalma-se. O delinquente, edoso, não cahe n'estes desconcertos; pode apenas, quando muito, dar-se algum caso excepcional, se o espicaça a convicção de que é opprimido por alguma grave iniquidade.

A disciplina do carcere impõe-se-lhe com a inexoravel necessidade, já reconhecida por vezes. Teme-a, respeita-a e até dissuade os outros de provocarem os seus rigores.

Ha tempos, tive na enfermaria um d'estes, conservando-se ahi longamente com a saude deterio-

rada. Contava uma duzia de condemnações pelo menos, mas para os companheiros era um verdadeiro papá. Corrigia os menores turbulentos, intromettia-se nas questões dos epilepticos, e prestava realmente serviços na pacifica manutenção da ordem. Verdade seja que esta prudencia era relativa, porque, solto depois de ter cumprido a pena de tres annos de prisão, gosou a liberdade por quatro dias sómente.

Tinha uma irresistivel inclinação para o furto, e lobrigando um sujeito com a cadeia do relógio pendente, tratou logo de surripiar-lh'o; mas a sorte não foi feita tão déstramente, que não fosse preso e conduzido ao carcere.

Sua mulher e filhos viviam n'uma povoação pouco distante; mas declarava sinceramente que os não reconhecia, pois que, desde que entrara na senda criminosa, havia quinze annos, não tivera nunca vagar para visital-os.

Os premios são o fructo do bom comportamento, o trabalho é um d'elles e raros são os que o não desejem.

Parece que o valor das cousas provem realmente da privação d'ellas, porque, ainda os mais calaceiros, capturados como vadios, pouco depois da admissão no carcere, supplicam que se lhes dê o trabalho, que anteriormente odiavam e de que fugiam.

E' indubitavel que se não procura o trabalho só como distracção, mas como um meio de adquirir alguns reaes para addicionar á ração diaria

um alho sequer para condimentar o pão, e bo-  
las, tabaco, ou um copo de vinho, de quando em  
quando; verdade é que o trabalho não deixa de  
ser uma diversão na monotonia do isolamen-  
to, quer se execute na cella, quer fóra, e es-  
pecialmente nos diversos misteres do serviço in-  
terno da cadeia. Estes é que são os premios mais  
anhelados.

E' premio ser servente, distribuir as rações,  
cuidar da limpeza de certos compartimentos,  
cumprir quaesquer ordens, com o que se tem a  
faculdade de girar no seu quarteirão no desem-  
penho dos varios misteres, estando-se isolado só-  
mente á noite. Em regra podem unicamente ter  
esta aspiração os condemnados de boa conducta,  
cuja pena esteja prestes a terminar.

As condições do preso melhoram com a sen-  
tença condemnatoria, porque aos indiciados só é  
em regra permittido trabalhar na cella.

São mui apreciadas as funcções de enfermeiro,  
de agente do empregario, de escrevente, e de se-  
cretario da bibliotheca. As ultimas são o sonho  
ambicioso d'aquelles que tiveram instrucção um  
tanto elevada.

Constituem estes, pela sua maior cultura e pelo  
officio que desempenham, a aristocracia do carcere.  
Nada lhes escapa. Não ha caso que ignorem. Os  
recemvindos passam na repartição do registo pe-  
lo seu exame; inscrevendo-os, d'elles proprios sa-  
bem as particularidades de familia, o crime pelo  
qual os responsabilisam, e a cella que se lhes

destina. Passando com os guardas diariamente  
em revista as cellas para tomarem nota das des-  
pezas que queiram ou possam fazer, exercem  
por este modo uma inspecção que lhes dá azo a  
adquirirem informações que escapam aos de-  
mais.

Castigos, mudanças, importancia do fundo,  
nada se subtrahе ao seu exame. Estão ao cor-  
rente de todos os acontecimentos, e raras são as  
disposições que toquem com o andamento geral  
do carcere, sem excepção do que se refira ao  
pessoal de guardas, que, por tempo, não cheguem  
ao seu conhecimento. D'aquí vem que, sendo  
aquelles os chefes e seus subordinados os ser-  
ventes, as noticias penetram e diffundem-se com  
rapidez pela cadeia, baldando com frequencia a  
mais activa vigilancia.

O trabalho propriamente dito consiste em fa-  
zer caixas para phosphoros, que uns executam  
na cella, outros nas coxias. Nem todos, porém,  
podem occupar-se n'isto, e é este um dos mais  
desagradaveis inconvenientes da prisão preven-  
tiva. A inacção forçada, por mezes e annos até,  
não moralisa de modo algum o reu, principal-  
mente sendo novo; e quem indemnizará o inno-  
cente das horas de tedio doloroso, aggravadas  
ainda com a vergonha e os soffrimentos inheren-  
tes á prisão? O que sabe ler poderá achar  
ainda lenitivo nos livros da bibliotheca do car-  
cere, que nem sempre são escolhidos discreta-  
mente. Contou-me um preso que uma vez lhe

deram para ler o *Tantum ergo* traduzido em italiano, e depois as novellas de Firenzuola.

Aos analphabetos falta tambem esta distração.

As obras necessarias para a conservação e reparação do edificio, descarga dos carros, transporte de materiaes, mudança de enxergas, são trabalhos desempenhados por presos ao serviço do arrematante. Formam estes uma esquadra que, sob a vigilancia de guardas, executa diariamente os serviços que lhes designam.

Pausadamente e frouxamente, sob a constante vigilancia de guardas, cumprem a tarefa.

Nem jovialidade, nem energia, nem amor pelo trabalho; todo o sentimento de animação é banido d'esta esquadra, denominada volante por singular ironia. Um olho nos guardas, outro ora nos companheiros, ora no trabalho, tratam com uma indolencia cautelosa de conservar o posto, sem que ao mesmo tempo dispendam forças. O aldeão labrego não mostra maior energia do que o malandrim da cidade; falta a liberdade, com esta o estímulo de um lucro remunerador e a familia que d'elle tire proveito.

A' noite os guardas que de dia os vigiaram entregam-os, contando-os um a um, aos vigiadores da noite, para os receberem de novo na manhã seguinte.

Em qualquer systema carcerario é capital a importancia do guarda. O seu cargo é, ou deveria ser, pelo menos, dos mais delicados, pois in-

cumbe-lhes a manutenção da ordem e disciplina entre gente que reune com frequencia á perversão moral as alterações do intellecto, sem que por isso deixe de merecer attenções, não só em homenagem á humanidade como á justiça tambem; por isso que póde haver innocentes entre culpados, os quaes esperam, soffrendo penas immercadas, rehabilitar-se pelo julgamento. A isto accrescem exigencias de um serviço pesado e a obrigação de resistir a não poucas tentações.

Um bom guarda deve ter uma saude de ferro. Não é pequeno o esforço dos braços no tocar diariamente os varões das grades das janellas. A subida e descida continua de escadas, e as corridas nos corredores submettem a dura prova as suas pernas e pulmões, assim como as vigílias repetidas, o organismo todo. No modo de proceder com os presos descobre-se abertamente a aptidão moral do guarda para o seu delicado officio.

Se os carcereiros são bruscos e excessivas as advertencias, com mais frequencia se dão as explosões de colera e furor, as tentativas de suicidio, de incendio, o espatifar da mobilia e as barricadas na cella.

O bom guarda mantem a ordem e a disciplina, sem causar soffrimento aos presos. Severo sem maus tratos, accessivel sem familiaridade, inabalavel ante as ameaças e as lisonjas, com a sua presença doma os turbulentos, tranquillisa com firmeza os excitados, e com uma palavra confor-



ta os abatidos: entram todos na ordem. Guardas-taes são um auxilio poderosissimo do medico, do director, do magistrado. Se é possivel a correcção dos presos, o guarda deve ser um dos principaes agentes.

## CAPITULO IV

A astucia arma natural dos presos—Aspirações—Meios de as realizar—Simulações—Simuladores de epilepsia—Do suicidio.

Entre os varios meios auxiliares da lucta da vida, força, riqueza, influencia e sciencia, costumam os homens escolher para seu uso aquelles que mais facilmente podem applicar ou que promettem debellar com maior efficacia os males que os affligem, ou conseguir com exito mais seguro os bens a que aspiram.

E' esta a regra geral, e se acontece vermos gente culta, rica e poderosa trocar nas suas contendas os meios civis pelas armas, isto significa apenas que as paixões, excoriado o vernis da educação, descobrem os instinctos humanos dos tempos primitivos, em que os braços e as armas, as unhas e os dentes até, eram os recursos principaes com que se contava para acudir ás necessidades da vida e para supplantar os adversarios.

O preso, inerte, sem dinheiro, provido só dos recursos naturaes, vê multiplicarem-se as suas necessidades e tornarem-se mais intensos os desejos, á medida que escasseiam os meios de os satisfazer. A violencia, a que o impelle a natureza, é um recurso vão; só lhe resta a astucia para realisar as suas aspirações.

Entre os presos novos a astucia mais vulgar é a renuncia do proprio nome, inscripto já em varios registos, facto que difficulta a adopção de outro não polluido pelas condemnações e assentamentos nos livros dos tribunaes, da policia e do carcere. Alguns dão nomes fantasticos, outros, mais ladinós, adoptam o de algum ausente; por este meio escapam ao perigo de serem descobertos e gosam do privilegio de não serem considerados reincidentes. Se para os legitimos domnos do nome advier damno, dirão aquelles: *mors tua vita mea*, e certamente o remorso não lhes agitará os somnos.

Um, que actualmente é enfermeiro na cadeia, por vezes me affiançou que no seu julgamento ouvira na leitura do processo attribuirem-lhe seis reincidencias, e, para prova de que nunca estivera preso, invocava o testemunho de todos os guardas. Algumas das condemnações, dizia elle, foram proferidas, quando era militar. Asseverava que um irmão lhe usurpára o nome para sobre elle descarregar o peso das reincidencias com que já não podia aguentar.

Visitando ha dias um preso, tractado já por mim

mais vezes, em quanto o inscrevia, perguntei-lhe: «Chamas-te Andreino, não é assim?» «E' verdade — confirmou elle — mas agora sou outro, e indicou o nome que adoptára.»

Quando se evola a esperanza da impunidade, o preso cogita naturalmente no modo de tornar menos gravosa a sua situação.

Para cortar a monotonia da vida cellular e como fonte de algum ganho, o preso deseja o trabalho e é duplamente appetecido o que permitta girar no recinto do carcere com alguma liberdade; mas a mudança para a enfermaria é a mais viva aspiração do preso, o seu sonho de felicidade.

A enfermaria convida-os com a camaradagem dos outros, com o goso de um ar mais livre e puro, com o passeio á vontade sem as vertigens das viravoltas continuas e sobretudo com um alimento, mais saboroso e nutritivo, de carne e vinho, e tudo isto sem ser á custa de um trabalho fatigante.

Esta aspiração é geral; os presos apenas dão entrada no carcere já a trazem entranhada no corpo e ainda mais se aviva com o odio progressivo á cella, nascido de uma detenção demorada, e com a necessidade superveniente de um alimento variado e mais reparador.

Casos ha em que tambem accrescem planos reconditos do indiciado, que espera, passando á enfermaria, ter maior facilidade de communicação para embair a justiça, ou intenta com a classificação de doente exonerar-se total ou par-

cialmente da responsabilidade dos delictos commettidos fóra ou dentro da cadeia.

O director dá o trabalho; mas o medico é quem dispensa os favores no alimento, e quem abre a porta da enfermaria; é o alvo dos pedidos mais vehementes, para elle se voltam as arteirices mais manhosas, para o surprehenderem na sua boa fé ou para conturbarem o seu discernimento.

Ora assediam-no com incrível constancia com pedidos reiterados, pertinazes, durante dias, semanas e mezes, ora recorrem ás supplicas e não fica intacta nenhuma tecla piedosa. Um rapaz, que não deixava passar uma semana sem vir, uma vez pelo menos, rogar que o tirasse da cella, dizia-me: «Se estou ali mais tempo, receio endoudecer. Assombra-me extraordinariamente a solidão; sou forçado a fallar alto para me animar e aturdir. Ah! se d'aqui sair, não cahirei n'outra!» Era em resumo um pobre diabo que fôra preso por uma altercação. Persuadira-me que se lhe insculpiria bem na memoria a prisão soffrida, mas por fim seguiu as pégadas dos outros, e, dias depois, vi-o, muito humilde, entrar novamente, tendo infringido a sentença admonitoria.

Outro, allegando que a cella o assombrava e que todas as noites lhe causava extranhos pavores, a que não podia resistir, deixou de comer durante quatro dias successivos. Somente se resolveu a alimentar-se, quando viu preparado o caldo de ovos e vinho e a sonda esophageana para lh'o introduzir no estomago.

Era um gatuno, reincidente incontricto, cadimo simulador, que por um novo furto voltára então á cadeia.

E' caso para se fazer uma ideia pouco lisongeira da dignidade humana ver aquelles criminosos, tão temiveis n'outras occasiões, transformados em humildes pedintes de favores para conseguirem um augmento de comida ou a ração especial dos doentes durante algum tempo, supplicando para isso a passagem para a enfermaria ou para a septima secção, que é uma succursal.

«Peço-lhe perdão e desculpa de lançar mão da penna para lhe dirigir esta carta, mas, na situação em que estou, não posso deixar de o fazer.» Era este o principio de um carta de um ladrão condemnado por dois roubos em 15 annos de trabalhos forçados, que me pedia dieta de doente, e fechava assim a carta: «Confio na sua bondade e espero ser ouvido pelo seu bom coração. Agradeço-lhe antecipadamente a caridade que vae fazer-me, e confesso-me seu humilde criado, se m'o permite. N. G.»

Considera-se uma condemnação grave um titulo para maiores attenções.

A necessidade e o desejo aguçam o engenho d'alguns, que escrevem sonetos, cartas de agoiros, e quanto lhes gera a mente, para engodarem o medico, dispenseiro da mercê de um passadio anhelado. Um reo de crime contra os bons costumes, sendo baldadas as suas supplicas em prosa, para que lhe fosse dada a comida de doente,

quiz tentar se seria mais feliz, dando-lhes a forma poetica, e uma manhã apresentou-me os versos, que litteralmente transcrevo:

Miserere!

Gentile, amabile signor Dottore,  
Se l'inecurabile lento malore  
Com miglior vivere non si declina  
Vado a rovina.

Sono quasi ebete pel nutrimento  
Ch' appresta insipido, il Regolamentoo  
Che dove dicesi «Vitto da sani;  
Si dica: cani.»

Se d'Esculapio l'implorato nume  
Non lascia splendere miglior barlume  
Mio signor Medico, sono presto addetto  
Al cataletto.

Io so che il vivere da condannato  
(Pel primo tramite que fui damnato)  
Non é si sucolo da far la spese  
A quel forese;

Ma se «pro tempore» Ella é deciso  
Che poco nettare io veda in viso,  
Deh! scriva «um respice» per cui me é dato  
Vitto malato!...

Non stimo sperpero um lieve pasto  
Per cui chi domina ne vadi guasto;  
E con tal sonito um servo io sia  
Di Signoria. \*

And. B.

Presumo que o auctor, que já foi posto em liberdade, tomará a medida com maior precisão aos

\* Entendi que devia transcrever no original estas linhas rimadas, para lhes conservar o sabor nativo. Os leitores que ignorem o italiano, percebendo todavia a idéa dos versos, não sentirão que se deixe de traduzir um tre-

sapatos e botas dos freguezes do que aos versos que me dirigiu, e sem *respices*; mas a lembrança da privação da carne e do viaho ainda agora lhe doe. Ha dias, encontrou-me na rua em frente do carcere, e vindo cumprimentar-me, não pôde ir-se embora sem dizer: «O senhor doutor não me suppunha em tal estado, mas assevero-lhe que, com a fraqueza, não podia ter-me em pé.»

Quando estes expediente são baldados, ou ha motivos especiaes, recorre-se á simulação.

Entre o medico, cumpridor exacto dos seus deveres, e o preso, pertinaz na realisação do seu intento, trava-se uma lucta em que passam, não poucas vezes, por dura prova a sua perspicacia e experiencia, e nem sempre, ou rapidamente, se obtém victoria.

O preso, para entrar, como tanto ambiciona, na classe dos doentes e para conseguir, como anhela, a transferencia para a enfermaria, tudo invoca e simula, febres, molestias das visceras, epilepsia, suicidio, alienação mental.

Um que, em dias successivos, em vão me havia pedido que o mandasse para lá, apresentou-se na visita da manhã com extraordinaria frequencia de pulso, 120 pulsações por minuto; julguei pru-

cho tão insipido como a comida regulamentar, que o preso chama alimento de cães, e que pede seja substituída pela dos doentes, para não se arruinar e não resvalar ao esquife mortuario.

dente fazel-o recolher logo á enfermaria. Na visita da tarde achei-o sem febre, com o pulso normal, 60 pulsações por minuto, e não manifestava nenhum symptoma de doença. Fiquei sabendo que a introduccção de um dente de alho no anus tem a virtude de causar immediatamente uma febre ephemera. Aquelle salteador, de quem já citei trechos das cartas que me dirigiu, teve a constancia de estar na cama semanas e mezes para sustentar a simulação de dores, cuja existencia real nada justificava.

Não há artimanhas que o simulador não ensaie. Um chegou a alterar o grau de temperatura marcado pelo thermometro. Não tendo agua quente, phosphoros, nem outro meio calorifero para elevar a temperatura, supponho que recorreu ao attrito. A temperatura subiu de mais; foi além de 42.º e, como era natural, o resultado frustrou-se.

Na classe dos ladrões é onde apparecem simuladores mais astutos. A habilidade que já desenvolvem no delicto, acompanha-os no carcere e contra esses não ha cautelas sobejas. Um d'estes feriu a mucosa da bocca, e inflando as bochechas, fingia ter uma das faces inchadas.

Não se procurem os mais temiveis simuladores nos delinquentes de cultura superior. A malicia nativa, refinada com a vida das cadeias, e sustentada com uma constancia, pasmosa ás vezes, é fecunda na suggestão de traças, que chegam a ter perp'lexo o juizo do medico por mezes até,

e acabam frequentemente por lhe deixar restos das duvidas que por muito tempo lhe agitaram a mente.

O medico deve estar de sobreaviso contra os reincidentes, desde o primeiro dia em que lhe forem levados á visita. O auctor do primeiro delicto pode ser indisciplinado, discolo-brutal, mas procede sem intuitos reservados.

Pelo contrario, o reincidente entra no carcere com a bagagem da experiencia adquirida nas detenções anteriores. Conhece já o organismo todo, e avalia o proveito que pode auferir das suas fraudes.

Desde a primeira visita á entrada costuma pôr em acção a artimanha calculada previamente para conseguir o seu intento.

Mas, se para elle é vantajosa a experiencia, tambem o medico tem o concurso da sua memoria e da dos guardas sobre o comportamento e precedentes do preso; conhece o particular interesse que tenha em fingir uma determinada molestia, e com o auxilio d'estes indicios, mais inteiramente formará juizo do seu actual estado.

Não me permittindo o grande numero de individuos que afflue á visita diaria um exame minucioso de cada um, adoptei a regra, nos casos ordinarios, de explorar pelo thermometro a temperatura d'aquelles que aspiram á admissão na enfermaria. O encarregado d'isto applica o thermometro e não deixa o preso, em quanto não apure o grau da temperatura. O examinado,

quando vê o instrumento evidenciar a falta de febre, que dizia ter sentido horas antes da visita, renuncia á repetição do seu pedido nos dias subsequentes. A balança é tambem de auxilio valioso. Quando um individuo apyretico accusa um mal-estar, falta de appetite, symptomas morbosos subjectivos que me parecem suspeitos, mando-o pesar e tomo nota do resultado. Decorridos alguns dias, sem aviso previo, repito a pesagem á mesma hora do dia, conservando o preso a mesma roupa que vestia anteriormente.

Por esta via cheguei ao conhecimento da fraude de dous simuladores, que, estando na enfermaria, desvanecidos os symptom s febris, persistiam em queixar-se de mal-estar, falta de appetite e apresentavam um meteorismo, que se me afigurou artificialmente obtido com a ingestão de ar, como de facto se demonstrou.

Seria conveniente que os presos fossem pesados á entrada. O cotejo de uma nova pesagem com a primitiva seria sufficiente para esclarecer o medico, afim de ajuizar com mais segurança e fundamento dos phenomenos morbosos manifestados pelos presos. O professor Lombroso tem demonstrado com numerosas experiencias a importancia d'este criterio para o prognostico da loucura, e com um meio tão simples poder-se-hia muitas vezes desmascarar uma simulação, sabendo-se que o inicio de uma forma aguda de alienação mental coincide com uma diminuição de peso do individuo.

O preso na simulação deixa-se levar pelo intuito a que alveja.

O que para seu desenfado aspira meramente a ir para a enfermaria, não é escrupuloso na escolha dos males ficticios, e por isso facilmente passa de uns para outros.

Um d'estes, ha poucas semanas, cansado do isolamento cellular, arranhou a maior parte do corpo até fazer sangue, fingindo ter sarna, para, ao menos temporariamente, estar na enfermaria junto de outros affectados d'aquella molestia.

Não lhe aproveitou o embuste, porque faltavam os signaes caracteristicos. Frustrada a tentativa, dias depois, soube que se apresentava com a garganta enrubescida, pedindo insistentemente para entrar na enfermaria; mas, natural ou artificial, aquelle rubor inflammatorio não tinha indicio de febre, e portanto não havia motivo para o attender. Em vista d'isto resolveu fingir-se epileptico. Apareceu á visita, dias depois, declarando padecer de epilepsia, e os serventes confirmaram a sua allegação, asseverando que, durante o accesso, mordía quanto podia agarrar, e, estando desembaraçado, a si proprio se mordía. Para prova, mostrava-me tres mordeduras no braço com a epiderme esfarpada.

Os precedentes do individuo, que em varias detenções não tinha nunca dado signaes de epilepsia, mas era propenso a simulações, não me permittiam duvida sobre a ficção, entretanto quiz que me avisassem no caso de novo accesso, e

elle, prolongando-o sufficientemente, deu tempo a assegurar-me d'isso com certeza completa. A' noite visitei-o na cella de castigo, onde estava amarrado ao leito. «Se me promettes não fingir mais, disse-lhe, comprometto-me interceder para que voltes á tua cella; mas se o não promettes, lavarei as mãos pelo que te succeda.»

Pensou um pouco, depois respondeu: «Ah! o senhor cumpre o seu dever, nós o nosso; faça-me desligar, e a epilepsia não voltará».

Depois d'isto parece que a serie das simulações deveria acabar, mas, decorridas semanas, encontrei-o de novo em cella de castigo, porque se poz a lançar no pateo de passeio. «Endouço na cella, dizia-me, e dancei sem saber o que fazia.»

Não tendo motivos para crer que esta mania tivesse origem diversa das formas morbosas já apresentadas, não intercedi por elle; e a mania desapareceu com cinco dias de castigo. Dias depois accusava novamente dores articulares sem febre.

Os presos dão preferencia nas simulações á epilepsia, se já viram algum accesso epileptico, e se, presumindo ter de soffrer uma longa detenção, querem obter meio de passal-a completamente com companhia.

Algumas vezes accresce o secreto pensamento de poder obter em seguida um attestado da molestia soffrida na cadeia para com elle no tribunal escapar ás disposições mais penosas da sen-

tença admonitoria e da sujeição á vigilancia policial.

Em qualquer caso o preso é levado ainda a tal simulação pela esperanza de poder estabelecer um precedente que favorecerá a facilidade de sustentar no serviço do exercito simulação identica para conseguir assim a isenção.

O verdadeiro epileptico tem uma physionomia exclusiva que o distingue. Em regra a face ou o craneo é asymetrico, o olhar sombrio e atono; a cor frequentemente plumbea. E' impossivel quasi que não mostre cicatrizes das lesões occasionadas pelas quedas.

Em geral o simulador não tem taes caracteres. E' raro que, fingindo algum accesso, não tome precauções para evitar as pancadas perigosas. Um que, deante dos guardas, quiz simular um ataque, bateu á porta, e, aberta esta, deixou-se escorregar da cama sobre o travesseiro que precavidamente tinha já lançado ao chão. Como de costume, servira-se de sabão para mostrar espuma na bocca. Outra simulador introduzira tamanha quantidade que por trez dias soffreu uma inflamação da mucosa; foi isto que me serviu para provar a sua simulação, pois que o não surprehendera no accesso.

Alem dos criterios emergentes da exploração da temperatura e da analyse das urinas, do exame attento dos olhos tirei eu um precioso indicio para estudar a epilepsia fingida. Se os movimentos da dilatação e da constricção da pupilla

sob a acção da luz tibia ou intensa auxiliam com a sua falta o reconhecimento da epilepsia nos casos em que não haja suspeita de applicações especiaes aos olhos, todavia não são sufficientes para caracterisarem a simulação, porque succede persistirem ainda em accessos verdadeiros. Entretanto os olhos podem fornecer outros elementos de diagnostico. E' difficil que, á chegada do medico, o simulador não trate de certificar-se da sua presença e da ausencia, quando já lhe não ouça a voz.

Uma vez bastou-me ver que o preso no meio das convulsões entreabrira com um movimento coordenado as palpebras e atravez d'ellas movera as pupillas até que verificou a minha presença, para não ter a minima duvida sobre a simulação.

E' tambem expediente acertado dar em tom natural uma ordem ao simulador. E' raro que não responda affirmativa ou negativamente. Assim, por exempho, se se lhe manda que desentese as pernas para experimentar os reflexos tendinosos, ou deixará de as ter immoveis, se era o periodo convulsivo tonico, ou aumentará a tensão em que estava, demonstrando em qualquer dos casos ter consciencia do que se lhe ordenou. Facto singular foi o de um verdadeiro epileptico fingir na minha presença um accesso por um modo tão grosseiro, como eu nunca vira, com o intuito de receber mais copioso alimento. Tremia todo elle, como quem tiritava de frio, e

soltava um continuo gemido lamentoso, de modo que não me custou reconhecer a fraude, que elle proprio depois confessou. Era sujeito a accessos raros, mas de uma extraordinaria violencia e já havia estado muitas vezes na enfermaria por causa de tal molestia. O medico não pode assistir, senão em casos raros, aos ataques simulados, porque de ordinario são fingidos de noite, para evitarem que, presenciados por elle, não se ponha em evidencia a natureza espuria dos accessos.

As simulações de suicidio são mais frequentes ainda do que as da epilepsia.

Se o ardil sae bem, recommenda-se o preso á commiseração alheia, espera que o director ou o medico, para obstarem á repetição da tentativa frustrada, o recolha na enfermaria entre companheiros; e, se ainda não foi julgado, sorri-lhe a esperança de melhorar a sua situação juridica. Casos ha em que accresce o pensamento occulto de pintar com negras cores o tratamento dos guardas, ou d'outros, tentando assim vingar-se de agravos recebidos ou suppostos.

Simuladores, ou não, em regra escolhem para o suicidio o laço; mas, enquanto o verdadeiro suicida tracta de realisar a sua intenção ás horas mais afastadas das visitas regulares feitas pelos guardas, para que a tentativa se não balde, o simulador dispõe as cousas de modo que o acto coincida com o momento de o guarda se avisinhar da cella, para que, soccorrendo-o pomptamente, chegue a tempo de salvá-lo.



Os mais prudentes e precavidos arranjam uma escapúla para a eventualidade da demora dos soccorros do guarda.

Um foi achado com os pés commodamente postos sobre o travesseiro. O medo nem lhe deixára arredal-o, um pouco ao menos, da linha vertical do corpo. Frequentemente a operação é precedida de gritos, pancadas na porta e outros meios de chamar a atenção e provocar a rapida vinda do guarda.

O simulador vê o grande perigo de precipitar-se do alto e por isso não recorre a este meio. Houve um que o adoptou, em presença do guarda, tendo-o previamente avisado do que ia fazer.

O simulador que finja o suicidio, sangrando-se ou batendo com a cabeça na parede, evitará cuidadosamente o desapparecimento de uma só gota de sangue.

Aproveitará-o todo para manchar o mais possível os braços, a face e os vestuario tambem; não o deixará cahir no pavimento.

Sucedeu-me uma vez ficar perplexo por algum tempo no juizo a formar sobre a natureza das lesões que um preso mostrava. Tinha a fronte e as faces cobertas de excoriações de uma forma quasi regular e do diametro de uma moeda de 5 centesimos. O preso queria inculcar que taes lesões provinham da tentativa de suicidio por meio de pancadas com a cabeça na parede. Era porém um reincidente, assiduo frequentador da cadeia,

e a physionomia não me insinuava que estivesse cansado da vida a ponto de desejar ver-se livre d'ella. Examinei as lesões e não descobri vestigio de echimoses fóra da orbita das excoriações, e isto excluia a causa contundente. Esta apreciação era corroborada pela circumstancia de haver algumas esfoladuras em parte onde a pancada contra uma superficie plana não podia causar contusões, como ao lado do nariz, cuja saliencia e a da arcada superciliar era um impedimento e uma defeza. Por um momento pensei que fossem cauterisacões superficiaes operadas com o lume de cigarro; mas não descobri em nenhum ponto vestigios de vesicacão; acudiu-me por isso a idéa de que as esfoladuras fossem feitas com o attrito repetido de algum bocado de tijolo ou pedra. Creio ter acertado, porque, manifestando a minha opinião em face do proprio preso, d'ahi por diante não se deu caso similhante, ao passo que anteriormente se haviam dado outros.

Uma das vantagens do diagnostico feliz no desmascarar uma simulação consiste em se obstar por algum tempo á repetição; enquanto que, se o impostor se sae bem da artimanha, numerosos imitadores recorrem ao mesmo ardil.

O mais notavel é que, não raras vezes, acontece que o simulador de uma tentativa, vendo-a frustrar-se, desgosta-se a ponto de a repetir a sério. Dcis d'estes que fingiram querer-se estrangular, e aguardavam a hora da visita para atarem os laços ao pescôço, pretenderam em seguida

matar-se á fome, e cada um esteve quatro dias sem tocar no alimento, até que, dispostas as cousas para serem alimentados á força, resignaram-se e receberam a comida.

Quando tenho de resolver se uma tentativa de suicidio é genuina ou falsa, a experiencia faz-me dar para tal juizo a maior importancia ao estado em que se me apresenta o supposto suicida, quando sou chamado para o ver. Em todos os casos em que a escolha da hora, a propriedade do meio adoptado, e outras circumstancias, taes como a recusa de alimento nos dias precedentes, a exaltação extraordinaria, ou a melancolia profunda concorrem a pôr fora de duvida o proposito deliberado do suicidio, que somente se frustrou por virtude de circumstancias fortuitas que o impediram, se pude promptamente observar o suicida, sempre o achei no estado da mais profunda commoção.

Aquelle que longamente meditára o lance e para elle se tinha disposto friamente, arrancado á força das fauces do tenebroso abysmo, revela um assombro caracteristico; uma estranha angustia engasga-lhe a voz e suffoca-lhe os soluços no peito, até que, exhausta pela propria intensidade, afrouxa, e uma torrente de lagrimas allivia o desgraçado.

O simulador é differente, quer tirar partido da ficção, que teve um exito mais ou menos feliz. Tem d'antemão estudada a parlenda, não tarda a recital-a, declamando contra as injusti-

ças que se lhe tem feito e exagera a tristeza da sua situação. A commoção, porem, não lhe tira o somno nem o appetite.

Um dos taes que se tinha feito surprehender no momento da distribuição da comida suspenso por um laço atado na nuca, sendo apeado, pegou na escudela para receber a ração, comeu-a, e foi tranquillo para o passeio.

## CAPITULO V

Simuladores de loucura na antiguidade—Varias formas de loucura simulada nas cadeias—Caracteres proprios dos simuladores—Simulação e loucura moral—Um louco moral typico—O trabalho meio de disciplina.

Vem de antiga data a simulação da loucura. Conta Homero que o manhoso Ulysses, preferindo quedar-se conchegado á sua querida Penepole em vez de ir tirar desforço dos Troianos, pela affronta a Menelau, recorrera áquelle ardil; mas já n'essa remota idade havia alienistas peritos em descobrir as simulações, e Palamedes desmascarou a de Ulysses, fazendo notar como elle apesar da doudice que fingia, evitava passar com os bois e o arado por cima d'um seu filhinho, posto no chão deante d'elle.

Exitto mais feliz teve entre os Athenienses a astucia de Solon, quando, no intnito de induzil-os a nova guerra para a conquista da ilha de Salamina, sem correr o perigo de morte comminada

por lei a quem tal proposta fizesse, fingindo-se louco, andou recitando perante a assemblêa uma poesia na qual com phrases pungentes estigmatizava a cobardia dos Athenienses. Tambem Brutus, o antigo, procurou com exito salvar-se passando por imbecil.

E' natural por isso que, influindo o progredir da civilisação na substituição da violencia pela astucia, mais frequentes ainda devam ser as simulações de loucura, esperando os criminosos alcançar com ellas a impunidade nos tribunaes ou favores na cadeia.

Quasi que não ha fórma de alienação mental que, por sua vez, não seja ensaiada como typo de simulação. Fingem-se uns estupidos, outros apresentam-se melancolicos, qual arremeda o delirio de perseguição, qual a agitação dos impulsos furiosos.

Um principiou a fingir-se doido, atirando com a bilha da agua ao meirinho que o vinha intimar para a audiencia de julgamento, felizmente aquelle fugiu do alvo a tempo, aliás o projectil offendel-o-ia não levemente. Fui á cella do neo-louco. Cravou fixamente a vista nos meus olhos, e em vez de responder ás minhas perguntas, entrou a passejar ao longo da cella, resmoneando palavras desconexas. Ordenei uma solícita vigilancia durante a noite e na manhã seguinte fui informado de que a passára na maxima parte a dormir. Fechou-se, porém, n'um mutismo obstinado, e não houve meio de lhe dêsatar a lingua.

Perguntei-lhe se comia, apontou para o pão intacto na cantoneira da cella. Submettido a rigorosa dieta, curou-se brevemente da sitophobia.

Voltou o appetite; o pão e rancho eram comidos com regularidade, e veio um somno tranquillo suavisar-lhe as noites. Todavia persiste na mudez; um dia, porém, em que eu convidára o meu collega a visital-o commigo, deixou-nos sair, e esquecendo momentaneamente o proposito de não fallar, voltou-se para o guarda, perguntando, a meia voz, porque seria que eu o mostrára ao juiz, não tendo feito tal pedido, pretendendo com isto inculcar que a sua perturbação mental era tamanha que, sendo elle um velho rato do carcere, não reconhecia o doutor Rizzetti, que era medico do estabelecimento ha mais de vinte e seis annos.

No exame a que o submetti, não notei nenhuma alteração nas funcções biologicas, apenas um certo grau de obtusão tactil na cabeça dos dedos, onde as duas pontas do estesiometro não eram distinctamente sentidas senão á distancia de 3 e 5 milímetros, o que podia perfeitamente relacionar-se com a sua profissão de correeiro, em que são frequentes as picadas da sovela nas extremidades dos dedos, embotando-se a sensibilidade tactil com as cicatrizes. O dinamometro marcava 46° com a direita, 43° com a esquerda, a direita presentia a corrente electrica a 100°, a esquerda a 105°; a dor era sentida a 60° na direi-

ta e a 65<sup>o</sup> na esquerda; eram bem sensíveis d'ambos os lados os movimentos reflexos.

Recusando-se a responder de viva voz ás minhas interrogações, deliberei fazel-o por escripto, e as respostas eram sensatas, quanto se compadecia com a sua educação e cultura.

Declarou-me que se lhe faziam duas imputações, reconhecia ter fundamento uma, mas quanto á outra estava innocente. E' desnecessario acrescentar, que arredava de si a mais grave, um roubo nocturno com escalamento. Chegando o dia da audiencia e conduzido á presença dos jurados, desatou a berrar, fingindo-se apavorado com a vista de espectros horrentes; não respondia ás perguntas, ou disparatava nas respostas.

As observações feitas não me deixaram sombra de duvida sobre a simulação d'este individuo que, tendo estado por vezes no carcere, nunca dera indicio algum de alienação mental; não acertei, porém, com o motivo que a suggerira. Soube mais tarde que pretendia a separação do processo, receioso de que os co-reos, vendo a defeza mal parada, abandonassem o plano com que elle contava sair impune da accusação mais grave.

Nem sempre é facil atinar com a razão que induz um preso a fingir-se louco.

Um adoptou este ardil para não depor como testemunha n'um processo.

Quando me avisaram do seu singular estado,

fui á cella e interrogando-o, respondia invariavelmente que lhe fizesse restituir a sua *Marianin* que aquelle «padralhão de chapéu de quatro bicos lhe tirara,» alludindo ao presidente do tribunal; e continuava murmurando que ninguem tinha direito a levar-lh'a.

As palavras eram acompanhadas de gestos extravagantes, meneava continuamente a cabeça e tinha pendentes as mãos meio fechadas, como se não pudesse tel-as abertas.

Apertado com perguntas e interrogado sobre as particularidades da sua vida, revelava estudo especial em responder por um modo vago, o que porém, significava percepção clara do inquerito e a possibilidade de responder com acerto. Assim, em vez de se dizer natural de Moncalieri, declarava ser do paiz *d'iaso* e chamar-se Tojoo, arrastando extremamente a voz; mas depois, convidado a escrever o nome, assignou nitidamente *Vittorio*.

Os simuladores geralmente estudam a maneira de empregarem periphrases em vez de darem ás cousas e ás pessoas os nomes apropriados, para de certo modo demonstrarem que a memoria se lhes varreu e que cahiram na situação das crianças e dos imbecis, que, com diminuta provisão de palavras e de cousas conhecidas, devem tornar-se comprehendidos pelos outras.

Mas, se, no decurso da conversa, se fere ou aguilhoa um pouco vivamente a sua susceptibilidade, então o despeito impelle o simulador a mudar immediatamente de conducta e de linguagem.

Assim, sendo este interpellado sobre a vida da prisão, dizia-me que se passava mal, porque somente se recebia pão e rancho; mas, perguntando-lhe se nunca pensara em melhorar o alimento com o producto do seu trabalho, respondeu com vivacidade, já sem cantilenas, que essa melhoria era o fructo sacrosancto do seu trabalho, que era adquirida com dinheiro ganho com o seu suor, e não uma mercê da governo.

Ao passo que manifestava aquella perturbação de memoria, das idéas e da linguagem, comia com appetite, dormia noites regaladas e caminhava com um desempenho marcial. Nem o exame externo do corpo, nem o da sensibilidade e motilidade denunciavam qualquer lesão. Primeiro mostrava sensibilidade tactil obtusa; mas, renovado o exame, vi que, a milimetro e meio de distancia, sentia distinctamente na parte interna da cabeça dos dedos as pontas do estesiometro. O dynamometro mostrou ser normal a força: 34° com uma e outra mão. O mesmo se dava com a sensibilidade geral e a dolorifica, medidas com a corrente electrica, que era presentida a 102°, e causava-lhe dor a 42° na direita e a 48.° na esquerda, como reconheci depois de alguns exames, inutilizando as tentativas feitas para me embaçar.

A simulação era evidente; alguns dias depois, acabou, confessando-a o proprio simulador. O excesso de velhacaria atração de ordinario os simuladores, porque, ignorando as gradações e as successões das formas morbosas e visando a

um effeito maior, recorrem ás mais graves, sem pensar que estas costumam ser precedidas de outras menos assignaladas, e quasi nunca chegam a representar o quadro completo da forma morbosa que pretendem fingir.

Ha algumas semanas, saltou da cama um preso, hospede assiduo da cadeia, e poz-se, sem nada nas mãos, a levantar e a baixar os braços á similhaça de quem cavasse com uma enxada.

Afadigou-se em tal exercicio, agitando o corpo e os braços, a ponto de se lhe cobrir a fronte de camarinhas de suor. Na visita disse-me que tivera a apparição de uma senhora mysteriosa que o encarregara de abrir uma sepultura para se enterrar lá todo o genero humano. Deixei-o trabalhar á vontade, e como dizia ter aversão á comida, tambem o não contrariei n'isto, pondo-o a dieta. Não tinham passado tres dias, estava curado.

E' muito raro que um simulador se satisfaça com a apresentação de qualquer forma de alienação mental sem ter o cuidado particular de chamar a attenção do examinador para a loucura. Umhas vezes são referencias a alienados, ora ao maricomio, ora aos alienistas.

Um que, entrado apenas no carcere, pretendia passar por sitophobo, inquirido sobre o motivo da sua detenção, respondeu que tinha sido preso por não ter podido levar um cão ao doutor Perrotti e ao professor Lombroso, querendo evidentemente com a referencia aos dois eximios alie-

nistas dar a perceber que já tinha sido observado por elles. Mais tarde attribuia a sua captura á tentativa de envenenamento d'uma amante.

Tratava-se de um preso juvenil, mas reincidente perverso; conhecia a importancia que os alienistas attribuem ao exame biologico e anamnastico dos alienados e por isso pretendia falsar todas as indicações. Quando a corrente electrica causava contracções fortissimas nos musculos da mão, declarava-se insensivel, embora a physionomia revelasse um esforço evidente para mostrar impassibilidade. Asseverava que na vida livre bebia diariamente uma quantidade extraordinaria de alcool, e queixava-se de dores na cabeça e no coração, e de insomnias.

Isto, porém, durou só uma noite, pois nas seguintes dormia profundamente.

Entre o simulador e o alienado ha uma differença característica. Em quanto o alienado nega a propria alienação, as suas desordens cerebraes, e nas respostas mais procura antes desviar do que encaminhar o examinador na investigação das causas perturbadoras das suas faculdades mentaes, o simulador lastima-se quasi sempre por ter a cabeça oirada, por não saber o que faz, por ter abusado do alcool, por ter sido um joguete de todas as paixões. Um alienado, que se tenha curado de um ataque de verdadeira alienação, revela-se por caracteristicos identicos.

Reconhecendo vantagem em passar por louco, como o simulador, trata de pôr evidente uma al-

teração que já não existe; mas cala ou não lança luz sobre os verdadeiros caracteres e factos que mais idoneamente demonstrariam a forma e o acesso morboso soffrido realmente.

Facto estranho, mas authentico: a maior parte dos simuladores é gente anomala, que, muitas vezes, padece de loucura moral congenita, fructo de hereditariedade morbosa, como se prova pela alienação dos paes ou de outros parentes, e pelas particularidades da mesma loucura moral, denunciada pelo seu character desde tenra idade.

Aquelle que nunca visitou os carceres para ahí estudar esses entes tÿpicos, que, se não constituem a maioria dos presos, imprimem todavia a sua feição no gentio das cadeias, difficilmente formará idéa nitida d'estes seres degenerados, com intelligencia que lhes favorece a astucia, mas com singular perversão da vontade e das qualidades affectivas, d'onde vem que praticam as acções mais estranhas, sem que se comprehenda o motivo que as determinára.

Um d'estes, que no carcere fingia ataques epilepticos, sempre que o acesso podia ser notado, questionador e em discordia com seu proprio pae, achando-se na sala do municipio onde se procedia á inspecção dos recrutas, ouviu chamar pelo nome de um que estava então preso, apresenta-se, affirmando ser o proprio, foi julgado apto e serviu militarmente com nome supposto, quasi dous annos, até que foi casualmente descoberto; expondo assim o inconsciente substituido a um

processo, do qual sahiu a custo absolvido, provando a absoluta ignorancia da substituição e a impossibilidade de a descobrir por ter passado todo aquelle tempo na cadeia.

Outro que fôra preso em Biellese por vadiagem, no carcere declarou que fugira de casa por ter morto uma irmã com quem tivera uma pendencia. Officiou-se para Turim, residencia da familia, e apurou-se que era totalmente falsa a declaração. Fingiu-se louco, depois epileptico, para ser passado á secção dos convalescentes; fez varias contusões na cabeça para mostrar que, na inconsciencia do accesso, cahia, batendo com a cabeça no pavimento. Reconhecendo a inutilidade de qualquer simulação, durante algumas semanas, esteve resignado, depois do que, desejou mudar para uma cella de castigo, dizendo que dormia lá melhor, e alli permaneceu tranquillo por alguns dias. Resolveu jejuar durante quatro dias no fim do mez.

Aproximando-se a época, avisou e cumpriu escrupulosamente, não comendo durante tres dias, até que, vendo-me determinado a alimentar-o com a sonda esophageana, resignadamente pôz termo ao jejum, um dia antes do fixado. Era um destríssimo gatuno. Adoecendo, dizia-me, sorrindo: — D'esta feita vou-me; nunca mais embacarei ninguem.

Estes individuos são um tormento continuo para todos, para ás familias, ás quaes dão mil desgostos, para a sociedade, continuamente ameaçada

pelos seus impulsos maleficos, e nas cadeias, depois de terem enfadado os guardas e directores, poem em difficuldades o medico, que, entretanto que descobre as suas ficções, é obrigado a reconhecer que são types anormaes, que têm uma originaria deficiencia de senso moral, fructo de uma hereditariedade morbosa, e é ao mesmo tempo compellido, em vista da repetição continua dos seus actos extravagantes e reiteradas violações da disciplina, a adoptar no tratamento d'estes infelizes um processo em que entrem as exigencias da ordem e os dictames da sciencia.

Tenho actualmente em observação um typo dos mais singulares. A cara é de um satyro, e é difficil decidir se na physionomia prevalece a impressão da malicia ou da estupidez.

Punido, é peor. Estava-se em janeiro, e, depois de alguns dias de castigo, rasgou a roupa toda e veio á visita nu, coberto apenas com as calças.

Reprehendi-o, poz-se a rir, mas que riso!

Aquella zombaria na sua cara, prognatha, sem barba e cor de terra, tinha um quê satânico.

Queixa-se de padecimento do estomago, de continuas polluções involuntarias, pede remedios, pragueja contra os guardas, exagera os seus males, commove-se, e quando a sua voz alterada e afflicta parece um prenuncio de pranto, o apparecimento de um guarda, ou um furtivo olhar lançado a um parceiro provoca-lhe um riso ironico, sarcastico, que, reprimido, estala.



O escorbuto é o resultado legitimo dos seus desregramentos.

Depois das alternativas de alimento de doente e de jejuns a pão e agua foi mandado para a companhia de outros. Recusando-se-lhe um pedido, determinou fazer-se doudo. De noite perturba os companheiros com barulho, de manhã, pega na bilha, e, quando eu chego, põe-se a tocar n'ella com a colher, olhando-me com o seu ar especial de zombaria. Deixou-me sair e arremessou a bilha ao chão. Vinte e quatro horas de collete de força amansaram-no.

Esteve socegado alguns dias, mas depois, altercando com um companheiro, foi recolhido na cella. Protesta a sua innocencia, argue de mentirosos os companheiros e os guardas; não sendo attendido, esfarrapou o vestuario e foi acocorar-se nu á janella. Obrigado a descer, pegou na marmitta, defecou dentro e comeu, enquanto o guarda o espreitava pelo rotulo.

De manhã apresentou-se-me nu completamente na cella, com os beiços e a barba enlambusados de excremento, e queixa-se de doença do estomago.

Faltava-lhe apenas um mez de prisão.

Esforço-me por lhe persuadir que arruinava a saude, e que, á saida, iria em termos de não poder affrontar as fadigas da existencia, sendo victima de molestias graves ou de uma morte precoce; e bem assim que era do meu dever exigir-lhe um bom comportamento para ser tratado. Pa-

receu meio convencido; mas, dias depois, o servente avisa que elle estava atando á grade um laço feito com a toalha de limpeza.

Foi para junto de outros, e não tinham decorrido 24 horas, já um se queixava de que, durante a noite, o convidava para obscenidades.

Nem todos os loucos Moraes attingem tal grau de aviltamento; mas não é grande a distancia que os separa. Malicia, simulação e insensibilidade são os seus traços característicos; estudando a etiologia, chega-se á descoberta, quasi sempre, de que estas alterações estão relacionadas com alterações intellectuaes ou nervosas dos ascendentes collateraes. A classe dos epilepticos offerece muitos casos. O meio mais adequado a mantel-os disciplinados é o trabalho. Ha pouco tempo ainda, observava um, attento ao seu trabalho, e o guarda, que estava perto de mim, disse: —Veja como trabalha este patife que tanto desespero lhe causou; são todos assim; em vez de se premiarem os presos pacificos, dando-lhes occupação, a boa ordem da cadeia exige que se façam trabalhar os peiores; a occupação socega-os, não incommodam.

## CAPITULO VI

Raridade relativa dos fallecimentos no carcere—  
O escorbuto—O laudano—Prevenções contra as  
molestias—Alienações mentaes—Influencia do  
isolamento—Caracteres distinctivos dos loucos  
delinquentes—Um typo de alienado criminoso—  
A enfermaria—Caracteres physionomicos dos  
delinquentes.

Não ha muito ainda que o professor Mosso fi-  
zera uma conferencia sobre os damnos ermegen-  
tes do trabalho exercido com demasiada intensi-  
dade ou duração. A prova de que a fadiga é real-  
mente uma molestia que derriba muitas vi-  
ctimas com a foice da morte, vê-se na mortalida-  
de relativamente grande dos nossos soldados.  
No carcere remanseia-se na mandriice, e por isso  
alli é minima a mortalidade.

Com uma media diaria de presos que regula  
por 700 a 800, quando não é superior, a morta-  
lidade media nos ultimos tres annos foi só de  
11 decessos em cada anno, que corresponde a  
14,66‰; proporção que não está longe da que  
offerece a mortalidade no exercito, onde, em 1878,

houve 10,64 decessos por milhar, ou 11,260/100, incluindo-se os fallecimentos dos licenciados em convalescença.

Comtudo ao carcere confluem pessoas de toda a qualidade desde os 10 aos 70 annos e mais ainda, com todos os achaques oriundos de uma hereditariedade morbida e com as varias alteraões, que são a sequencia dos padecimentos e dos vicios.

Ao avesso da vantagem de uma mortalidade minima, temos, porém, uma morbosidade especial, para cuja existencia concorre, não pouco, o ocio prolongado.

O preso, nos primeiros dias de encarceramento, se anteriormente não tinha já a saude enfraquecida, costuma sentir nauseas e fastio. E' o primeiro effeito da clausura cellular sobre o physico.

A dor moral dos que são presos a primeira vez pode influir tambem n'este primitivo mal-estar.

A maior parte dos condemnados entra depois n'um periodo de bem-estar relativo com o renascimento do appetite; mas, se a detenção é demorada, e não se dá ao preso alimento diverso do ordinario, este, depois de ter subido do appetite á voracidade, descae lentamente n'um fastio, e n'um langor, prodromo do escorbuto imminente.

A primeira manifestação d'esta molestia caracteriza-se, em regra, pelo apparecimento de pequenos pontos avermelhados na pelle, que a tor-

nam escabrosa, mais proeminentes a principio na parte externa das pernas e das côxas, invadindo por fim as outras regiões do corpo.

Com o progredir da molestia, as borbulhas avolumam, tomam uma côr violacea, as gengivas tornam-se descoloridas e esponjosas, sarapinta-se a epiderme de largas manchas de sangue extravasado, e com estas hemorragias vem uma illiada de males, complicações variadissimas da molestia principal.

Aquella primitiva aspereza da pelle nota-se sempre, ao cabo de alguns mezes de detenção cellular, nos presos que das familias não recebem alguns viveres.

A molestia não passa d'ahi muitas vezes; mas este symptoma dura mais ou menos tempo, embora sobrevenha melhoria de alimentação ou o goso da liberdade.

Quando, de manhã, na visita dos que entraram de novo me aconteceu obrigar algum com a pelle pontuada de manchas, ora de um vermelho violaceo, ora de amarello desmaiado, sem preambulo, pergunto-lhe ha que tempo deixou de estar encarcerado, a resposta infallivel é que saiu do carcere não passa de um mez. Uma vez somente aconteceu encontrar um que respondeu não ter estado ainda na cadeia; mas era um rapaz proveniente da Generala, preso por mau procedimento lá, e que já tinha estado por isso n'uma cella de punição.

No meu modo de ver, a causa do mal está na

difficuldade que o sangue tem de manter a sua regular composição no ambiente infecto da cella, sem o auxilio da excitação do vinho em dose moderada ou de um alimento substancial acompanhado de um conveniente exercicio muscular.

O escorbuto não se origina somente na falta de um alimento variado e succoso, prova-se isto com a simples observação de que milhares e milhares de individuos da população livre não têm comida tão salubre e relativamente copiosa como a dos encarcerados, e todavia não apresentam nenhuns phenomenos de escorbuto.

Contava-me o collega doutor Rizzetti, que sendo transferido para esta cadeia o salteador Crocco, vinha com um aspecto duro e feroz, que, ao encaral-o, incutia pavor.

Por ordem expressa do ministro, desde o dia da chegada, foi-lhe dado o alimento privativo dos convalescentes, tendo carne e vinho; todavia, apesar d'este tratamento, corridos tres ou quatro mezes, estava escorbutico.

Os madraços que se estiram longamente na cama, são os primeiros, que o escorbuto invade, e difficilmente são poupados aquelles que incorrem em castigos amiudados e duradouros. O melhor remedio preventivo contra esta doença é o trabalho, que tira o preso do ocio e dos consequentes habitos corruptores, determina um hygienico exercicio muscular, põe o preso em condições de respirar um ar mais livre e menos inqui-

nado do que o do ambiente crasso da cella, e proporciona-lhe meios de addicionar á ração diaria algum alimento especial.

O trabalho na cella, se não possui estas vantagens todas, tem algumas pelo menos.

Como meio therapeutico não ha nada mais effcaz do que um alimento succulento, regado por um pouco de vinho.

A raiz de genciana é muito util contra o fastio primitivo. Dá-se em substancia ao preso, que a deita na vasilha da agua. Esta adquire um sabor ligeiramente amargo, que a torna agradável em geral e serve para combater a atonia do estomago, avigorando a digestão por um periodo de tempo mais longo, do que seria aquelle em que faltasse um tal auxiliar.

Mas o remedio culminante na cadeia é o laudano. applica-se nas dores rheumaticas, vulgares entre presos, é util nos catarrhos gastro-intestinaes, que são frequentes, e é pedido com insistencia, quando a idéa da sua infausta sorte, mais viva e pungente, salteia o animo dos encarcerados. Aquelles a que se esquivam a feiticeira esperanza d'uma absolvição, os que são condemnados n'uma pena grave, superior á sua expectativa, imploram que se lhes dê uma poção laudanisada, que os estonteie, que lhes entorpeça a consciencia de si proprios e que lhes concilie o somno, que tambem foge dos desgraçados; e o laudano vae impedir muitos suicidios que, sem a sua concessão, talvez se tentariam.

Não são frequentes relativamente as molestias dos órgãos respiratorios.

Adoptamos eu e o meu collega o expediente de reduzir ao minimo o tempo durante o qual os presos tragam fato de linhagem.

No anno passado, sob a ameaça do cholera, as calças de lan foram usadas no estio pelos presos que se não empregavam nos varios misteres da cadeia. Deve-se a esta medida, principalmente, uma grande baixa da mortalidade e a diminuição nos frequentes decessos pela tísica.

No nosso clima muito variavel, julgo para todos uma cautella de alta importancia hygienica ter as extremidades bem agasalhadas. Para os enclausurados na cella, que estão quasi immoveis, é mais do que uma conveniencia, é uma necessidade para que não vão direitos a doenças inevitaveis, que a vida carceraria pode tornar mais facilmente fataes.

Se carecesse de demonstração a virtude preservadora da revaccinação contra a variola, dar-lh'a-hia, luminosa, o facto de, no anno passado, não haver no carcere senão 16 casos com um obito, grassando uma epidemia na cidade, apesar de, no seu principio, ter sido importada para lá, antes de se ter procedido á revaccinação geral. Desde então em diante, sendo regularmente vaccinados quantos entravam, não houve mais caso algum, não obstante serem recebidos convalescentes d'aquella molestia e um em que ella estava no periodo de incubação.

As molestias que duplamente interessam no carcere pela sua relação com os crimes, são as alienações mentaes e a epilepsia, que representam uma parte muito importante na pathologia carceraria.

Não ha forma de alienação mental que alli não appareça, desde o idiotismo congenito á demencia consecutiva.

Alguns entram na cadeia com a forma morbosa manifesta já, outros com ella encoberta, e só se patenteia com a demora na prisão.

Ha no isolamento cellular um poder especial de pôr a descoberto as formas latentes da loucura.

Surprehende o estado de erethismo em que a cella põe geralmente os alienados. Um ex-carabineiro, alto e membrudo, affectado de melancholia depois de graves golpes na cabeça, entrou no carcere crivado de ferimentos recebidos na resistencia opposta á captura, e foi directamente para a enfermaria. Curado dos ferimentos, não obstante não se ter submettido regularmente ao tratamento, passado algum tempo, torna-se inquieto e pede insistentemente que o mandem para a cella. O primeiro dia passou-o lá socegado; mas no segundo vòta em estilhaços a vidraça e espatifa tudo na cella. Correm os guardas e volta-se contra elles. Com muito custo conseguem subjugal-o e conduzil-o para uma cella de castigo, bem seguro com o collete de força. Mas rasgou-o e tiveram de prender-lhe solidamente mãos, braços, e pernas, para o reduzirem á immobibilidade.

Reconduzido á enfermaria, esteve tranquillo, até que, volvidos alguns mezes, repetiu-se a agitação, e com esta, a insistencia para voltar á cella. Resistiu, insistiu de novo; escreveu cartas successivas ao guarda-chefe para lhe ser concedido este favor, que seria um castigo para os outros. Realizou-se por fim o seu desejo, sendo mandado para a cella. No primeiro dia esteve tranquillo; mas no seguinte a furia voltou e com ella o quebramento dos vidros e da mobilia, em seguida, a desobediencia. Depois de tres dias de colleite de força, o director concedeu-me, com difficuldade, que o pozesse em companhia d'outros, ficando sosegado e manso como um cordeiro.

Ha um facto que impressiona quem tenha um campo bastante vasto de observação. O louco delinquente, que se nos depara nos carcerees, tem uma feição característica, que o differença do louco vulgar. N'este a desordem da intelligencia manifesta-se mais claramente e affecta o caracter moral do individuo, que se altera tambem, conservando todavia, geralmente, vestigios do seu estado primitivo.

No louco delinquente a alteração do caracter moral é congenita, e as suas perturbações impõem-se á attenção do observador, que, notando a dissimulação, a malicia peculiar, a insensibilidade e a ausencia de todo o principio moral do individuo examinado, hesita se o deva ter juridicamente como louco, se como patifão consumado, ainda quando, alem da loucura moral, apresenta

desordens reaes da intelligencia, e principalmente quando a alteração moral é constante e as perturbações intellectuaes intermittentes.

Aconteceu-me uma vez ler um attestado de um medico, que, chamado a depor sobre o estado mental de um seu cliente, que já tinha entrado para um maniconio com certificado seu, concluia depois que o mesmo individuo não era um louco, mas um malvado, confessando ingenuamente ter-se illudido da primeira vez. Fundamenta a sua nova opinião, recordando as tendencias notaveis para a violencia e brutalidade, manifestadas por aquelle desde o principio da sua juventude. Entretanto tratava-se de um individuo que tinha tentado um assassinato sob o dominio de um delirio classico de perseguição, nascido depois de allucinações, reconhecidas já na sua longa estada no manicomio, donde saira curado imperfeitamente.

Entre os varios loucos delinquentes, cuja observação especial me coube, são poucos aquelles em que a desordem moral tenha sido subsequente á desordem da intelligencia; na maior parte a alteração moral precedeu e conservou-se predominante sobre a intellectual, e são exactamente estes os casos em que os magistrados acolhem com desconfiança o juizo dos peritos.

Ha dois annos que eu fui encarregado com o professor L. Berruti de informar sobre o estado mental de um preso dos nossos carcerees, arguido de furto qualificado. Tinha aquelle varias profissões, impressor, caiador e pintor, e vagando em

demanda de trabalho, achou occupação temporaria n'uma terriola sobre o Astigiano. A familia que lhe proporcionara trabalho, dera-lhe tambem hospitalidade; mas n'uma bella manhã teve a dolorosa surpresa de ver que o hospede partira sem cumprimentos, levando umas joias de ouro da dona da casa e 3000 liras que o marido recebera na vespera.

O furto era bem evidente; mas, duvidando-se da integridade das faculdades mentaes do accusado, fomos incumbidos de o submeter a uma regular observação e dar o nosso parecer.

Os magistrados não se conformaram logo com a declaração de que era um alienado, e só, depois de se adduzirem outras provas e documentos justificativos, foi resolvido que o processo não corresse contra o accusado, sendo recolhido no manicomio.

Comtudo não podia restar duvida sobre a realidade da loucura. A mãe era uma alienada, e elle, desde rapaz, fôra sempre discolo, insubordinado, voluvel, larapio e bebedo. Nunca dera mostras de applicação a qualquer trabalho, quer no collegio, quer nas varias officinas em que o pae o collocára.

Tendo-se mais tarde alistado no exercito, foi condemnado por furto a reclusão militar, mas, sobrevindo-lhe manifestações de loucura, teve baixa. Desde então succederam-se alternadamente accessos de mania e actos criminosos. Entrara no manicomio; mas, tendo saído, perpetrou uma

subtracção fraudulenta, havendo-se inculcado agente de negocios e recebido mercadorias no valor de muitas centenas de liras.

Gastou o provento da venda; depois, dado um lauto jantar, disparou um tiro no ouvido direito.

Não morreu, mas ficou com uma paralyisia permanente na face. Mais tarde entrou por furto na cadeia.

Passados dois annos, os guardas de segurança publica encontraram-o, n'uma manhã de inverno, a divagar semi-nu pelas ruas da cidade, e reconduziram-o ao manicomio.

Ali deu assumpto para uma monographia feita pelo doutor Albertotti, publicada no jornal da Academia de medicina. Esteve no manicomio muitos mezes, mas, illudindo a vigilancia dos guardas, conseguiu fugir, e não houve mais noticia d'elle até commetter o furto das 3000 liras.

Não obstante o defeito da face, foram baldadas as diligencias para o descobrir, até que, um mez depois do furto, elle mesmo se apresentou ao questor de Livorno na Toscana, dando-se como medico de Pianezza, e solicitando a repatriação gratuita para elle e uma companheira, que apresentava como esposa.

Pelo telegrapho averiguou-se que eram falsas as declarações, pelo que foi preso e mandado para Turim, onde em vista do defeito da face foi a sua identidade reconhecida.

Em breve, patenteia-se no carcere, a desordem

das suas faculdades mentaes. Desenvolve-se manifestamente o delirio das grandezas. Crê-se em relação com os astros, com que se corresponde durante uma grande parte do dia. E' proprietario de navios, conhece o modo de converter o assucar mascavado em ouro. Espera continuamente a chegada dos seus navios ao porto, e queixa-se dos inimigos que o encarceraram.

Durante mezes não dorme, ou dorme pouco. O guarda da enfermaria que o vigia encontra-o sempre áleria. Teve dois accessos de sitophobia.

No primeiro esteve sem comer nem beber dois dias; no segundo, que se protrahiu até cinco dias, empregou-se a sonda para o alimentar artificialmente. Permaneceu immovel na cama os quatro dias do accesso com a bocca cerrada e os olhos arregalados, noite e dia, sem soltar uma palavra, impassivel á punctura, ao estímulo electrico e a todo o excitamento operado para lhe despertar a sensibilidade dolorifica. Ao quinto dia salta do leito subitamente, e meio nu entra a dançar furiosamente na enfermaria e com uma seriedade tal que o não excederia o rei David, bailando deante da arca sancta.

A biographia do infeliz e os documentos justificativos d'ella convenceram finalmente os magistrados e o accusado foi recolhido no manicómio.

Nem todos os loucos que entram no carcere revelam por indole a falta de senso moral que os impelle ao crime; alguns ha que o tem quasi

intacto e conservam ainda uma boa parte; estes naturalmente captam as sympathias geraes, porque são, o mais das vezes, ingenuos, inoffensivos para os companheiros e attrahentes.

Um d'estes, posto na companhia de um demente sordido, que praticava toda a sorte de desconcertos, divertindo-se com as immundicias, noite e dia o admoestava amigavelmente e lhe prégava as regras de bem viver, exhortando-o a que se não emporcalhasse, a que comesse e dormisse socegradamente na cama. «Dá-me vontade, dizia-me, de lhe applicar uma pequena correcção, mas não o faço, tenho pena d'elle, pois não tem a cabeça no seu logar.»

A classe mais desgraçada dos presos é a dos epilepticos. Exerce uma sinistra influencia sobre o seu character moral, fóra ainda dos accessos, a má disposição physica que lhes affecta os centros nervosos; d'onde vem que, se a sua physionomia, irregular o mais das vezes, o olhar sombrio e a cor livida não inspiram sympathia, menos ainda a inspira a sua conducta habitual. Suspeitosos uns dos outros, brigões e mentirosos são geralmente abhorrecidos pelos companheiros e mal vistos pelos guardas. E o cumulo da desgraça é que o seu estado não desperta em seu favor a compaixão que se tem pelos alienados, e por isso, no carcere e fóra, chovem sobre elles punições frequentes. São condemnados até pelos crimes commettidos na mais clara inconsciencia de um accesso psychico. Todavia, pode dizer-se que a



sua responsabilidade é menor ainda do que a dos alienados.

Tem o seu tanto de estranho o espectáculo de um acesso epileptico. Uma noite approximei-me de um que teve n'esse instante um ataque, estava semi-erecto no leito, o olhar fixo e torvo. Fallei-lhe, e elle, enrubecendo-se-lhe subitamente as faces, atira-se com furia ao enfermeiro, que estava no lado opposto do leito.

Quem o visse estrebuchar nos braços dos enfermeiros que correram a segural-o, julgal-o-hia um homem arrebatado pela colera, luctando com inimigos que o assaltaram. As pupillas eram dilatadas e não reagem á luz, em quanto que os reflexos tendinosos das pernas eram promptos e vivacissimos. Durou o acesso 24 horas, e o extraordinario era que, durante elle, os presos seus companheiros, podiam approximar-se impunemente, excepto um velho de barbas brancas. Logo que este se chegasse ao leito, o epileptico entrava subitamente em agitação violenta e tentava arremessar-se contra elle.

Na manhã seguinte não tinha a minima lembrança do succedido no ataque. Outro epileptico estava precisamente encarcerado, porque n'um dos accessos disparára o revolver contra uma pessoa, com a qual nunca tivera nem questão nem qualquer resentimento.

As varias secções da enfermaria são povoadas por epilepticos, imbecis, doentes chronicos, conjunctamente com algum affectado de molestia

ordinaria. Esta parte da cadeia é a que maior impressão costuma causar ao visitante. A ideia de que entre estes doentes, prostrados pela molestia, ou a pé, junto dos leitos, estão talvez formidaveis salteadores e assassinos ferozes, insinua um certo sentimento de inquietação a quem por habito não é indifferente áquelle quadro, e basta um relance d'olhos pelas varias caras expostas a exame, para logo se comprehender que está ali gente que, apezar de adoentada, mais promptamente cumprirá os seus deveres com a presença dos guardas, do que com as ordens dos medicos, ou com as exhortações do capellão.

Este deve por mais d'uma vez sentir-se contrariado com aquelles olhares percucientes, feito alvo de zombarias e gracejos, que a custo refreia o supercilio severo ou a voz troante do guarda.

Mais de um moribundo lhe tem repellido com rude grosseria as suas exhortações e os seus confortos.

Ao medico não faltam surpresas nas suas visitas; por vezes tem de medicar os doentes por ferimentos e contusões resultantes de desordens travadas com os companheiros de enfermaria, e nem sempre pode occultar o seu doloroso espanto, quando indaga a historia dos extraordinarios clientes entregues ao seu cuidado.

Nos primeiros tempos em que fiz serviço no carcere, apresentou-se a solicitar a minha assistencia um preso de humilde e adoentado aspecto.

que parecia um S. Luiz Gonzaga. Só, ao terminar a cura, soube que tinha de ir ao julgamento. Vi-o ir e voltar em dois dias consecutivos, e, admirado d'isto, quiz conhecer o delicto que lhe era imputado, vindo a saber que o accusavam de parricidio. N'aquelle mesmo dia os jurados o condemnaram á morte como assassino de sua mãe. Confesso sinceramente que a monstruosidade do crime revoltou-me contra aquelle miseravel; todavia, quando, semanas depois, o encontrei de novo doente na cella, quebrantado pelo mal, não pude eximir-me a ter compaixão dos seus soffrimentos e a prestar-lhe todos os cuidados que entendi necessarios.

E' um facto singular, mas constante. A curiosidade dos visitantes, antes ainda de inquirir os males de que padecem estes infelizes, é estimulada pelo desejo de conhecer os delictos de que são culpados.

E não faltam os erros de diagnostico, quando pelos signaes externos se quer perscrutar a natureza das paixões que lá dentro incubam.

Geralmente procuram-se os typos dos homicidas e dos assassinos nas physionomias mais carancudas, com arcos superciliares salientes, barba hispida e basta, olhares torvos; mas, como diz o proverbio, são as aguas mausas que arruinam as pontes e as mais sangrentas feras humanas escondem-se, o mais das vezes, sob as faces imberbes e descoradas.

Um olho glacial tem para o physionomista uma

expressão bem mais profundamente temerosa do que o olhar flammejante de furor. E as physionomias com uma fascinação particular, essas pertencem aos mais formidandos criminosos.

## CAPITULO VII

Menor criminalidade das mulheres italianas—As prostitutas—Proceder das presas—A epilepsia e as molestias convulsivas nas mulheres—Uma hystero epileptica—Os effeitos d'uma captura—O suicidio nas mulheres—Religiosidade—A base do raciocinio feminino.

E' destinada a mulheres uma pequenissima secção do carcere. Comparada com a dos varões, é muito menor entre nós a criminalidade feminina, e é inferior proporcionalmente á das outras nações, que se orgulham de um maior progresso na civilisação.

No periodo dos ultimos 14 annos, entraram no carcere 7442 mulheres, ao passo que no mesmo tempo o numero dos homens chegou a 56294. As mulheres não representaram por isso senão 11,60% da criminalidade total. A proporção sobe um pouco, chega a 13,670%, abatendo-se os presos em transito, na sua maior parte, expulsos da França, entre os quaes o numero das mulheres é relativamente muito menor. Comtudo a propor-

porção da criminalidade femínil é ainda bem inferior á da cidade de Munich, na Baviera, onde, no periodo de 1862 a 1866 foi de 22%, ou á da Inglaterra e do paiz de Galles, onde, desde 1834 a 1862, foi de 24,20% nos crimes mais graves, e inferior á de Londres, que subiu a 34,9% no periodo de 1854 a 1862, á de 40,8% em Liverpool e á de 45,6 em Dublin.

Se, como geralmente se sustenta, uma mulher corrupta é muito mais perigosa para a sociedade de que um homem corrupto, motivo haveria para se ficar satisfeito ante esta distribuição da criminalidade nos dois sexos.

Não é difficil a explicação da differença. As causas principaes que occasionam os delictos são o abuso das bebidas alcoholicas e a repugnancia ao trabalho mais ainda do que a difficuldade de o alcançar. Entre nós as mulheres são muito menos dadas ao alcoolismo do que em outras nações; e por isso estão a salvo de muitos crimes de violencia e desordem que têm mais estreita connexão com aquelle habito vicioso, e, pelo que respeita aos delictos contra os bons costumes, são ellas defendidas ordinariamente pela sua mesma natureza, que mais as torna victimas do que autoras de taes crimes, postas de lado as que se dão ao lenocinio.

Quando as mulheres, por desamparo, por inclinação, ou por habitos irregulares adquiridos, odeiam o trabalho, ou têm difficuldade de prover ás necessidade da sua existencia por meios deco-

rosos, resta-lhes o recurso da propria belleza, com o tributo da qual, em quanto a juventude e a formosura se não esvahirem, podem manter-se n'um campo que, se não é moral, não está ainda fóra de terreno da legalidade.

A classe das prostitutas é a que envia ao carcere maior numero de presas, que vão com alguns dias de clausura pagar a sua desobediencia aos regulamentos sanitarios. E' singular que sejam relativamente muito raros n'esta classe os crimes contra as pessoas e contra a propriedade, sendo, na sua maioria, presas unicamente por motivos disciplinares, por não comparecem á visita sanitaria, porque apparecem a horas ou em logares defesos, ou porque, excitadas pelo vinho, insultam os agentes da policia. Talvez o pudor de denunciar furtos praticados por prostitutas obste a que muitos, embora lesados por ellas, não as accussem.

De ordinario, entram na cadeia altivas, com passo saltitante, rugindo sedas, conhecidas e saudadas pelos hospedes que as recebem ou por aquelles que as inscrevem no registro. Como a demora na cadeia costuma ser curta, por poucos dias, a prisão não lhes é penosa, principalmente se por mais vezes as visitaram, ou se conseguem ficar aos pares na cella. Se ainda estão florescentes, não faltam as dadivas com que lhes dulcificam a clausura; pelo que, despreoccupadamente, aguardam o dia em que virão esperal-as de trem á porta do carcere os rufiões, cuja physonomia



se não revela a dignidade moral do homem, mostra ao menos o vigor physico.

Quando já são durasias, a saída é menos brilhante. Encontradas bebedas pelos guardas, carecem ás vezes de demora até á completa combustão do alcohol absorvido.

Diverge bem o porte das pobresitas, capturadas pela suspeita d'uma primeira culpa.

Desfeitas em pranto, mais são arrastadas do que conduzidas á repartição do registo e d'ahi á cella. Ali gritam e succedem-se alternativamente os choros e os lamentos, as vozes de desesperação e os protestos de innocencia, até que a mão salutar do tempo lhes traz o balsamo leniente, e as transforma em reclusas, mais ou menos socegadas.

O desespero attinge mais facilmente o seu ponto culminante nas mulheres innocentes, ou não corruptas de todo, do que nos homens. Estes supportam com mais firmeza de animo o tempo de prova que deve preceder o julgamento que os liberta. O amor proprio das mulheres é mais vivamente ferido com a vergonha da prisão e com o sentimento da dignidade offendida pelas abjectas companhias que se lhes dá; o isolamento exerce a sua acção nociva sobre o organismo physico e psychico, donde resulta um rapido definhamento, e, muitas vezes, succumbem, se a piedade dos juizes não lhes apressa o julgamento ou a epocha da libertação.

Certa dama que, no anno passado, fôra presa

por suspeita de passagem de uma nota falsa, ficou tão amargurada, que, em breve, dava indicios de perturbação psychica e manifestava o proposito de suicidar-se, o que decerto não deixaria de tentar, se não chegasse a tempo a ordem que a punha em liberdade provisoria, que se converteu depois em definitiva.

As mulheres de posição equivocada e de idade madura, que já desceram por varios degraus da desmoralisação e que já perderam os encantos da juventude, são as que dão o maior contingente das verdadeiras criminosas: as que empalmam bolsas, as ladras domesticas e as alcoviteiras.

A base da criminalidade feminil encontra-se n'um defeito moral. Uma mulher, que, depois da primeira queda, se levanta arrependida, mostra uma força e um heroismo dignos de admiração, pois que á sua virtude falta o apoio do bom conceito publico e do pudor virginal. Mas á maior parte, ainda quando victimas de violencia, fallece o vigor para se levantarem; se as não arranca do abysmo um matrimonio feliz, precipitam-se de queda em queda no pego da corrupção, e rasgam o corrego por onde as de idade inexperiente resvalarão á mesma voragem.

Dá-se nas mulheres com bastante frequencia o crime de lenocinio.

O visitante da secção do carcere, destinado ás mulheres, nota á primeira vista maior socego do que na secção dos homens; todavia enganar-se-hia julgando as delinquentes mais doces e

submissas á disciplina. Custa-lhes mais o isolamento, porque sentem mais vivo desejo de communisar os seus proprios pensamentos e sensações; d'aqui vem que o systema cellular é mais afflictivo para ellas do que para os varões. Só a alguma rara innocente ou alguma menos corrupta poderá repugnar a companhia por se reputar contaminada com o contacto das depravadas e sentir-se enojada com os seus modos e palavras. A maioria soffre com o isolamento e sae d'elle com o character mais alterado. Isto e a maior impressionabilidade propria do sexo e exaggerada pelos desregramentos, á causa de que as pequenas contrariedades e as offensas do amor proprio produzem uma reacção rapidissima e violenta, que as torna cada vez mais ariscas e turbulentas do que os machos.

Embravecidas com a prisão, privadas do uso, já habitual, das bebidas alcoolicas, compellidas a uma solidão forçada, que frustra a tendencia para a intriga, não gosam nenhum dos contentamentos da vida. A dignidade de mulher já as não ampara. As privações pungem duplamente.

Dardejam longos olhares libidinosos aos poucos machos que lhes é dado lobrigar.

Da extremidade externa da secção das mulheres avistam-se os presos que vão passeiar a um pateo limitrophe.

Não faltam mutuas saudações, troca de palavras e desejos, o que para uma e outra parte é origem de castigos. Nem a sentinella, que anda so-

bre o muro de cintura em frente das presas, que tomam o sol no pateo de passeio, é poupada.

Ora dirigem-lhe olhares impudentes, ora dictos apimentados e motejos, ora palavras e gestos provocadores. No tempo em que se apossa d'ellas o orgasmo produzido pelas titillações do desejo insaciado, uma palavra, um signal, um olhar menos benevolo ou mal interpretado, exalta-as, e rompem então em gritos rediciosos, imprecações, actos de rebeldia e muitas vezes entram em scena as convulsões.

E' relativamente escasso o numero das reconhecidas como epilepticas; nos ultimos 14 annos, 4 somente foram registadas como taes, ao passo que subiu a 140 o numero dos epilepticos em igual periodo de tempo. Esta raridade da epilepsia é, porém, largamente compensada com a frequencia dos accessos de convulsões, que apparecem em mulheres não epilepticas. E' raro que uma encarcerada, ao receber uma noticia má, sob a influencia de um castigo, ou no dia da condemnação, principalmente se for grave, não seja atacada de mal repentino. Uma cahiu convulsa ao annunciar-se-lhe a concessão da liberdade provisoria.

Ora é moda o deliquio, ora as convulsões.

Parece que estas são o refugio nos lances difficeis. A astucia mais fina das mulheres facilita menos o discrimine das convulsões espontaneas das ficticias, e a maior compaixão que a fraqueza do sexo inspira, e que suggere mais indulgencia

aos juizes, jurados e directores, torna tambem o medico menos severo no indagar o limite preciso que separa a ficção da realidade.

«Eu tenho passado sempre mal, dizia-me uma, desde menina de 3 a 4 annos, sempre que a mãe me ralhava ou castigava, enraivecia-me, agitava-me, contorcia-me e cahia convulsa, e, desde então, logo que me contrariam, as convulsões atacam-me »

Um ar malicioso especial, que se revelava nos olhos pequenissimos e muito buliçosos, n'um rosto pequeno e inquieto tambem, como o de uma fui-nha, e mais que tudo a occasião em que appareceram as convulsões que eu não pude presenciar, e de que pretendia aproveitar-se para ter companhia, induziu-me a suspeitar que houvesse simulação. Mas os accessos repetiram-se em varias occasões, e segundo as informações da guarda, ficou fóra de duvida a realidade de accessos hystero-epilepticos.

A superior sensibilidade das mulheres facilita o apparecimento de phenomenos d'esta natureza, quando provocados por soffrimentos moraes, até em pessoas que parecia não estarem para elles predispostas e que d'elles não deram indicio na primeira idade da vida.

Ha mezes entrou no carcere uma joven de polida educação. Sendo capturada durante o periodo menstrual, foi tal o abalo, que o fluido estancou-se instantaneamente quasi. Na cadeia sobrevieram-lhe ataques de vomitos durante dias e se-

manas, até que fui chamado uma noite para a ver, porque, dizia, sentia-se suffocada por vermes na garganta. Gritava, arrebatava-se, contorcia-se e tentava introduzir os dedos na garganta para arrancar o obstaculo á respiração. Confessou-me que, desde o dia da captura, tivera noites de insomnia quasi continua, ou agitadas por sonhos pavorosos. Via-se levada então ao tribunal, surgiam-lhe os phantasmas dos juizes com suas togas e ouvia pronunciar contra ella uma sentença de 20 annos de reclusão.

Os soffrimentos arrancam-lhe gritos de dor e desespero; o seu desejo é acabar com a vida, morrer de repente. Qualquer alimento introduzido pela bocca é constantemente repostos. Depois de um breve tempo de delirio deu-se-lhe uma injeção hipodermica. A enferma tenta deitar-se a baixo do leito, vê mosquitos deante dos olhos, sente prurido pungente no vertice da cabeça, a respiração é ora tranquillada ora agitada, o pulso frequente. Algumas vezes tem movimentos geraes de estremecimento, as extremidades e o tronco frios; as pupillas pouco contrahidas reagem á luz ainda. Não tem consciencia do seu estado, vê presentes pessoas do seu conhecimento particular, dirige-lhes a palavra, discorre acerca dos juizes e da condemnação, pede insistentemente que a conduzam á rua e dispõe-se a sair do leito.

Dorme um somno, que parece um pouco reparador, mas só de madrugada; todavia os vomitos e a inconsciencia voltam logo; sobrevem o es-

trabismo interno no olho direito e o coma; e taes symptomas só desapparecem com uma menstruação abundante, a que succede o repouso.

Occasiões ha em que as convulsões são quasi epidemicas. A um primeiro caso succede inesperadamente outro e a este um terceiro ainda, sem que seja possivel descobrir a causa d'esta morbosidade, a não querer explical-a pelo desejo de fugirem ao tédio do isolamento e de serem postas em companhia de outras presas.

As mulheres pendem menos para o suicidio do que os homens. Desde a fundação do carcere actual, nenhuma o realisou, e é diminutissimo o numero das que o tentaram a serio.

Lembro-me apenas de duas que mostraram tendencias para se suicidarem e que empregaram meios reaes para isso; mas ambas eram alienadas, soffriam de delirio de perseguição.

Não são raras as presas que, sob o impulso da cólera ou do desgosto dos castigos, das condemnações imprevistas, ou superiores á sua expectativa, manifestem a tenção de se suicidarem, mas são poucas as que dão principio de execução ao seu proposito.

Não deve contribuir pouco certamente para a raridade do suicidio entre as mulheres delinquentes a menor frequencia d'aquella profunda insensibilidade physica e moral, que mais vezes se encontra nos criminosos do sexo masculino, e os torna indifferentes a tudo, até á propria vida. Tambem parece ter influencia na repugnancia

das mulheres pelo suicidio a sua coragem inferior e um certo obstaculo proveniente do pudor, embora reduzido a uma fórma rudimentar. Quando aquella joven, a cujo padecimento alludi já, se contorcia torturada pelos accessos de vomito, a guarda perguntára lhe se acaso teria engulido alfinetes para suicidar-se, conforme era o seu intento. «Oh! não, respondeu ella, o que se diz, não se executa. Só faltaria isto para que todos os jornaes fallassem e o meu nome corresse de bocca em bocca.»

Tambem no mesmo sentido pode cooperar o sentimento religioso, mais profundamente radicado nas mulheres do que nos homens. Embora a fé se tenha perdido, ainda ficam d'ella muitos vestigios.

Ha no carcere capellas especiaes para os dois sexos, onde podem ouvir missa nos dias festivos.

Cada preso ou presa assiste n'uma cellasinha separada, que os isola dos outros. Por uma pequena abertura vêem o sacerdote, sem que se possam corresponder com os que estão encerrados em identicos compartimentos. As mulheres são mais assiduas que os homens na concorrencia á capella, e pela paschoa confessa-se um numero proporcional, de mulheres penitentes, mais ou menos constrictas, bem maior do que de homens.

A' noite a soror que vigia as presas entôa o rosario, e quasi todas, prostitutas ou não, crentes



ou incredulas, respondem do postigo da porta com uma compassada melopêa.

E' uma particularidade característica das mulheres, o deixarem-se levar mais pelo sentimento do que pelo raciocínio; para ellas a logica jamais adquire valor identico ao dos affectos.

Todos os seus processos mentaes se resentem d'este seu character, e d'elle deriva a feição especial da sua forma de raciocinar.

Uma, que era accusada de infanticidio, não tratava de impugnar, em sua defeza, o testemunho dos denunciantes. «Porque foi que os meus accusadores, vendo-me durante horas a contorcer-me com dores no jardim, não appareceram em meu soccorro, em vez de estarem escondidos como espias para me denunciarem?» Dizia e repetia este eterno estribilho, não adduzindo outras razões. Traduzido em linguagem humana, queria significar: «Como podeis vós dar ouvidos a denuncias de gente miseravel e cruel que, em vez de aproximar-se de quem soffre, correndo em seu auxilio, prevendo talvez uma desgraça, fica impassivel no esconderijo, espreitando os seus actos para denuncial-os? Verdade ou não a narrativa, deveis mostrar-lhes o desprezo que merece o seu comportamento indigno, não dando attenção aos seus depoimentos.»

Mas qual dos homens pode affirmar que a logica fosse sempre o guia fiel dos seus actos ou dos seus raciocinios?

## CAPITULO VIII

Precocidade e reincidencias frequentes dos criminosos—As gradações no crime—Sua etiologia—Nem tudo é corrupção no carcere.

Quem tenha sob os olhos por algum tempo o movimento das cadeias é impressionado com a repetição constante de certos factos. Quer por culpa de disposições ingenitas, quer das condições sociaes, no carcere entra um numero consideravel de rapazes de tenra idade, muitos são menores de quinze annos, alguns apenas d'elles se approximam, ou pouco passam dos dez. Ou a culpa venha das pessoas, ou das instituições sociaes, os que lá entram uma vez, depois de soltos, voltam de ordinario com uma regularidade fatal.

Não é impedimento o facto de se retirarem para paizes longinquos, abandonando a patria; lá até difficilmente se mantêm abafadas as tendências para o delicto, se uma vez se manifesta-

ram. Chegada a oportunidade, revelam-se os seus maus instinctos e provocam a acção punitiva do paiz que os hospedára, pelo que são, sob custodia, repatriados, afim de se averiguar se têm algumas contas a saldar com a justiça do seu paiz. Todos os que na vizinha França soffrem prisão, ainda que não exceda a 24 horas, finda ella, são expulsos, e os que voltam pela estrada de Moncenisio são recebidos no nosso carcere, onde têm uma secção especial, a que se dá o nome de salão de passagem; demoram-se aqui, até que as informações da Questura, obtidas nas naturalidades respectivas, indiquem se pesa ou não sobre elles alguma responsabilidade penal.

No caso negativo são enviados a suas casas; mas, se tiverem de responder por crime praticado antes de haverem emigrado, entram nas cellas.

No tal salão recolhem-se tambem os presos em transito de uns estabelecimentos penaes para outros, os capturados por medida policial, não incursos em criminalidade. Para os mendigos abandonados, imbecis e loucos é um verdadeiro instituto de beneficencia.

Quando, como acontece no inverno, o salão está tumido de inquilinos, tem um quê de horrendo, a perspectiva de um antro do inferno. Na turbamulta dos mendigos andrajosos e sordidos, dos repatriados de pantalonas enormes ou de grandes botas até ás coxas, e dos condemnados que, por doença, ou novo destino, são transferidos para outros estabelecimentos, mechem-se confusamen-

te musicos ambulantes do sul, algum raro aventureiro de luvas amarellas, mas sem gravata, e algumas vezes miseraveis delirantes, de olhar enviezado, vagabundos. Um estira-se na enxerga sobre a tarimba commum, outro está em pé; este immerso na tristeza das suas cogitações, aquelle a narrar as peripecias da sua vida ou a escutar as dos outros.

As janellas escancaradas dão insufficiente saída ao fartum que tresanda aquella agglomeração de corpos, e o fétido do ar eguala o das almas. Infeliz da creança que uma infausta sorte immerge em tão corrupto ambiente! não é maior, a ameaça da contaminação physica do que a moral.

Os peiores individuos, aquelles que, á similhaça de cães raivosos, estavam sempre em briga com os companheiros de prisão, com maneiras doces aproximam-se affavelmente do desgraçado, dão-se ares protectores, fallam-lhe carinhosamente, offerecem-lhe bugiarias feitas de miolo de pão e por todos os modos o engodam para o converterem em juguete dos seus crapulosos desejos. Se não bastam as blandicias, recorrem ás ameaças, e, difficilmente por um ou outro processo, deixam de realisar o seu intento.

Notam-se nos criminosos as mesmas gradações das outras classes sociaes; alguns nascem com disposição congenita para o crime, e de um pulo attingem o mais alto grau; outros carecem de uma preparação pausada que os adestre e os disponha

a subirem os varios escalões da criminalidade, como quem se aperfeiçoa n'uma profissão.

O gatuno, que fez as suas primeiras provas em casa, subtrahindo habilmente aos paes alguma moeda para dispendir em guloseimas, quando começa a ter habitos de vagabundagem, por impulso innato ou por ser repellido de casa pelos paes, que lhe censuravam a paixão do jogo, os passeios o abandono do trabalho, volta-se para as vinhas, os pomares e as capoeiras, ou para os alforjes dos caminheiros e tendas dos mercadores ambulantes. Adquirindo coragem com o tracto dos criminosos adultos no carcere e com o desenvolvimento da idade, volta a sua attenção para as habitações, allicia consocios, e combina com elles os lances que hão de tentar. Vêm progressivamente os escalamentos nocturnos, arrombamentos de portas, uso de armas, violencias pessoaes; não regeitará meio que lhe dê dinheiro para as orgias em que, não raras vezes, procura a morte ou a dos seus contubernaes de vicios.

Tambem se começa por crimes graves, por assassinatos; mas não é frequente encontrar-se um salteador, que se não tenha habilitado para o crime com anteriores delictos menos graves. Quando irrompe subitamente um forte impulso criminoso, ou existe a predisposição hereditaria, ou procede a acção dissolvente de um complexo de causas, as quaes, com preparação mais ou menos lenta, dispõem o individuo para o tresvario. Querendo-se remontar ás causas, é singular

ver como n'ellas se repete a constancia que se nota na vida e habitos dos criminosos.

Cuvier com o exame de um só osso recompoz, em virtude da lei de correlação dos orgãos, um animal completo nas suas formas principaes, advinhando-lhe os habitos.

O observador experimentado pode muitas vezes com um unico caracteristico do criminoso traçar a sua historia toda. Quando se depara entre criminosos com uma physionomia intelligente, não destituída de distincção, pode-se predizer que um grave delicto o arrastou ao carcere; e averiguando-se as suas condições de familia, pode-se estar-se quasi na certeza de que se apurará que algum dos paes padecia de alienação mental ou tinham parentes alienados, que a familia fôra abandonada por algum d'elles, e que no lar domestico se introduzira a immoralidade e a dissipação, o desamor aos filhos, a parcialidade no affecto, ou a crueldade.

Quando encaramos com feições obtusas, a que dá uma certa animação o lampejo da malicia, sem que torne sympathica ou desvanecida a brutalidade grosseira da physionomia, podemos, *á priori*, concluir que o pae ou a mãe, se não ambos, eram borrachões, que deixaram cahir na indigencia os filhos, que cedo começaram a procurar no furto e na rapina a satisfacção das suas necessidades naturaes primeiro, depois a dos seus instinctos de uma bestialidade desenfreada.

A maxima virulencia criminal nasce do com-

plexo das mais poderosas causas morbosas hostis á organização moral.

N. C. tem 34 annos; de 1.<sup>m</sup>, 73 d'altura, a constituição é excepcionalmente robusta.

O thorax mede 94 centímetros sob os mamillos. Tem cabellos negros e crespos, face desmedida, mandibulas enormes, que no seu diametro attingem a 12,2, fronte elevada, mas estreita e esconsa. A cor terrena e pallida, o olhar frio, o nariz saliente e afilado e o labio superior fino denunciam caracteristicamente um individuo precipitado e selvagem nas suas deliberações. A sensibilidade tactil é debil; sente a 4 milímetros de distancia os dois bicos do estesiometro na polpa do pollegar da mão direita, a 3 na esquerda. Os reflexos rotuleanos são vivazes.

No azylo de alienados morreu um irmão do pae, e este, um camponio, era attreito a fluxões da cabeça.

A avó materna ultrapassou a idade de 90 annos, e a mãe, seu fructo serodio, segundo diz C. converteu o domicilio conjugal n'um centro de dissolução e corrupção. «A nossa casa, conta elle, era frequentada por tres mulheres, que, como ouvi e vi, eram mal procedidas. Muitas vezes as ouvi fallar com minha mãe ácerca de amores. Minha mãe, sem pudor, nem medo, dizia frequentemente «meu filho Carlos não é de meu marido, mas de um tal...», não obstante ser baptisado como filho do meu homem, é um bastardo.»

Passou a infancia no ocio e brinquedos. «Dava

continuamente, accrescentava elle, motivo a meus paes para me ralharem por estar prompto sempre a soccar os meus companheiros; muitas vezes castigavam-me, batendo-me com as mãos ou com um pau.

Ao mesmo tempo não me davam de comer, muitas vezes, por 24 horas.»

Na idade de 7 annos, uma noite, voltando com a irmã dos costumados giros e brinquedos, ao entrar em casa, ouviu a mãe ordenar-lhe em tom aspero e imperioso que se deitasse ás escuras, aliás pegaria no pau. «Eu com a minha ordinaria desobediencia, proseguiu elle, accendi luz, e, apesar da minha infancia, fiquei pasmado ao ver minha mãe deitada, tendo no lugar de meu pae um fuão; isto mesmo viu minha irmã.» Decidiu-se a abandonar a casa paterna depois de uma violenta sova infligida pela mãe; e narra os padecimentos e molestias que soffreu, aggravados pelos maus tratos maternos, mas de que por fim a sua forte compleição saiu triumphante.

Serviu no campo, e depois, como lavandeiro, teve diversos patrões. Aos 17 annos esteve preso a primeira vez por injuriar uma criada. Saído da cadeia, entrega-se ao trabalho; enfarpela-se e anda satisfeito; mas a sua amada abandona-o para esposar outro, e isto amargura-o. Deixa a terra e vem para Turim. Aqui deparam-se-lhe parceiros que o ajudam a gastar rapidamente o peculio economisado; empenha a fatiota melhor e, vendendo por fim os sapatos, fica descalço.

«Passei alguns dias, continua elle na narrativa, e depois vi-me sem dinheiro e com fome; achava-me na praça Milão com dois companheiros que me aconselharam a que fosse vêr se podia surripiar alguma carteira ou relógio aos que rodeavam uns satimbancos, ouvindo canções. Impellido pelo desespero e pela fome que me dilacerava, descalço, corri para o meio dos espectadores, e com effeito empalmei a uma senhora a carteira com 37 liras.

«Foi o meu primeiro furto; tremia de medo e de alegria, fui immediatamente comer e em seguida comprar um par de sapatos, desempenhei a roupa e continuei a divagar por Turim, até que um dia, encontrando-me n'uma multidão, furtei um relógio de ouro de um cavalheiro e vendi-o por 45 liras. Com esta quantia entrei na jogatina, aprendendo a ronda e todos os jogos de asar e fui vivendo um pouco de tempo.»

Serviu durante tres mezes no septimo regimento de artilheria, depois volta a casa, continua a jogar com sorte e ganha 3:300 liras.

Dá, porem, com outra amante desleal, resolve-se a ser guarda das alfandegas e vae para a Sicilia. Abhorrece o serviço em breve, soffre um castigo disciplinar e deserta. Capturado, é conduzido á caserna. Emquanto cumpria nova pena, recebe uma carta em que a amante lhe pede desculpa, que lhe perdoe e a deixe voltar para junto d'elle. A carta commove-o; imprime no braço por acupunctura o nome da amante e a

data, e ainda os conserva visiveis, conjunctamente com uma figura de mulher. Sendo licenciado, e obtida a baixa no corpo das guardas, chega a Napoles. Aqui, attrahido por uma rameira, é, enquanto dorme, despojado do seu peculio, vendo-se forçado a jornadaear a pé em direcção a casa. No caminho, esporeado pela fome, apresenta-se, ao cabo de oito dias, a um syndico a pedir soccorro, este entregou-o aos carabineiros que o conduzem á terra. Lá trabalha até se vestir de novo, depois foi ter com a amante; mas acha-a em vespervas de casar-se.

Com o desespero resolve suicidar-se; compra um revolver, mas um companheiro, para distrahil-o, levou-o a um prostibulo e a lembrança da amante esvae-se rapidamente.

Sobrevem uma prisão por furto, que nega.

D'aqui começa a narrativa da sua educação feita no carcere.

E' solto ao fim de um anno, volta ao jogo; depois, vendo que a sorte não lhe era bastante prospera, vae servir como moço de carro na casa de um lavrador. Certa noite chega um forasteiro; um irmão do patrão, vindo da America; ouve contar como ali adquirira fortuna e vê-o pousar uma mala sobre a meza. «Deitei-me, conta elle, mas não podia pegar no somno; pensava em roubar a mala, se ella contivesse o dinheiro ganho por elle. De manhã, como era domingo, foram todos á missa e deixaram-me na herdade com os operarios. Pensei muito, depois entrei na casa,

olhei para a mala, estava fechada. Peguei n'ella, pareceu-me pesada; dizia commigo: aqui de certo ha dinheiro; palpitava-me o coração, estava perplexo. Por fim resolvo-me a leval-a e fugir; assim fiz, julgando levar commigo uma fortuna, mas enganei-me; quando estava longe, arrombei-a e nem um real, apenas um par de botas ja rotas, um roupa insignificante, duas ou tres camisas, um pente, duas escovas, em summa oito liras ao todo, incluindo a mala.» Escapa aos carabineiros que duas vezes o perseguem; mas cansado finalmente com a vida de bandido, decidiu-se a regressar a Turim, embora fosse preso. «Estava aqui mais tranquillo, e confessou-me elle, passava pela policia e pelos carabineiros, e não me diziam palavra.» Em vista d'isto, metteu-se novamente no jogo, teve sorte, frequenta feiras e mercados, até que um dia, lendo a *Gazeta dos tribunaes*, vê transcripta a sua condemnação, como ausente, a 5 annos de reclusão. Entrega então 800 liras a um companheiro, a fim de que, no caso de ser preso, não lhe fossem apprehendidas e continua a sua vida costumada.

E' capturado finalmente. No carcere, depois de alguns mezes, devido talvez ao vinho excessivo que bebia, estando na cosinha, começou a alterar-se, e, dizia: «não sei que me deu na cabeça, que não dava tino do que fazia; não podia encarar os guardas, nem ouvir fallar, parecia que tinha bebido toneis». Foi retirado da cosinha e, algum tempo depois, mandado para a reclusão.

Ali um dia, n'um accesso de furor, pega n'uma barra e espedaça o teiar, fere de morte um companheiro, é amarrado, e applica-se-lhe gelo na cabeça e 3 sangrias em 24 horas.

Cumprida a pena, e conduzido á terra natal, os ralhos e más palavras da mãe demoveram-no a ausentar-se. Entra de novo no carcere por contravenção da vigilancia policial e tem na cella, oito dias depois, outro accesso de furor, faz em tiras o vestuario todo, por suppor que d'elle provinha a sua desgraça.

Solto, é recebido por uma familia de conterraneos, gosa os favores da mãe, e depois consegue levar consigo para França a filha com promessa de esposal-a, o que não pôde realizar por ser contraventor da vigilancia policial. Não encontra trabalho, regressa a Turim e é preso. Tem novo accesso furioso; por um tris não mata um guarda, e duas vezes tenta o suicidio.

Actualmente está sob o peso de uma condemnação a trabalhos forçados por 20 annos, como fabricante e passador de moeda falsa. Antes de ir á audiencia de julgamento tentou rasgar as veias de novo, em consequencia de um amigo lhe participar que a sua mulher de facto, da qual tinha dois filhos, namoriscava outro. Acalmada a commoção causada pela noticia, tem só palavras de imprecação contra a mãe borrachona e corrupta, que dissipou a casa para, mesmo á vista do simplorio do pae, manter os amasios, impellindo ás galés, o irmão mais velho e a elle, que ja ia no caminho.

Ha mais de dez mezes que está encarcerado, e as brigas com os companheiros determinaram a sua clausura na cella, onde não estivera depois da tentativa de suicidio. A mãe não o procura, e na ultima visita da mulher, reconheceu, pelo seu estado e propria confissão, que ella era incapaz de lhe guardar fidelidade durante os longos 20 annos em que necessariamente têm de permanecer separados. Logo depois, um amigo recommenda-lhe que não pense mais na mulher, que só espera vel-o afastado de Turim para ligar-se ao novo amante. «Agora, dizia elle, o meu odio eguala o amor que lhe tive; que destino terão os meus pobres filhos abandonados de pae e mãe! não acreditei nunca que os deixasse, tanto era o amor que lhes tinha na minha companhia! Morrerei com os seus nomes nos labios.» Ha tempo dirigiu-me a seguinte carta provocada por uma altercação com um companheiro. «Ill.<sup>mo</sup> Sr. Vou rogar-lhe que me dê a comida ordinaria, porque a dieta poderia fazer-me mal. Se me quizesse favorecer com um pouco de arsenico, acabaria rapidamente, e não passaria mais tribulações; desejo muito acabar, porque não me posso ver a mim mesmo. Sou infeliz de nascimento, serei infeliz até á morte. Maldigo a hora e momento em que nasci, e o ter de chamar pae a quem o não era. Eu não poderei jamais viver em paz; mas serei tranquillo quando estiver morto. Só me resta pedir fervorosamente que se me dê um pouco de arsenico, porei termo assim aos

meus tormentos. Dizem que me finjo doudo; nunca fingi, nem o sou tambem. Humilde servo e preso N. C.».

N'este momento o seu mais vivo desejo é que a biographia d'elle figure n'um livro ou nos jornaes; quer-me dar indicações ácerca dos parentes para eu obter a confirmação da sua narrativa. Deseja ter o consolo de vel-a impressa antes de ir para as galés.

Com razão ou sem ella, é grande o numero dos reos que responsabilizam os paes pelos seus crimes.

E' tal a trama das causas predisponentes e das occasionaes, que não é facil fixar o limite onde acaba a acção de umas e principia a das outras.

A heriditariedade morbida, descendencia de paes criminosos, alienados, epilepticos, alcoolicos ou mal dispostos de qualquer modo, tem uma indubitavel influencia na reproducção de caracteres morbosos. Individuos ha, que vêm a este mundo com o germen de verdadeiros impulsos para o delicto, individuos que nascem com a predestinação do carcere.

Vemol-os crescer insensiveis aos affectos e ás reprimendas, descuidados de tudo e de todos, indifferentes até á propria sorte; são os loucos moraes, ou os delinquentes natos, segundo a denominação de Lombroso.

Cumpre todavia não exagerar o alcance das causas, por maior que seja o seu valor. A mesma parentella morbida pode, alem da influencia hereditaria, exercer outra não menos sinistra

sobre os filhos com o mau exemplo que os incita á imitação e com as tristes condições de existencia em que os põem quasi sempre.

A familia é para muito d'estes desgraçados uma mola da criminalidade.

Outras escolas identicas existem no meio social. A norma das relações internacionaes, em que a astucia e a força tentam supplantar-se reciprocamente, as maximas em que se moldam as relações particulares, quantos exemplos de immoralidade ostentam?

Não deixa de ser interessante o estudo da acção successiva dos varios meios dissolventes de um character a principio mais ou menos apparentemente solido.

Nos primeiros tempos em que me estabeleci no carcere, encontrei a fazer serviço na enfermaria um preso na flor da idade, bem disposto e com uma physionomia sympathica.

No zelo que tinha pelos doentes e no vivo interesse pela sua sorte manifestava não ter perdido os sentimentos affectivos. Vim a saber, por informações havidas casualmente sobre a sua familia, que esta era honestissima, sem a mais leve macula de crime ou de infamia. O rapaz estava preso pela primeira vez. Era todavia grave o crime pelo qual fôra condemnado: e um furto qualificado, commettido com incrível audacia, nas primeiras horas da noite, no centro da cidade, com arrombamento da porta e subtração de alguns milhares de liras.

Ahi vae o que elle me contou.

Na meninice os paes, dedicados ás suas occupações, não podiam vigial-o bem, de modo que estava frequentemente na companhia de mulheres mundanas, que povoavam o bairro em que vivia, as quaes por extravagancia se divertiam com elle, e o passavam de umas ás outras, despertando-lhe a sensualidade latente e provocando-lhe a lascivia, para a qual ainda não tinha adquirido aptidão mascula.

Não prefizera 14 annos, e já havia seduzido uma rapariga, quasi impubere, com quem casou annos depois. Mas esta, perdido por sua culpa o encanto virginal, deixou-se captivar de novos amores, e quando se achou ligada ao marido não pôde olvidar o amante. Os amigos do costume encarregaram-se de lhe denunciar a perfidia da esposa, e elle, por um estratagemma, conseguiu-surprehendel-a com o cumplice.

A idéa da traição da mulher aniquillou a sua vida moral. Na cadeia é ainda um martyrio que continuamente o tortura. Havia-lhe arrancado uma carta em que o amante fallava do seu amor com expressões candentes; ficou-lhe gravada palavra por palavra na memoria com caracteres de fogo. Com uma voluptuosidade acerba repetiu-m'a toda, e assim a transcrevo.

«Querida amante.—Foi tal e tanto o prazer sentido ao receber a tua ultima, que decerto não podes imaginal-o.

Apenas a recebi, lia-a e reli-a, não uma,



mas mil vezes, e sempre com grande prazer. Ao passo que lia as tuas bellas expressões, sentia na alma um não sei quê que me obrigava a chorar. Entretanto estava contentissimo com o que me dizias. Porque chorava eu pois? Não t'ó sei dizer bem. A natureza é feita de tal modo que ás vezes impelle a certos actos e certas emoções contrarias ao que desejamos manifestar. Assim, no meu caso, eu gosava, lendo as expressões da tua alma, e o meu deleite crescia á medida que tu mais me certificavas do teu amor, que é para mim presentemente a cousa mais querida.

O coração devia portanto rir e pelo contrario chorava, e suspirava, porque mil affectos o tinham de tal modo commovido, que o riso era-me impossivel. Porque o coração humano, quando tamanha commoção o abala, tem necessariamente de se desafogar em lagrimas.

Assim fiz eu e farei, sempre que do mesmo modo me escrevas. Sim, d'esta vez, mais do que nunca, fallaste-me com o coração chorando, com a alma dolorida, e com a tristeza impressa em cada palavra tua.

E é por isso que produziste em mim uma bem mais forte impressão, que, se por um lado me dá consolo, por outro causa-me dor. Sim, consola-me saber que te lembras sempre de mim, que te penalisa a minha ausencia e que desejás estar sempre perto de mim, porque me queres muito, e me estremeces com um amor verdadei-

ro e sincero. Por tudo isto bemdigo o teu coração, mas, por outro lado, doe-me ver-te entregue a tamanha melancolia.

Da outra vez aconselhavas-me na carta que andasse alegre e de bom humor para não cahir n'alguma desgraça. Mas agora, bem que eu tenha tanta necessidade como tu, sou eu que te aconselho que deites para longe o mau humor, que estejas alegre o mais possivel, considerando que d'aqui a dois ou tres dias nos veremos, nos falaremos e consolaremos reciprocamente. E, n'um estreito abraço, trocando um beijo fervoroso, poderemos proferir as mais bellas, as mais doces palavras, que são: Amo-te; amo-te etc.

Causava dó ver como elle pronunciava as palavras: amo-te, amo-te.

Um doente que se martyrisasse com a passagem de um ferro em brasa por uma chaga, não mostraria na face mais dolorosas contracções.

Não foi bastante para o distrahir pensar n'um filhinho, perdeu a animação no trabalho, passava os dias a bebericar, até que uma vez, estando meio ebrio, um ex-recluso propoz-lhe a entrada nocturna n'uma casa, onde podia fazer bom saque, annuiu, e poz a proposta em acção; porém não pôde utilizar-se do grande furto, porque na mesma noite foi preso e conduzido ao carcere.

A influencia nefasta das más companhias, o alcoolismo, o ocio, a desmoralisação, a perfidia da mulher, a primitiva seducção d'esta e a cor-

rupção precoce gerada nas carícias das prostitutas formam uma cadeia de causas que deveriam exercer e combinar a sua acção destruidora para lhe corroer o organismo moral.

Outras causas ainda dirigiram n'outro sentido a sua acção eversiva.

O rapaz fôra moço de magarefe, e o ensino tendente a avolumar os proventos do officio não era a educação mais propria para lhe desenvolver e reger o sentimento da probidade. Perguntando-lhe um dia se a profissão era rendosa, «nós, para termos bons resultados, devemos ser um pouco *schina*<sup>1</sup>. Quando as creadas vão ao talho, dirigem-se-lhes amabilidades, conta-se-lhes uma historieta. Riem, não fazem caso do peso, e lá vão os ossos. As creadas sahem contentes e os patrões ainda ficam mais, tornando-se generosos com os moços.»

E' de obvia comprehensão como um tal individuo reduzido a frequentar as tavernas, onde tanto dinheiro se dissipa, entretanto que a aversão progressiva ao trabalho lhe cerceava os lucros, pôde converter-se repentinamente n'um grande criminoso.

Nem todos e nem mesmo a maior parte delinque por defeito absoluto da natureza.

Ha-os que conservam intacta a affectividade, ou que, apesar de pervertidos, mantêm sentimentos generosos. Não são raros aquelles que, nar-

<sup>1</sup> Aladroados.

rando os seus accidentes de vida, enternecem ainda os mais predispostos contra elles.

Um homicida, que cumpre actualmente condemnação de 10 annos nas galés, por ter morto um que, de navalha em punho, accommettia seu pae, debulhava-se em lagrimas, pensando na angustia da mãe, e manifestava a maxima amargura por não poder na sua nova situação soccorrel-a com o trabalho e assistir-lhe com a sua presença e confortos.

Não ha muito que eu perguntava a uma prostituta, que tinha dado á luz uma creança no carcere, se queria que o recém-nascido fosse enviado ao hospicio da Maternidade. «Engeitar o meu filho! — respondia ella — por cousa nenhuma o abandonaria. Não o trocaria pela maior riqueza, é quanto tenho de mais querido e de mais precioso no mundo, ninguém m'o arrancará vivo dos braços» e apertava-o ao seio com effusão de ternura, não cessando de acarinhá-lo, de o contemplar com meiguice e de o beijar com transporte.

Os pobres alienados, se para alguns servem de divertimento, inspiram compaixão á maior parte dos companheiros, que os vigiam cuidadosamente, impedindo que se não molestem. Os enfermeiros tambem dão frequentes provas de vivo interesse pelos seus companheiros doentes e consagram-se com sincera dedicação a prestar-lhe os seus maiores cuidados; todavia, como é natural, não deixa de haver numerosas excepções.

Ha mezes, entrou no carcere um mendigo affe-

estado de molestia cerebral, preso por embriaguez. Levado para a enfermaria, no delirio, esforçava-se para atirar-se da cama abaixo. «Espera que eu te farei estar socegado», disse um enfermeiro, applicando-lhe dois grandes sopapos. Inflammado de justa indignação, outro enfermeiro, ainda que muito menos forte, correu com a vasoira contra o prepotente brutal. E comtudo era um larapio já muitas vezes reincidente, e que cumpre agora n'um estabelecimento penal uma condemnação de 6 mezes de prisão por furto qualificado.

Não me lembro sem commoção de um preso, que, ouvindo uma vez chorar um dos meus filhos, se poz da sua cella a condoer-se d'elle, a consolal-o com as suas palavras, e assim esteve, com risco de ser castigado, até que o choro cessou.

Se são escassos ou nullos os resultados moralisadores do nosso systema penal, não se deve attribuir a culpa toda á natureza dos criminosos; bom quinhão pertence ao proprio systema, que não exercita as forças vivas, que mais radicadas estão nos reos, especialmente nos novos, e que poderão obstar ás recahidas.

---

## CAPITULO IX

Os móveis das acções humanos—A vaidade—O amor proprio—Homo malus, puer robustus—O systema das marcas—O capitão Moconochie e os degredados da ilha de Norfolk—Os capitaes da educação.

O movel principal das acções do homem é o amor de si mesmo.

O bem-estar e as leis da sociedade exigem, porém, que não vá de encontro ao bem geral.

Quando o germen da cordialidade é pouco ou nada desenvolvido, não é certamente empreza facil despertar aquelle affecto para o converter em guia das acções. Mas não convem desanimar logo.

Um systema remunerador, que premeie a boa conducta, tem a virtude de desenvolve ras qualidades affectivas; e maiores progressos se realisariam, se, dentro de certos limites, se tornasse solidaria a conducta de secções especiaes ou de um estabelecimento penal inteiro, decretando premios e vantagens para aquelles em que maior

fosse o numero de obras meritorias ou de individuos premiados. D'esta arte o reconhecimento da vantagem que pode promanar da boa conducta dos outros, é naturalmente um convite para se tomar interesse pela sua sorte e pelo seu modo de viver.

Ha pois um sentimento auxiliar de muito valor, que se pode invocar e pôr em acção, é a vaidade. E' um sentimento amphibio, que vive no territorio do egoismo e do altruismo, porque é uma satisfação pessoal, produzida pela admiração dos outros.

E' uma das paixões mais profundamente radicadas no coração humano. Funciona na sociedade com molas de primeira qualidade: apoiam-se n'ella muitas instituições, e quem sabe quantas virtudes se sustentam só com tal alimento! Não deve, portanto, causar supreza o ver como nos criminosos se mantém e brilha, até ainda quando já naufragaram tantas outras paixões, mais ou menos nobres.

Quando algum preso da enfermaria tem de ir a julgamento, na visita da manhã, de ordinario, encontro-o limpo, barba feita e cabello cortado, quando não ha inconveniente, e com a melhor fatiota possivel. Quem a não tem, recorre aos companheiros; um empresta o chapéu, outro, qualquer peça de vestuario, para que elle faça boa figura.

Passando alegremente revista a todo o vestuario, pavoneia-se entre os companheiros, mostra-se

aos vizinhos. O que menos então o preoccupa, é as respostas ao juiz. O pensamento voa-lhe para os amigos e amigas que vae vêr em breve, para a multidão curiosa que o contemplará, e este sentimento, blandicioso para o seu amor proprio, excita-o vivamente.

E' só á noite, quando, estonteado ainda com a leitura da sentença, volta um olhar triste para a roupa que vae despindo, que a dolorosa realidade se lhe levanta deante dos olhos com uma crueza desesperadora.

- Não comprehendo como se não tenha aproveitado na cura dos delinquentes este sentimento, que tamanha importancia tem nas instituições sociaes. Creando distincções honorificas, estabelecendo graus de commando entre os co-réos, concedendo a faculdade de trazer vestuario mais vistoso, poderiam alcançar-se para a educação dos encarcerados não poucas vantagens, que são agora totalmente perdidas.

Entretanto o egoismo tem na conducta humana a maior importancia; é a alavanca mais poderosa da actividade, o guia mais seguido. Não ha systema educativo efficaz, nem religioso, nem politico, nem domestico, a que por varias formas elle não sirva de fundamento, como sendo o ponto de apoio mais seguro; todas as atenções convergem para dirigir os educandos, de modo que o seu amor proprio se satisfaça com a exacta observancia das normas de proceder que lhes forem impostas. Diz um proverbio popular que o

interesse é pae do amor, e é indubitavel que mais favorecerá o desenvolvimento dos sentimentos affectivos de uma creança o systema de educação baseado no premio das boas acções, do que nos castigos das faltas, por maior que seja o valor d'estes, como meio de determinar a vontade a fugir dos actos condemnaveis.

Convem que aos réos se dê, como ás creanças, a educação que lhes faltou na infancia. Já Hobbes dissera: *homo malus, puer robustus*. E os reos, em verdade, na sua grande maioria, são creanças grandes, nem sempre robustas, maliciosas, porém, o mais das vezes, cheias de vicios, mas sempre creanças, vaidosos, irreflectidos, incapazes de se dirigirem, carecidos de uma especialissima disciplina, que os dome continuamente, e os refreie, de modo que, encarreirados no trilho, se habituem a não sair d'elle.

Varias maneiras ha de exercer influencia sobre o egoismo; mas a observação e a experiencia dizem-me que, para attingir a meta, o melhor e o mais directo caminho é o do interesse.

D'entre os varios meios estudados para disciplinar os meus filhos, o systema das marcas é o que tem surtido melhores effeitos.

Cada dia de boa conducta em casa vale uma marca. Quanto á conducta na escola e no estudo, regulo-me pelas pontas indicados no boletim mensal.

Tendo elles sufficiente engenho, estabeleci a media de 7 decimos como ponto neutro. Cada

ponto a mais dá direito a uma marca, e cada ponto a menos faz perder uma. As notas de aproveitamento do mestre e do director e as medalhas, dão direito a uma, duas ou tres marcas. Estas constituem outras tantas letras, pagaveis á vista, para despezas razoaveis: compra de brinquedos, livros, jornaes illustrados, para qualquer divertimento emfim, que tenha de ser pago.

Quando eu tenha de estar fóra, dias inteiros, ordeno que, em vez d'uma, sejam dadas duas marcas áquelle que se porte bem; por este processo tenho conseguido o resultado singular de que minha irmã, que para elles faz as vezes de mãe, os ache mais doces, quando estou longe.

Para que o interesse não lhes eterilise a alma, e para que se fortiquem os vinculos da solidariedade, que os deve guiar unidos para o bem, dispuz que, sempre que houvesse uma boa conducta geral por tres dias consecutivos, tinham elles direito a uma marca suplementar. «Para que é preciso que nos portemos bem todos, durante tres dias, para ter uma marca a mais?» perguntava-me o mais velho, «parece-me que, ainda que um só se portasse bem, a esse devia ser dada.» «Não—lhe respondi eu—porque, quando um é mau, é muito difficil, para não dizer impossivel, que os outros não tenham tambem alguma culpa. «Pensou um pouco, e depois volveu-me: «Tem razão, papá.»

Não affirmo que tenha com este systema transformado meus filhos em anjos, estão muito longe d'isso; mas têm sido taes as vantagens, que, em

consciencia, posso aconselhal-o a outras e sustentar que na cura dos delinquentes pode dar bons fructos.

Uma applicação pratica d'este systema aos criminosos já fôra tentada com exito pelo capitão Moconochie na ilha de Norfolk, nos annos de 1840 a 1844. «Dotado de um grande coração e de uma vasta intelligencia, como expoz o doutor Wines, delegado official do governo dos Estados Unidos no congresso penitenciario internacional de Bruxellas, em 1875<sup>1</sup>, ao chegar á ilha, onde havia 1500 habitantes, os maiores criminosos que a mãe patria havia expulso, comprehendeu que a correcção dos delinquentes era um grande serviço para a sociedade, e que, para conseguir este resultado, era preciso alliciar o seu consento e a sua cooperação, excitando o desejo da liberdade, o do lucro e dos commodos da vida. Creou com esse fim um systema de marcas equivalentes ao salario. Propoz a suppressão das condemnações de uma duração prefixa, impondo aos criminosos a obrigação de alcançarem a liberdade com um certo numero d'estas marcas, que constituíam assim o premio da sua diligencia, do seu estudo e da sua boa conducta.

Moconochie deu ás marcas, alem do valor moral, um valor pecuniario. Queria que o condemnado valido sómente gosasse aquillo que podia adquirir com as marcas, representando estas um

<sup>1</sup> Rivista delle discipline carcerarie, 1878, pag. 38.

valor e um progresso para a sua libertação. O delinquente, com a sua actividade, a applicação continúa, e o bom comportamento, estava na via de alcançar diariamente o *maximum* das marcas. Um parte devia custear as necessidades quotidianas, alimentação, vestuario, lavagem de roupa, escola etc. e o remanescente era destinado a aquisição da liberdade.

O condemnado, incapaz de enthesourar com economia o saldo destinado áquella aquisição, ou porque não ganhava o sufficiente, ou porque dispendia tudo, como lhe era permittido, ficava prisioneiro perpetuo.

Estas marcas, tendo um valor, estimulavam o progressivo aperfeiçoamento dos que as recebiam, concorriam para a manutenção da disciplina com o systema das multas, que eximiam o director da necessidade de infligir punições brutaes e desmoralisadoras, e permittiam que os presos se prestassem reciprocas fianças, podendo os bem procedidos remir a culpa de um seu companheiro, responsabilizando-se pela sua emenda, caucionada com o deposito de um certo numero de marcas. Estabelecendo um fundo commum para as enfermidades e obitos, Moconochie ficou inflexivelmente subordinado á regra de nada se obter de graça. Os presos acostumaram-se a fazer despesas á maneira dos cidadãos, á sua custa, e a prisão, conservando para os condemnados o seu character afflictivo, despojou-se de quanto podia tornal-a cruel e degradante. O governo, inspi-

rado do sentimento da vindicta social, recusou-se obstinadamente á concessão antecipada da liberdade de um unico condemnado, privando Moconchie do elemento principal do seu systema. Comtudo, deixando a ilha, depois de 4 annos de residencia, pôde dizer: «á minha chegada, a ilha era um inferno brutal e tumultuario, converti-a n'uma communitate agradavel e bem regulada.»

Só a paixão cega dos prejuizos podia desconhecer as vantagens de um tal systema, preferivel a todos para a defeza social.

Ha individuos nascidos com instinctos tão perigosos, ou com uma deficiencia tão absoluta de força para resistirem aos impulsos para o crime, que são arrastados á sua pratica por uma fatalidade organica.

E' tão pernicioso para a sociedade libertal-os, como deshumano submettel-os a castigos e sevicias, que nem são justificados, nem uteis.

Isto mesmo me fazia sentir claramente, ainda que fóra de proposito, um epileptico, a quem tinha suspendido por dois dias o alimento da enfermaria, porque havia brigado com um companheiro, como é frequente n'esta classe. — «Porque me castiga, senhor doutor? — dizia elle — Nós somos uns desgraçados, que mais carecemos de compaixão do que de castigo; se as nossas cabeças regulassem, estariamos aqui?»

Praticamente não é sempre facil distinguir os absolutamente incorrigiveis, dos que ainda sejam capazes de emenda. No delicto não se encontra

sempre o criterio sufficiente. A nova escola penal, de que Lombroso é chefe, propõe que se faça o diagnostico pelos caracteres externos dos delinquentes, bem como pelos caracteres biologicos e psychicos.

Os juristas, na maxima parte, não parecem muito dispostos a annuirem a esta conclusão.

Comprehende-se que se não dê levianamente outro quinhão na posse de um campo, de que se ha tido sempre o absoluto dominio.

Parece-me que o systema do capitão Moconchie podia, n'esta demanda, conciliar as exigencias da justiça com as da defeza social, por isso que, por aquelle systema, deixa-se ao delinquente o cuidado de manifestar com a propria conducta a aptidão para voltar á vida livre sem perigo para a sociedade.

Em summa o funcionamento regular de um orgão é prova sufficiente do seu estado normal; e um homem que mostre, durante annos e annos de continua observancia de disciplina natural, ter adquirido aquella educação, que talvez a principio lhe faltava, pode dar aos juristas e psychologos uma demonstração cabal de estar preparado para ser readmittido na sociedade.

O systema penal, devia primeiro que tudo, mirar a que se indemnisassem os particulares e a sociedade dos damnos que lhes foram causados; e por isso entendo necessario que cada delinquente deve com o seu trabalho compensar, em parte ao menos, aquelles damnos. Desejaria tam-

bem, que ao mesmo tempo, fosse accumulando gradualmente um capital proporcionado á especie do crime, ou á gravidade da perversão de character, manifestada pelos seus actos. Permitir-lhe-hia que, em todo o tempo que trabalhasse para arranjar o peculio, a faculdade de dispor a seu bel-prazer dos proventos do trabalho, quer para reunir o capital necessario para a sua libertação, quer para gastar, á vontade, com alimentos, tabaco, vinho, mas dentro dos limites compatíveis com a ordem do estabelecimento; estatuinto que as infracções da disciplina, todas as faltas, fossem punidas com uma multa deduzida ao capital accumulado.

D'estas disposições resulta que o individuo terá tanto maior difficuldade em sahir d'este labyrintho de ganhos e perdas, quanto mais seja o seu desequilibrio, e quando se vir fóra, triumphante, poder-se-ha crêr que recebeu uma verdadeira educação.

Ha bem annos já, estava eu na flor da idade, achando-me em Genova, resolvi voltar a pé á minha aldeia natal. Tinha de atravessar os Apenninos e percorrer uma distancia pouco inferior a 200 kilometros. Parti de Genova ás 6 da manhã de um dia de abril; ao meio dia mergulhei-me no mar, á noite palmilhava neve nos Apenninos, e andando toda a noite e todo o dia seguinte, ouvi finalmente dar as oito da noite no campanario da minha aldeia, depois de 38 horas de marcha quasi ininterrupta.

A recordação da constancia que n'aquella occasião me amparou, dá-me um alento singular nas conjuncturas difficeis da vida. Quando me sinto cansado da lucta e prestes a succumbir, evoco a memoria da minha jornada, e pensando como pude vencer as tentações do somno, que, ao cahir da primeira noite de viagem, me parecia, de minuto a minuto, cada vez mais invencível, e me pesava tanto nas palpebras, que me obrigava muitas vezes a tropeçar nos montões de cascalho deposto á margem da estrada; recordando como resisti ás sollicitações com que os camponeses me convidavam a subir para os seus vehiculos, quando estava a poucas milhas da terra, sinto renascer-me o vigor e a coragem.

Quando um delinquente tiver a força de resistir ás tentações da gula, quando tiver constancia para vencer a aversão ás fadigas e os impulsos para as rixas e desordens, terá addicionado ao capital em dinheiro um capital de força moral, e, reunidos ambos, poderá apresental-os, como garantia segura do seu comportamento futuro.

A sociedade procura precaver-se contra novos attentados dos bihertos do carcere, submettendo-os á vigilancia especial da policia. E' certo, porém, que estas disposições, se têm alguma vantagem real para a tutella social, não são isentas de inconvenientes e são um fortissimo obstaculo á rehabilitação dos delinquentes desejosos de voltarem á vida honrada.



Ainda é mais discutivel a conveniencia d'estas leis relativamente aquelles que foram condemnados só por offensas corporaes, do que aos que são reos contra a propriedade.

Não são poucos os chefes de officinas que se recusam a receber os operarios saídos da prisão, para se eximirem ao enfado das repetidas visitas dos agentes da segurança publica, as quaes desagradam tambem aos outros operarios e provocam um certo descredito para a casa.

Taes leis poderiam ser modificadas vantajosamente, tornando-se menos duras e vexatorias, e para isto não concorreria pouco o ser feita a visita por pessoas particulares, respeitaveis, nomeadas pelo governo para commissões protectoras, que tivessem a seu cargo patrocinar e vigiar os individuos sahidos do carcere, contra os quaes a sociedade conserva uma certa desconfiança.

E', porem, firme convicção minha, que seria mais efficaz precaução o despertar o seu proprio interesse, tendo em deposito por um tempo determinado o peculio ganho no carcere, como garantia da sua boa conducta e da completa submissão ás leis. Não duvido que o receio de perder este capital seria um freio mais forte para manter no caminho honesto os periclitantes, do que o medo de voltarem á cadeia.

## NOTAS

## NOTAS

---

(Pag. 9)

O carcere judiciario de Turim é uma cadeia cellular destinada principalmente a receber os individuos sujeitos a prisão preventiva.

Da leitura do livro deprehende-se que alguns reos tambem ali cumprem sentença de prisão. Modelada pelos estabelecimentos da mesma classe, deve internamente ser muito semelhante á Penitenciaria central de Lisboa, divergindo d'esta quanto ao destino, pois que a Penitenciaria sómente recebe réos do sexo masculino, definitivamente condemnados n'alguma das penas de prisão maior cellular.

Os presos não usam capuz, como na Penitenciaria de Lisboa e em outros estabelecimentos identicos.

A lei portugueza de 1 de julho de 1867 prescreve que se adoptem as precauções necessarias para que os presos se não reconheçam. Como a permanencia na cella não é continua, é claro que só o uso da viseira poderá obstar ao reconhecimento dos reclusos.

Ha publicistas que condemnam formalmente o emprego de um tal meio de incommunicabilidade de presos, e entre elles distingue-se Van der Brugghen que lhe chama invenção pueril, ridicula e nociva, porque estimula a hypocrisia dos condemnados e excita m<sup>as</sup> ainda o desejo

de se relacionarem, frustrando as precauções empregadas para se evitar a sua communicabilidade.

Este insigne author dos *Estudos sobre o systema penitenciario irlandez* tambem reprova a separação dos presos durante os exercicios divinos e tudo quanto mire a conservar a segregação individual.

No ponto de vista psychologico das suas doutrinas penalogicas, são procedentes as razões invocadas contra o capuz e contra as demais providencias relativas ao isolamento individual dos condemnados.

Por minha parte reconheço alguma vantagem no uso do capuz, que tamanha surpresa e irreflectida condolença tem inspirado a alguns visitantes da Penitenciaria que o consideram como um supplicio. São de ordinario pessoas de fina sensibilidade, que se impressionam facilmente com a perspectiva pouco esthetica dos condemnados, mas a que parece faltar phantasia para debuxarem o quadro dos morticinios e miserias, consequencia dos delictos praticados pelos martyres... do capuz.

Em geral os condemnados acceitam silenciosa e resignadamente o uso da viseira; mas aquelles que têm maior comprehensão, e que conservam ainda vestigios do senso moral, preferem andar com o rosto encoberto, para não serem vistos por estranhos nem pelos companheiros da prisão. São poucos os que pensam assim; porque tambem diminuto é o numero de reos com alguma illustração, e o d'aquelles em que o senso moral não esteja obtuso inteiramente.

\*

\* \*

Não deixa de vir a proposito dar uma rapida noticia do regimen penal de Italia.

Todos os systemas estão em pratica n'aquelle paiz, consequencia da divisão em que permanecera por seculos, tendo instituições e legislação differentes.

A pena de trabalhos forçados é cumprida em estabelecimentos, onde os condemnados vivem em commum, tra-

balhando internamente e externamente quando as circumstancias o permittem, trazendo grilheta e o fato tradicional das galés.

A pena começa pela reclusão cellular por pouco tempo, e os condemnados, segundo o seu porte, são divididos em categorias. Os da primeira podem ser empregados como mestres de officios e em serviços domesticos.

Nas provincias toscanas ha uma prisão para os condemnados em pena perpetua, denominada *ergastolo* e segregação cellular e trabalho obrigatorio na cella.

Nas prisões centraes cumprem-se as penas de reclusão e de prisão cellular, excedentes a um anno.

Além d'estes estabelecimentos, ha cadeias correccionaes, colonias agricolas penitenciarias, casas de simples detenção para adultos e menores, casas de correção propriamente dictas e prisões judicarias.

Nas cadeias cellulares vigoram os dois systemas, o de Philadelphia e o de Auburn. E' grande o numero de estabelecimentos penaes; poucos são, porém, os de moderna construcção.

O novo codigo penal estabelece o principio de que todos os condemnados devem passar pela cella, por mais ou menos tempo; mas na Italia, segundo diz Lombroso, no opusculo *Troppo presto*, não ha um terço ao menos das cellas necessarias para a prisão presentiva, e são precisas 50:000 para se dar execução á nova lei penal, o que exige 225 milhões de liras para a sua construcção, segundo o calculo do illustre sabio.

Actualmente muitos réos condemnados em penas de forma e execução diversas são recolhidos no mesmo carcere, differençando-se apenas pelo uniforme.

Ha não só falta de edificios como de bons guardas, e os directores de valia são raros tambem. Os empresarios de trabalho dominam nas cadeias, introduzindo lá aquelles elementos de corrupção, contra que se insurgem todos os penalogistas, e todos os que têm uma discreta experiencia do regimen penitenciario.

Na Penitenciaria de Lisboa ha duas officinas que funcionam por conta de um empresario, que paga a mão de obra e é encarregado de ministrar o ensino aos reclusos. Só a extrema necessidade de não manter no ocio corrosivo e degradante os condemnados pode justificar plenamente este facto, que, justo é dizel o, não tem concorrido para a quebra da disciplina, nem contrariado a acção dos directores, como acontece em estabelecimentos identicos.

\*

\* \*

Em varios pontos do livro allude-se á pena de admoestação ou reprehensão e á vigilancia policial. Para se comprehender melhor o texto, dão-se as informações seguintes.

No systema geral de prevenção da criminalidade, em Italia, comprehende-se a *admoestação*, a *vigilancia especial da policia* e o *domicilio forçado*. A pena de *ammonezzione*, reprehensão ou admoestação, é applicada por um magistrado denominado Pretor, depois da denuncia da policia, e n'um processo summario, quando se tracta de ociosos, vagabundos ou de individuos, que já tivessem sido punidos por crimes contra as pessoas ou contra a propriedade. (Art. 70 e seg., 105 e seg. da lei de Segurança publica.)

O Pretor obriga os primeiros a adoptarem um officio, não devendo afastar-se da localidade, onde ficam á disposição da Segurança publica. Quanto aos que já foram condemnados, impõe-lhes a obrigação de se não tornarem suspeitos novamente.

Os admoestados (*ammoniti*), infractores d'estas prescrições, são capturados e condemnados em seis mezes de prisão ou em dois annos sob a vigilancia especial da policia.

N'este caso os condemnados têm um domicilio forçado, que para o ocioso e vagabundo pode durar de seis mezes a dois annos, ou de um a cinco annos, no caso de serem reincidentes.

(Pag. 21)

Os condemnados que entram na Penitenciaria de Lisboa, em geral, veem sob a impressão terrifica de que vão ser encerrados em lobregos calabouços inquisitoriaes, onde não penetra uma restea de sol, um raio de luz, uma voz humana, um rumor do mundo; que vão ser enfim emparedados, havendo apenas com elles o cuidado de lhes manter a existencia, para o supplicio ser mais prolongado, cruciante e atroz.

Apezar de inaugurada em setembro de 1885, e de já ter d'ella saído para a vida livre um crescido numero de individuos, não se dissipou o pavor, e correm ainda lendarias descripções d'esta cadeia.

A immersão em agua é um dos tormentos que a imaginação popular creou e que mais tenazmente se ha findado na credulidade geral, sem excepção até de pessoas de illustração presumidamente incompativel com a ingenua acolhida de tão extravagantes informações.

Em 9 de novembro de 1885, entrou um condemnado, de 67 annos de idade; recolhido n'um compartimento cellular, onde são recebidos os presos á sua entrada, começou a olhar para a cella com ar inquieto e suspicaz, manifestando uma vehemente agitação moral. Inquirido sobre o motivo da sua inquietação, não respondeu, e voltando-se para o ventilador da cella, aberto a pouca altura do pavimento, perguntou se era por alli que havia de entrar a agua para o afogar.

A este preso allude no relatorio de 1885 o conselheiro director da Penitenciaria, dr. Jeronymo Pimentel, nos termos seguintes: «Um d'elles, velho de 67 annos, mendigo e condemnado pelo crime de homicidio, era naturalmente timido e desconfiado, segundo informações a que procedi. Logo no dia em que aqui entrou deu manifestos signaes de que era duvidoso o seu estado mental. O seu espirito fraco e de limitado alcance vinha preocupado com as falsas idéa que lhe mentiram na cadeia de Li-

moeiro em dois ou tres dias que lá esteve, e, onde com a torpe especulação de lhe extorquir alguma roupa, outros presos o fizeram persuadir de extravagantes supplicios com que aqui se lhe preparava a morte».

.....  
Introduzido na cella e tratado com a condolencia e commiseração que a sua idade, o seu aspecto e as demais circumstancias inspiravam, pareceu tranquillisar-se; mas tinha insomnias, ouvia os brados das sentinellas, e afigurava-se-lhe que eram os lamentos das victimas immoladas no silencio lugubre do carcere.

Saltando do leito, ajoelhava deante do pequeno crucifixo da cella, e, em voz alta, supplicava o perdão dos seus peccados. «O' meu Divino Senhor, dizia elle, vós que estaes áhi tão pequenino e que governaes na terra, no mar e no ceu, perdoae-me os meus maleficios, perdoae-me, Senhor.»

Os guardas, presentindo-o, entravam na cella para o socegarem e aconselharem a voltar á cama. Obedecia; mas a tranquillidade era transitoria.

Aos novos brados das sentineillas, levantava-se de impeto, apavorado. Pelos brados contava as victimas.

N'uma das noites o numero fôra assombroso. «Que boas fallas elles têm e como vão matando os desgraçados!» ponderava elle em monologo, referindo-se ao pessoal do estabelecimento.

A projectação da luz da lanterna de furta-fogo pelo *guichet* causava-lhe a illusão de um incendio da roupa do leito. Por vezes agitava os braços como quem pretendia suffocar a chamma. Duraram algum tempo as insomnias, a anorexia e as allucinações; mas, sendo subtrahido, sem quebra do principio da separação dos presos, ao isolamento, e mandado trabalhar no jardim em companhia de um operario livre e depois no interior do estabelecimento em serviço de limpeza, as faculdades mentaes entraram n'um periodo regular.

Hoje recorda-se d'aquelle seu estado de perturbação, e agradece os cuidados com que fôra tractado.

E' este o primeiro recluso que na Penitenciaria dera indicios de alteração psychica, effeito não do regimen cellular, mas da impressão de terror com que entrara no estabelecimento, originada na descripção dos horrores que o esperavam.

Não é o unico preso que tem entrado com a sinistra previsão de uma morte imminente.

Mais alguns, debaixo da mesma impressão, têm nas outras cadeias dado a companheiros o vestuario e os objectos inuteis para condemnados a uma morte inevitavel!

(Pag. 27)

O isolamento submete á prova as naturezas que não são de rija tempera, diz o dr. Marro.

E' uma asserção exactissima. A segregação cellular é, quasi sempre, um revelador de anomalias mentaes. O delinquente, collocado n'um meio em que a actividade physica cede terreno á acção psychica, manifesta aberrações cerebraes, que se não patenteiam com a mesma intensidade ou que passariam despercebidas no ambiente social em que vivia.

A consequencia d'este facto é que, irreflectida e exaggeradamente, se responsabilisa o regimen penitenciario pelo apparecimento de symptomas de loucura, quando esta existia latente, e só aguardava condições mais favoraveis á sua revelação ou ao seu desenvolvimento.

Se o regimen cellular gosasse do privilegio funesto de converter cada delinquente n'um alienado, de ha muito devia ter sido condemnado pela sciencia, pelo simples bom senso e pelos principios de humanidade. No viver de uma prisão cellular os casos de loucura constituem accidentes excepçionaes, como comprova o grande numero dos que sahem com as faculdades inteiramente indemnes e intactas, apesar de uma clausura prolongada.

Casos d'estes dão-se tambem nas cadeias em que os presos vivem em commum, jogando, foliando, beberricando, n'um contubernio gratissimo e desenfadado.

\*  
\* \*

A solidão, a nostalgia, as recordações de familia, a miseria dos filhos, o receio da deslealdade das mulheres, o lento arrastar d'essa lesma horrenda, o tempo, como diz H. Heine, o *tœdium vitæ*, a melancolia peculiar das cadeias cellulares, são, algumas vezes, factores de uma doentia depressão psychica de certos presos ou de perturbação das faculdades mentaes.

Sobrevem a anorexia, os alimentos perdem o seu sabor ordinario, deprava-se o sentido do gosto, principia a suspeitar-se dos gestos, dos olhares, dos movimentos e palavras das pessoas com quem se trata, e finalmente as allucinações de audição veem confirmar as desconfianças de que se pretende envenenal-os.

D'esta fórma de delirio de perseguição tem havido alguns casos na Penitenciaria de Lisboa. Em regra são passageiros estes phenomenos, e apenas foi necessario remover para o hospital de Rilhafolles um preso, em que o delirio de perseguição fôra gradualmente augmentando de gravidade, e parecia com tendencia para se metamorphosar em delirio ambicioso.

Entrando eu na cella de um condemnado por homicidio voluntario (crime puramente accidental), para examinar o seu trabalho, em que era assiduo, e em que demonstrava habilidade, achei sobre a meza os versos seguintes:

«O preso 78  
Não pode comer o pão  
Por temer que muito breve  
Assim lhe arranjem perdão.  
De café gostava elle,  
E consolava-lhe a guella,

Mas 'stá o diabo mettido  
No inferno d'esta cella,  
E' necessario que o pucaro  
Se não encoste muito a ella.

Lidos os versos, attentei no auctor, e reconheci-o mais abatido e melancolico do que se apresentava anteriormente. Como não lhe havia notado amor ás Musas, surprehendeu-me a composição, cujo sentido um pouco obscuro, foi aclarado lucidamente, quando o preso me confidenciou que os guardas, para o matarem, lhe ministravam cantharidas no café e no rancho. Investigando se elle conhecia os effeitos da ingestão do irritante coleoptero, reduzido a pó, reconheci que os ignorava, entretanto, *de visu*, tinha a certeza de que a comida era polvilhada com aquelle veneno.

Este tresvario mental succedeu depois de dois annos de prisão com um comportamento exemplar, sendo a consequencia de uma melancolia profunda, com rara intermissão de dias menos obumbrados.

\*  
\* \*

Referindo-se a outro condemnado, posto já em liberdade, dizia o director no relatorio do anno de 1885:

«Era tambem a mania dominante o receio de que o matavam; só se julgava seguro junto de mim, do sub-director ou do chefe dos guardas; de todos os mais empregados se arreceiava.

«A applicação de calmantes, e o emprego de todas as diligencias para o distrahir, fizeram n'o socegar, voltando ao trabalho de esparteiro em que se emprega.»

.....  
A revelação da sua morbosidade mental deu-se n'um dia em que, estando á missa, acompanhada a musica de orgão, ouviu os lamentos dos filhos, que, enregelados, lhe pediam pão. As allucinações de ouvido continua-

ram. Os filhos chamavam-n'o, e, ás vezes, o diabo lava-lhe. Sob o terror da perseguição, um dia entrinchei-rou-se na cella, recusando-se com resistencia tenaz a remover a barricada feita com a cama e uma meza de trabalho, ameaçando quem tentasse entrar. A porta foi violentada, e o preso subjugado, havendo ferido um guarda.

Com uma vigilancia continua e um tratatamento moral adequado e pacientemente seguido, as allucinações foram-se dissipando, recomeçou a trabalhar com afan para soccorrer a mulher e filhos, sabindo depois da pena cumprida, n'um estado mental e physico normaes, affirmando não ter a mais tenue recordação do periodo morboso porque passára.

Sensações nervosas anomalias originam ideias extravagantes. Um, durante mezes, mostrava-se convicto de que andava gravido, e preocupava-se com a impossibilidade ou difficuldade do parto! Ao mesmo tempo trabalhava na sua officina com certa regularidade. Outro apresenta-se com uma tal preversão de sensibilidade, que um banho frio é um supplicio. Sente-se escaldado, e vê cahir a pelle em farrapos, tem horror á camisa lavada, que se lhe distribue ao sabbado, como se ella fôra a tunica de Nessus. Apesar de ter ingerido toxicos em quantidade superior talvez á que os Borgias propinaram, desempenha o serviço que se lhe determinou em harmonia com a idade um pouco avançada, e não se espanta de viver ainda, nem zomba dos avariados toxicos impotentes.

As allucinações dos reclusos, em que ha o estyigma da hereditariedade viciosa, são mais phantasticas e pan-demonicas. Um, condemnado por homicidio, estúpido, com muitos caracteres somaticos do delinquente nato de Lombroso, filho de pae beberão e de mãe epileptica ou hysterica, *de cabeça chôcha*, na phrase do filho, pouco depois de admittido na cadeia, via na cella uma cabra preta; presumia ser o diabo, e, receioso de se tornar energumeno, tapava com a mão o orificio, por onde o mau espirito podia ter mais facil e clandestino ingresso.

Um epileptico lavou um livro da escola, porque lhe sentia um fedôr cloacino!

Um dia viu penetrar pela fresta da cella uma lava-reda vermelha; pouco depois aggreuiu um guarda, mor-dendo o.

Outros casos se têm dado da mesma indole, vulgares nas prisões. Ha quadras do anno em que se nota a inter-missão d'estes phenomenos, coincidindo com a primavera o seu apparecimento.

Na maior parte, estes accessos são transitorios; a adaptação ao meio, o trabalho, e a approximação da liberdade são de um excellente effeito therapeutico. Dos *perseguidos* apenas um foi removido para o hospital de Rilha-folles, como já expuz.

(Pag. 30)

A melancolia carceraria, a irritabilidade congenita, agravada pelo isolamento, os accessos de mania são as causas frequentes dos suicidios nas cadeias cellulares, para que estão predispostos estes variados specimens de degeneração physiologica

No decurso de 3 annos houve na Penitenciaria de Lisboa tres suicidios, duas tentativas sérias e duas simula-das.

Do primeiro suicida lê-se no excellente relatorio do director da cadeia, respectivo ao anno de 1886, o seguinte:

“O que vou dizer a v. ex.<sup>a</sup> foi-me contado pela propria irmã do suicida, unica pessoa de familia que elle tinha e com quem por mais de uma vez fallei a respeito d'elle.

“Foi sempre assim, dizia-me ella; um lunatico, um doente de espirito. A's vezes saia de casa, divagava dias pelos campos, meditabundo, concentrado, triste, e só voltava quando lhe passava aquella *nevrose*...

“O crime que o trouxera a esta prisão, ou antes o des-

vario, que os tribunaes classificaram como tal, foi o facto de haver lançado fogo á casa em que vivia com um cunhado, pertença do palacio de Queluz, e creio que contigua ao mesmo palacio.

Não gostava do cunhado por um motivo qualquer; na casa estava o pequeno espolio que lhe ficára por morte da mãe, e do qual lhe pertencia a elle e á irmã, a que ha pouco me referi e que vive em Lisboa, cinco sextas partes, e ao cunhado apenas uma.

N'um dia em que o cunhado estava fóra lançou o fogo á casa, sem se lembrar que elle e a irmã eram os mais prejudicados com o incendio.

Em seguida apresentou-se voluntariamente á justiça, confessando o facto.

Perguntando-lhe eu qual fóra o movel d'aquelle crime, que por todos os lados o prejudicára, respondeu-me: «Foi uma loucura que eu reconheci logo, mas não pude resistir a pratical-a».

A justiça não viu n'aquelle homem um maniaco, um emente, um desassisado; não inquiriu dos seus antecedentes, não estudou a sua physiologia moral; olhou para elle como para um incendiario que lançára fogo á sua habitação pertencente á casa real, e condemnou-o como um criminoso.

Veiu para aqui muito concentrado, muito triste, muito remulo, e tanto que a custo escrevia o seu nome. Pediu para exercer o officio de sapateiro, que elle sabia.

Um dia, tres mezes depois que para aqui viera, entrei a sua cella; estava elle almoçando muito tranquillamente, disse-lhe qualquer cousa indifferente, a que elle respondeu com toda a placidez, e delicadeza sem que manifestasse, ao que parecia, a mais leve preocupação de espirito.

Pouco depois foi para o passeio, e passados alguns minutos, estando por acaso proximo d'ali, acudi ao chamamento do guarda que estava de vigia, e encontro o homem banhado em sangue, que lhe corria de uns golpes que dera no pescoço com a faca do officio que escondidamente levára para o passeio.

«Perdôe-me, sr. director, foram as primeiras palavras que me disse, eu fiz uma loucura, mas não pude resistir a fazel-a.»

Os ferimentos não foram graves, e em pouco dias tinham cicatrizado.

O seu estado de concentração e de tristeza era maior; dizia que receiava um grande castigo da direcção pela falta que commettêra.

Tranquilisava-o; todo o pessoal lhe dirigia palavras de animo e de conforto, e lhe asseverava que nenhum castigo soffreria. O capellão com a sua palavra auctorizada pelo seu character afiançava o mesmo. A propria irmã aqui veiu mais de uma vez, e eu todos os dias o visitava procurando dissuadi-lo dos infundados receios do castigo.

Disse-me um dia que era victima de intrigas politicas, que o accusavam de ser miguelista, e era por isso que lhe queriam mal, mas que elle nunca fóra politico, e nem sequer votára nunca em eleições!

O seu estado mental estava agora em toda a sua evidencia; recommendava por isso aos guardas a maior vigilancia.

Na madrugada do dia 11 de fevereiro, pouco depois do guarda ter observado a cella, levantava-se da cama e com um pequeno cordão de pouco mais de 1 metrô e que serve para abrir a janella, formava um laço, e deixava-se cair suspenso pelo pescoço de cima do banco, a que subira para poder chegar ao cordão da janella.

Quando se deu fé estava cadaver.

Procedeu se a autopsia; a craneologia não deu á simples inspecção ocular manifestações sensiveis de desorganisação cerebral.

Mas que a havia deve estar para todos fóra de duvida.

A irmã, em seguida a communicar-lhe o facto do suicidio, dizia-me n'uma carta, que mandei archivar junto ao respectivo processo d'aquelle preso, que não a surpreendeu aquella noticia, porque, conhecendo bem o estado mental de seu irmão, estava ha muito convencida que seriam



baldados todos os meus esforços para o salvar d'aquella desgraça.»

.....  
Este infeliz tinha 50 annos de idade, constituição debil e temperamento nervoso, e fôra condemnado na pena de 8 annos de prisão cellular, seguida de 12 de degredo. As feições eram regulares e o aspecto agradável, embora o semblante denunciasse uma melancolia profunda e concentrada.

Ao cabo de tres annos de reclusão cellular, suicidou-se pela mesma forma um condemnado por crime de homicidio voluntario, praticado por motivos insignificantes, na rua principal de uma cidade, de dia, e com crueldade ferina.

O suicida exercia na cadeia o officio de sapateiro e com o producto do trabalho soccorria a mulher e um filho, cuja sorte e desamparo o preocupavam continuamente.

Lastimava-se sempre, e, a despeito da condolencia caridosa com que era tratado, no rosto não lhe alvorejava um sorriso de tranquillidade moral, ou, pelo menos, de resignada paciencia. Irritavel e desconfiado, correspondia-se diariamente com a mulher, entresachando nas suas lamentações phrases cruciantes, que o temor de uma perfidia conjugal lhe suggeria com uma pertinaz obsessão.

Sem que desse o mais leve indicio de aggravamento do seu estado melancolico, quando mais sereno parecia estar no exercicio da profissão, pôz termo á vida!

Decorridos 6 mezes de prisão, suicidou se por forma identica um reo condemnado na pena de 2 annos por crime de offensas corporaes.

Era um alcoolico, que tinha frequentes accessos epilepticos.

Esbofeteára o parochio da sua freguezia, quando este, revestido ainda sacerdotalmente, voltava de ministrar os sacramentos a um moribundo.

O offendido era um ancião venerando e o attentado fôra injustificavel e sem motivo ou provocação qualquer.

O suicidio foi immediato a uma irrupção subitanea de loucura.

Um homicida e ladrão, epileptico, tentou suicidar-se, e um homicida de caracter melancolico fez tentativa identica; mas o prompto auxilio dos guardas obstou á catastrophé.

As outras tentativas parecem indubitavelmente simuladas; é notavel, porem, que estes simuladores pertencem áquella categoria de delinquentes, estreitamente aparentados com os individuos clasificados anthropologicamente como loucos moraes ou criminosos natos.

\*

\* \*

A melancolia nem sempre deprime e conturba as faculdades mentaes. E', ás vezes, Musa condoida, que vem consolar os infelizes com o caricioso convite a que desafoguem metricamente as suas maguas. A tristeza, a dôr, a saudade fôram sempre sentimentos cuja expressão mais se amolda á linguagem rhythmica da poesia.

Um escreve: (1)

«Muito triste é no mundo  
Um homem estar isolado,  
Sem ter ninguem ao lado  
Que o possa confortar,  
Só vós, meu divino Deus,  
E' que me podeis consolar.»

.....  
Canta o rouxinol no loureiro,  
No ar canta a cotovia,  
Canta o gallo no poleiro  
Annunciando a luz do dia.

(1) Estes e outros versos são transcriptos textualmente.

Canta o soldado na guerra,  
Canta emfim toda a gente,  
O lavrador canta no prado  
Para o gado andar contente.

Tudo devia cantar  
E não ser prohibido,  
Mas n'esta casa só canta  
Algum que perde o sentido.»

Outro, glosando um mote, deplora-se elegiacamente:

De que me presta o viver,  
Quem tem tão triste sorte,  
Que mais me valia a morte  
Do que tanto padecer.  
Já 'stou farto de soffrer,  
Esperando pela liberdade,  
Para mais infelicidade  
Já vejo tudo cerrado,  
Ai de mim, 'stou desgraçado  
Na flôr da minha idade.

Outro glosa, entre outros motes, os seguintes:

«Fechei a porta á desgraça,  
Entrou-me pela janella,  
Se eu sou da desgraça filho  
Não posso fugir a ella.

.....  
Tive por pae o delicto,  
Minha mãe foi a desgraça,  
O crime deu-me o baptismo  
Nega-me Deus sua graça.»

O mais notavel versejador é um aventureiro hespanhol,

de cujas composições já dei noticia na *Gazeta de Portugal*, e que transcrevo aqui, junctamente com o esboço biographico feito sob informações suas.

\*  
\* \*

Devia ser um gentil andaluz, quando, ha mais de cinquenta annos, apparecesse na praça de Vivarrambla, em Granada, com o seu chapéu conico debruado de velludo, jaqueta com alamares de prata e recamos de panno de varias côres nas mangas, nos canhões e na gola, faixa amarella, calções com abotoadura de filigrana e polainas de coiro

Seu pae era commandante de guerrilheiros carlistas, e quando o general Gomez entrou na Andaluzia, em 1835 a 36, A., que era um guapo adolescente, acompanhou seu pae, arrebatado pela miragem seductora das aventuras da guerra, deixando a cidade natal, a *del cielo luciente estrella*, como se diz no *romancero*, e as margens do Darro, que corre como quem foge de ruinas e gemendo saudades dos esplendores e das festas do tempo de Boabdil.

Ainda na refulgencia da juventude, pela sua intrepidez de hespanhol e audacia de guerrilheiro, alcançou o posto de capitão; mas a inconstancia da fortuna sepultou-lhe em Vergara as esperanças de um futuro glorioso.

Emigrou com o pae para o valle de Andorra e d'ahi para França, onde aquelle rude pelejador foi descansar coberto pela terra do exilio, em vez de repousar na patria á sombra dos loureiros da victoria.

O moço granadino, regressando a Hespanha, foi obrigado a assentar praça no exercito triumphador, e em 1847 entrou em Portugal, na expedição do general Concha, como 1.º sargento do regimento n.º 18 de Almanza.

Rebentando em 1848 uma revolução carlista na Catalunha, desertou e uniu-se aos sublevados, que foram dispersos no anno seguinte n'um combate nos Pyreneus. Emigrou de novo e, voltando mais tarde a Hespanha, deli-

berou dedicar-se a uma profissão pacifica, trabalhando como tecelão em Valencia.

As provações do exilio e o mau exito das empresas carlistas operaram no seu espirito uma conversão ás ideias liberaes mais exaltadas, entrando por isso n'um *pronunciamiento* de Valencia, em 1850, e no de Loja em 1861, como sectario candente das doutrinas republicanas do mallogrado Xisto Camara.

Oriundo de uma cidade que fôra theatro de tantas aventuras e com o sangue de um arabe, o seu temperamento não se adaptava docilmente ao modesto exercicio da profissão industrial, que só usava nos dias em que o solo patrio não estremecia com as convulsões revolucionarias.

Agitada a Hespanha com o federalismo, saltou do tear para as manifestações ruidosas das praças, para o tumulto dos partidos, e o torvelinho da guerra civil impelliu-o para dentro dos muros de Cartagena, onde foi esmagada aquella manifestação atavica das historicas autonomias provinciaes.

Desde então a vida de A. entrou n'um periodo obscuro, tendo chegado ao termo da sua viagem aventureosa pelos paramos em que a politica havia deixado tantos vestigios de sangue e tantas ossadas dispersas.

Vivendo com um filho n'uma pequena povoação hespanhola, aquelle, que é um moço que não desdiz da galhardia do antigo capitão carlista, apaixonou-se por uma formosa filha de um visinho, a qual lhe depositou nas mãos o thesouro do seu amor com a imprevidencia e a fragilidade com que a mãe d'ella se refugiu nos braços do pae, para escapar ás sevicias de um marido ciumento e ebrio.

Pae e filho, mãe e filha abandonaram os lares, procurando uma Cythera tranquilla, onde, sob a copa de myrtos olorentes, fruissem as delicias de um amor não perturbado pelas investidas ferozes de um pae e de um marido, gravemente vulnerado no seu affecto e pundonor hypotheticos.

Entrou, pois, em Portugal, no anno de 1877, o antigo

campeador, acompanhado pela profuga esposa do Othello vinolento.

Como até hoje ainda não se inventou processo para que o coração dispense os labores chimicos do estomago, os dois amantes tiveram de dedicar-se a uma profissão lucrativa e adoptaram a de vendedores ambulantes de tecidos.

Relacionaram-se com alguns contrabandistas, tambem hespanhoes, e d'ahi proveiu a desventura do negociante granadino.

O emprestimo de um cavallo, que, *segundo pensa foi commetter uma má acção*, motivou a sua pronuncia por crime de roubo e a peregrinação por algumas cadeias infectas, até que a resolução definitiva do processo, que por alguns annos o deteve em prisão preventiva, lhe abriu as portas da Penitenciaria, para lá passar oito annos da sua velhice, vigorosa ainda, como de quem recebeu da natureza uma organização de aço bêm temperado.

O filho, como se identico infortunio o perseguisse, está n'um presidio penal de Hespanha, d'onde se corresponde com o pae em cartas escriptas com a vivacidade de estylo e o ardor peculiar dos hespanhoes.

Um dos golpes mais cruentos e dolorosos que lhe vibrou a sua sorte funesta foi o desamor com que a amante o deixou, logo que se correram os ferrolhos do carcere, onde o pobre moço expia a sua culpa.

O pae, da *madriguera* em que vive, envia-lhe ainda palavras de consolação e reparte com o filho as caricias que uma Musa piedosa lhe dispensa, visitando o nas horas tristes da noite, quando a Penitenciaria com o profundo silencio das suas quinhentas cellas recorda uma necropole egypcia, onde as mumias dormem um somno secular.

Á descaravel amante do filho dirigiu o pae as estrophes seguintes :

“¿Sabes lo que dice el rio  
Quando entre flores se mira,

Y vagamente suspira  
Com melancólico son?  
Pues dice, querida niña,  
En su dulcissima glosa:  
— Ay d'aquella que es hermosa,  
Y destroza un corazon! — »

Pobre de la que en sus lábios  
Forja mentira engañosa  
Y diciendo qualquier cosa  
Causa gran pena y afan  
Pues cual flor desde la altura,  
A que su orgullo la arroja,  
Por el suelo hoja por hoja  
La derriba el huracan.»

«Y vagando, y confundida  
En remolinos sin cuento  
Pedirá piedad al viento  
Envuelta entre su furor,  
Y en vano quejas amargas  
Lanzará contra el destino,  
Que no puede haber buen sino  
La que hizo escarnio al dolor.»

Como se vê, o poeta vaticina um funesto fim á amante ingrata e airada de seu filho; presumo, porém, que ella terá lido com um desdenhoso sorriso as predicções sinistras com que elle pretende attrahir ao ninho amoroso a libertina pomba, que fugiu dos negrumes do carcere para o azul, onde livremente esvoaça.

A Musa condolente de A. inspira-lhe ás vezes composições humoristicas, que são como umas flores nascidas em rincões, onde o sol não diffunde prodigamente os matizes da luz.

Um dia, encontrando um grillo, no pateo do passeio trouxe-o para a cella, e como trabalhava em obra de arame (ratoeiras, gaiolas, crivos etc.), encarcerou o in-

secto n'uma pequenina gaiola feita de proposito para o estridulo prisioneiro. Ao mesmo tempo dedicou-lhe uma poesia, em que ambos se queixam da sua desventura e reciprocamente se consolam.

Diz o poeta :

«Pobre grillo, pobre grillo.  
Donde venistes a parar!  
En una penitenciaria  
Por tu desgracia fatal!»

«Veniste hacer compañía  
A otro ser desventurado,  
Que triste y desconsolado,  
Com angustia, amarga y fria,  
Y tú con tu cantoria  
Has pensado dar-le alivio  
Y compartir el martirio  
En su horrorosa prision,  
Labraste tu perdicion.  
Pobre grillo, pobre grillo!

A estas e outras estrophes lamentosas responde o insecto :

«Que delito cometi,  
Hombre cruel, inhumano  
Para tu alevosa mano  
Me conducir hasta aqui,  
Aprisionado por ti  
Sin delito ni razon?  
Labraste mi perdicion,  
Robaste mi libertad  
Com injusta autoridad  
Me metiste en la prision.»

O poeta :

«Te quejas que sin delito  
 En la prision te he encerrado  
 Y me tratas de inhumano,  
 Y de cruel y maldito,  
 Y que eras un pobrecito?  
 Pues te digo en conclusion  
 Que te quejas sin razon,  
 Pues te prendi nel jardin,  
 Destrozando plantas mil,  
 — La causa de tu prision.»

«O grillo replica, negando a competencia do captor e a injustiça da captura e pretente com ameaças obter a liberdade.

Si no me dás libertad  
 Ya te puedes prevenir,  
 No te dejarè dormir  
 Ni un minuto descansar.  
 Toda la noche a cantar  
 Solo por dar te tormento.»  
 «.....»

O grillo por fim humilha-se, promette ser mais prudente e regenerar se. É posto em liberdade.  
 O poeta, concedida a amnistia ao insecto, exclama:

«Que bello es el madrugar  
 Y por via de recreo  
 Salir a dar un paseo  
 Y hacer gana de almorzar!  
 Ver frescos manantiales  
 De fuentes murmuradoras,  
 Tender los ricos manteles  
 Sobre la placida alfombra  
 Bello y poetico és!»

Ah! quem sabe, se ao ver sahir o grillo para o recesso viridente das gramineas e caramancheis da relva, o triste

captivo se recordou, por uma mysteriosa associação de idéas, d'aquellas:

«Verdes plantas de Genil,  
 «Fresca y regalada Vega,  
 «Dulce recreacion de damas  
 «De los hombres gloria immensa

por onde florejaram os annos da sua meninice?!

A. tem uma collecção de varias composições poeticas de que permittiu extractar as estrophes que me aprouvesse.

Tem poematos em que canta os deuses Marte, Minerva, Cybele, Pan, tratando principalmente de averiguar a sua origem.

De Pan diz o poeta:

«Mucho tiene que admirar  
 Este grande moravito,  
 Su cabeza de cabrito  
 Y el cuerpo de racional!»  
 «.....»

Depois dos assumptos mythologicos canta Jesus Christo, a cruz e sua origem. Um mouro e um christão disputam ácerca da superioridade das crenças religiosas dos dois.  
 O mouro começa:

«Ya que te has puesto, cristiano,  
 Hoy conmigo a argumentar  
 Hace el favor d eexplicar  
 El Dios del geuero humano.»

O christão explica que é o Padre Eterno, creador do homem, e o mouro volve-lhe:

«En tu primer argumento  
 Parece haver igualdad,

Porque nuestro Padre Alá  
Es el mismo Padre Eterno.»  
.....

O mouro com suas argucias, propelliu o christão á duvida sobre a genuinidade da sua proppia crença religiosa, não sabendo por fim, na confusão das varias religiões, qual d'ellas seja a verdadeira.

Ha uma parte do manuscripto que se não pode folhear sorrindo. É aquella em que o auctor allude aos desvarios da sua existencia passada e á dolorosa situação presente.

Diz elle:

«Cuando me echavan el agua,  
Grandes lamentos eu daba,  
No queria ser cristiano,  
Preferia ser pagano.  
Quien mal anda, mal acaba.  
.....

«En el reloj de mi afan  
Que largas las horas son,  
Y que poco a poco dan  
Alivio a mi corazon!  
«Cuando me acuesto en la cama  
Con deseo de dormir  
Me acuerdo del porvenir  
Y de mi vida pasada.  
Que en una penitenciaría  
Mis dias acabaran.  
Los minutos y las horas  
Que poco a poco resonan  
En el reloj de mi afan!  
.....

«Sempre de mal en peor  
Hace tiempo voy marchando,

Y el tiempo me va enseñando  
A sufrir con gran valor.  
Dando vueltas al redor,  
Lo que jamás presumi,  
Que habia llegar aqui  
Donde está la fin del mundo.  
.....

Entretanto resigna-se e canta:

«Tres ranchos me dan al dia  
Con abundancia y esmero,  
Cama limpia y con aseo,  
Que duermo con gran delicia.  
.....

«Mi mesa para comer  
Tintero para escribir  
Libros para me instruir  
Y un vaso para beber,  
Bacia para lavar  
E un paño para limpiar;  
No estoy de todo mal.»

Como são tristes estes versos em que o triste se conforma com a sua sorte de preso submettido ao regimen uniforme e constante que se observa n'uma cadeia penitenciaria:

«Como cuando me lo dan,  
Duermo quando me lo mandan.  
Al toque de zarabanda  
De campanilla al tan-tan  
Me acuesto con gran afan  
Y com mucho sentimiento,  
Y duermo como un jumento,  
Que és el unico placer  
Que el hombre puede tener;  
Estoy triste y estoy contento.»

Basta de citações. Do guerrilheiro carlista, do republicano revolucionario, do moço que, aos dezeseis annos, encetou uma carreira de aventuras, d'aquella individualidade tão caracteristicamente peninsular, que resta? Um numero e um registo que diz: rosto comprido olhos castanhos, nariz regular, cabello e barba grisalhos!

\*  
\* \*

Não terminarei esta nota sem dar conta de um facto singular.

Cumpra sentença n'esta cadeia um moço que tinha uma elevada educação scientifica, e que dera provas inequivocas de talento, especialmente nos estudos mathematicos. Praticou um homicidio e a sua responsabilidade moral foi muito discutida na imprensa e nos tribunaes.

Os illustres alienistas Drs. Senna, Julio de Mattos e Craveiro são de parecer que o crime fôra um acto praticado sob o impulso de um accesso de epylepsia psychica. Os tribunaes regeitaram a opinião dos alienistas, e condemnaram-o como auctor de um homicidio voluntario com circumstancias aggravantes.

Ha poucos dias este preso sonhou que fôra chamado á presença do director da cadeia, e que, entrando no gabinete d'elle, vira, com grande admiração, a um canto da sala Torquato Tasso, vestido com o uniforme de recluso e com uma corôa de louro. O director disse ao preso: «Este é o grande poeta italiano Tasso, que vae fazer-lhe companhia.» O preso retirou-se com o poeta, e, entrando ambos na cella, depois de uma breve conversação ácerca da vida e destino commum que iam ter, o poeta começou a lêr a *Jerusalem Libertada*, e o preso foi vertendo para portuguez as estrophes á proporção da leitura. No mais bello momento d'esta allucinação esthetica, o preso accordou ao toque de levantar. Sahiu do leito impressionado vibrantemente pelo sonho, e pôde lembrar-se ainda da versão da primeira estrophe, que apressadamente escreveu.

O original é:

Canto l'arme pietose e 'l capitano,  
Che 'l gran sepolcro liberó di Cristo;  
Molto egli opró col senno e con la mano,  
Molto soffri nel glorioso acquisto:  
In van l'Inferno a lui s'oppose e in vano  
S'armò d'Asia e di Libia il popol' misto,  
Che il ciel gli diè favore e sotto ai Santi  
Segni ridusse i suoi compagni erranti.

Fôra traduzida assim em sonho:

As pias armas canto e o capitão,  
Que de Christo o sepulchro portentoso  
Alcançou libertar da escravidão,  
Peito de martyr, braço valoroso:  
Armas d'África e d'Ásia ajusta em vão  
Satanaz contra o feito glorioso,  
O céu defende e restitue clemente  
Ao Santo Lábaro a dispersa gente.

E' admiravel esta estrophe, perfeita na fórma, exactissima na idéa! Só accrescentarei:

Digam agora os sabios na Escriptura  
que segredos são estes da natura.

(Pag. 35)

No ambito estreito da vida cellular as virtudes e vicios dos condemnados reduzem-se ao cumprimento ou infracção das disposições regulamentares.

O bom comportamento consiste na incommunicabilidade dos presos entre si, na submissão, na docilidade, na di-

ligencia e cuidado no trabalho, no aproveitamento escolar, na limpeza pessoal e da cella, na obediencia e respeito aos mestres de officios e aos guardas.

Não se careee de grande energia nem de uma esforçada luta moral, para se resistir ás tentações dos vicios e alcançar direito aos premios estatuidos no regulamento. Os individuos apathicos e os que, pela reincidencia, já tenham adquirido o habito da obediencia pontual ao regulamento, são os que maior probabilidade têm de gozar as recompensas attribuidas ao bom comportamento.

A virtude na vida social demanda uma lucta, em que o character se retempere, a vontade se robusteça, e os instinctos egoistas e paixões brutaes sejam vencidos pela razão, e cedam o campo ao predominio das normas de uma boa conducta.

O recinto das cellas não é palestra d'onde, pelo exercicio das forças moraes, se saia sempre bem adestrado e provido das virtudes que a vida social reclama.

A apathia, a hypocrisia paciente e a adaptação facil podem mascarar-se com as apparencias da docilidade, do arrependimento, dos bons propositos de emenda, e alcançar o premio, que só deveria distribuir-se á virtude reconhecida e assignalada por actos meritorios, comprovados plenariamente.

E' por isso que a instituição da liberdade condicional mal se compadece com o systema de cellularismo continuo, e demanda uma complicada organização penologica, em que o condemnado adquira uma área mais ampla de acção na qual possa manifestar-se a sua individualidade, quasi supprimida no recinto de uma cella solitaria.

Mas que delicadissimo criterio, que observação constante é preciso ter, para penetrar no recesso da consciencia dos condemnados! E' mister que os directores dos estabelecimentos penaes reunam qualidades eminentes e conhecimentos especiaes de anthropologia, de sociologia e de psychologia principalmente, e a quantos erros de apreciação não ficarão sujeitos ainda as suas sbservações e o seu juizo ácerca dos effeitos moraes da penalidade!

(Pag. 41)

Sendo o carcere de Turim uma prisão preventiva, o trabalho não é obrigatorio, como é na Penitenciaria de Lisboa. Muitos reclusos mantem-se n'uma ociosidade de leteria, e, a não ser os que se occupam como escreventes, enfermeiros e os auxiliares do arrematante de serviço economico (entidade que não existe cá, e que é sempre funesta ao regimen penitenciario), os demais fazem caixas de phosphoros, o que deve ser, na phrase de Beltarni Scalia, *um quadro poco seducente*.<sup>1</sup>

Actualmente ha na Penitenciaria 516 condemnados, e é diminuto o numero dos que, por doença, por idade avançada, ou por terem entrado ha pouco, se mantêm inactivos.

Os trabalhos industriaes são variados, e, em regra, demandam um esforço physico altamente salutar para quem se vê forçado a viver n'um recinto limitado e sob a acção debilitante da clausura cellular.

E' um facto, comprovado já sufficientemente, que os presos, na generalidade, conservam a saude, mas, a despeito da alimentação abundante e sadia, não se obsta a um certo deperecimento de forças, principalmente quando os condemnados pertencem á classe agricola, ou exerciam ao ar livre profissões manuaes que exigiam um benefico dispendio de força muscular.

O trabalho não é o dos escravos romanos no ergastulo; é pedido e acceito como um lenitivo, e como os condemnados têm quinhão no seu producto, exerce sobre uma grande parte dos delinquentes uma salutar influencia moral, pois que, embora separados da familia, não se reputam mortos para as mulheres e filhos a quem soccorrem com a quota parte auctorisada na lei.

Para os individuos em que se nota um desequili-

<sup>1</sup> *La Riforma Penitenziaria in Italia*, pag. 310.



brio mental, o trabalho é um prophylactico excellente contra as desordens cerebraes, que o isolamento cellu- lar pode produzir.

Pag. 81

E' notavelmente pequena a mortalidade da cadeia de Turim. Fazendo-se o confronto com a da nossa cadeia penitenciaria, vê-se que n'esta a mortalidade está n'uma proporção muito elevada, apesar de n'aquella se darem os casos pathologicos communs a todas as cadeias cellu- lares sem exclusão da tísica, que mais parece molestia diathetica de criminosos, do que um effeito da prisão. E' certo porém que os predestinados para a hecatombe d'aquella enfermidade terrivel encontram na claustração das cadeias penitenciarias um ambiente muito favoravel ao rapido desenvolvimento da molestia.

Vem de molde a citação de uns trechos do recente re- latorio do illustre medico Agostinho Lucio e Silva.

«Na Penitenciaria de Lisboa, em 1886, houve 7 obitos: de tísica pulmonar 4, pyohemia 1, carcinoma do estoma- go 1, congestão pulmonar 1. População media 267, ou seja, 2,62 por cento da mortalidade geral, e 1,49 de tu- berculose.

Em 1887, 10 obitos: pleurisia com derramamento 1, ti- sica pulmonar 6; tuberculose mesenterica e pulmonar 1; hypertrophia do coração e pleurisia tuberculosa 1; pleu- risia chronica tuberculosa 1. População media 335, ou seja 2,98 por cento da mortalidade geral, e 2,68 de tu- berculose.

Em 1888, 12 obitos (janeiro a agosto): pleurisia com derrame 2; cyrrhose do figado 1; lepra anathetica e atro- phia muscular 1; tísica pulmonar 4, meningite tubercu- losa 1; tuberculose abdominal 1; tuberculose generalisa- da 1; meningite chronica 1. População media 430, ou seja 2,79 da mortalidade geral e 1,62 de tuberculose.

Em 29 obitos houve, portanto, de tísica pulmonar 41 outras tuberculosas 6, outras doenças 9.»

Apreciando o facto do predomínio da tuberculose no quadro nosologico da cadeia, diz o auctor do relato- rio :

«A maior parte, tendo já soffrido annos de prisão em cadeias communs, trazem consigo inequivocos signaes de deterioração physica, a magreza, a anemia, a escrofulo- se, as adenites ganglionares, as ulceras, o alcoolismo, o tuberculo, fatal e triste apanagio da vida viciosa, da li- bertinagem e da vida miseravel dos carcerees, onde falta a luz, onde ha mingua de toda a hygiene physica e mo- ral, onde é escassa a alimentação, o asseio e o conforto, que a humanidade não pode, nem tem direito a negar a quem precisa de castigar por obrigação e regenerar por dever.

Ninguém poderá contestar a dupla acção deprimente da vida dos carcerees, physica e moral, sobre o individuo privado da liberdade e entregue aos remorsos<sup>1</sup> e á expia- ção do seu crime. E dada esta, desde logo se estabelece uma causa occasional, que a seu tempo fará explosir o germen morbigeno, entretido por uma disposição organi- ca, por uma diathese latente. E será isto por si um facto perfeitamente isolado, sem relações com a anthropologia criminal, cujo estudo vae modernamente alumando tan- tos pontos brumosos, tantos problemas difficeis da crimi- nalogia? Os factos observados dizem que não, e até le- vam a acreditar na existencia de relações provaveis en-

<sup>1</sup> A palavra *remorso* não é vulgar no vocabulario dos criminosos. A raros a tenho ouvido pronunciar, porque raros são os dotados de sentimento tão nobre e delicado.

Os que por seus actos denunciavam uma perversidade congenita, e os loucos moraes não sentem o remorso; ou- tros (é grande o numero d'estes) attribuem os crimes á sua sina, a uma estrella funesta e com este fatalismo não se compadece o sentimento do remorso.

tre certas affecções e determinados crimes, como mais adiante confirmaremos com a propria observação.»

Alludindo á affinidade entre a natureza dos crimes e a affecção tuberculosa, expõe o dr. Agostinho Lucio :

«Em 20 tuberculosos contam-se 14 crimes contra a propriedade. Em 13 o temperamento era manifestamente lymphatico; em 5, mixto; em 2, sanguineo. Em 11 a constituição physica foi considerada regular; em 7, fraca; em 2, robusta.»

Depois accrescenta :

«Haverá alguma relação entre o crime, furto ou roubo, e affecção, tuberculose, localizada ou generalizada, observada no quadro ?

Tudo tende á affirmativa, além de que este facto já tem sido assignalado em estudos recentes de anthropologia criminal; e a nossa observação conduz naturalmente á mesma conclusão.

Importa agora explicar o facto, que, a nosso ver, depende talvez de dois factores, sendo o primeiro, e porventura o principal, a inaptidão, a apathia e indolencia que o individuo affectado, diathesico, sente para o trabalho; e o segundo, o natural estimulo da lucta pela vida.

Dada a conjugação d'estes elementos, é facil de prever a sua natural consequencia, o ataque á propriedade, que é o meio mais facil e prompto de satisfazer as impreteriveis exigencias da vida vegetativa.

Ha um coefferente, importante pela sua acção sobre esta classe de individuos degenerados, miseraveis, biologicamente considerados, e é a hereditariedade, pela qual se transmite a doença, o vicio ou a predisposição para ambos, dando em resultado final uma deficiencia organica ou moral, que é como que o plano inclinado que leva ao crime.»

.....  
Estas observações, no ponto de vista do estudo da etiologia do delicto, são importantes, e têm valor tambem sob o aspecto da pathologia dos delinquentes, em que parece

ter em grande predominio as affecções de caracter de-generativo.

No carcere de Turim são frequentes os casos do escorbuto. Ainda se não deu algum na Penitenciaria.

A alimentação aqui é calculada de modo que compense com a possivel exactidão as perdas que o organismo sofre quotidianamente, e os presos que reclamem augmento de ração, logo que nova pesagem revele differença sensivel de peso comparado com o que tinham á entrada, são attendidos. O ambiente da cella não é inquinado com gazes mephiticos e fetidos evaporados da fossa, pois que as dejeções são feitas em vasos inodoros, para o que ha no vão da parede um receptaculo adequado. Alem d'isto muitas cellas conservam-se abertas durante o dia, em quanto os reclusos estão n'outras, destinadas unicamente para officinas, havendo por isso um arejamento salutarissimo tanto das cellas como das alas.

(Pag. 87)

A despeito da implacavel uniformidade do viver dos reclusos, ha tambem na prisão, como no meio social, individualidades mais characteristics, typos que sobresaem na tela sombria onde se agrupam, em attitudes dolorosas ou resignadas, as varias classes da *perduta gente*.

Entre os delinquentes cujos crimes foram perpetrados sob o predominante e deleterio influxo de um ambiente social corrupto ou sob o imperio irresistivel de uma paixão, distinguem-se os nevropathas, e quantos vieram ao mundo assignalados fatidicamente com o estygma da degeneração.

Estes são a progenie miseravel dos alienados, dos epilepticos, dos alcoolicos, dos criminosos, e d'aquelles emfim que, por nevraesthesia moral, não poderam jamais firmar-se na rocha do dever e manter-se sobranceiros ao

pelago lutulento, onde mergulham e morrem os escravos dos vícios e das paixões depravadas.

O psychologo, o moralista, o observador experimentado, facilmente descobre na turba dos condemnados, estes interessantes, mas tristes, *documentos humanos*.

A epilepsia é representada na cadeia de Lisboa por um sensível numero de homicidas.

Na organização dos processos não se attendeu a esta enfermidade, quer para a estudar como dirimente da responsabilidade criminal, quer como attenuante, e todavia são graves as perturbações psychologicas que os accessos produzem e grave tambem a acção corrosiva que exercem sobre o character moral dos padecentes.

«Esta terrivel molestia, diz Krafft-Ebing, offerece grande materia de estudo á medecina legal, e seria um dever, não só de humanidade, mas ainda de prudencia, examinar, sob o ponto de vista do seu estado mental, todo epileptico a que se impute um crime.

Não é possível estabelecer uma formula unica para a avaliação do grau de responsabilidade dos epilepticos; cada caso deve ser julgado individualmente.

Muitos epilepticos ficam indemnes de complicações mentaes, são conseguintemente responsaveis: n'outros desenvolvem-se bem rapidamente alterações psychicas que parecem depender menos do numero dos accessos do que da sua forma; pelo menos tem-se observado que é especialmente nos casos em que a molestia se limita a simples accessos de vertigens que a vida intellectual soffre mais.»

Mas quando terá a medecina legal uma regular intererencia na organização dos processos criminaes, sempre que seja mister estudar a psychologia morbida dos delinquentes?

Se cada criminoso não for assumpto de uma analyse psychologica, como poderá aquilatar se com precisão e com justiça a sua responsabilidade?

O juizo sobre esta não se pode admittir nem comprehender, sem que seja precedida d'aquella analyse. E não é applicavel o exame psychologico sómente nos casos em

que ha manifestações de doença ou defeito mental; a justiça reclama que, a proposito de cada facto criminoso, se façam as investigações indispensaveis para o conhecimento exacto, quanto possivel, do character do delinquente, estudando-o nos seus antecedentes hereditarios, nos seus habitos, nas suas tendencias, finalmente em todos os actos em que transpareça a sua feição psychologica.

Entretanto os tribunaes vão remettendo para a Penitenciaria delinquentes que deveriam seguir para o hospital do conde de Ferreira, e tudo corre optimamente como no mundo do doutor Pangloss.

Um exemplo.

Em 1885, deu entrada n'aquella cadeia um individuo condemnado pelo crime de homicidio voluntario. Vinha escanzelado, immundo, roto, syphillisado e asqueroso.

Decorrido algum tempo, tornou-se notavel por ter ameaçado, sem motivo, um servente, fazendo o gesto de lhe arremessar a tigella de estanho, que estava limpando.

As aggressões repentinas e inexplicaveis a alguns guardas succederam-se. Este, e diversos factos originaram a suspeita, senão o convencimento, de que o preso era um louco.

Pediram-se informações officiaes e documentos acerca do crime e do seu auctor. O delegado da comarca participou que, segundo informação dos empregados do juizo, o preso dera por vezes indicios de desarranjo mental na cadeia da localidade. O modo como o crime foi perpetrado é expressivo e symptomatico do estado mental do delinquente.

Este e outro operario auxiliavam na construcção de um muro um pedreiro, já velho, bom homem, inoffensivo e com o qual não tinha o homicida divergencia alguma. Emquanto o outro operario foi, a pequena distancia, buscar agua para amassar barro, aquelle feriu mortalmente o pedreiro, fracturando-lhe o craneo com a picareta. Cobriu o cadaver com uma ligeira camada de terra, e foi para casa, aconchegando-se com uma manta, como quem

se recolhe ao repouso domestico com a consciencia calma e candida depois de ter ganho o dia com o suor do rosto conforme o preceito biblico.

Voltando com a agua o outro operario, ficou surpreendido com a ausencia dos dois; mas logo viu na parede manchas de sangue; reparando no solo, afastou com o pé alguma terra, e descobriu o cadaver. Foi com outros capturar o criminoso; perguntando-lhe pelo pedreiro, respondeu, sem hesitação, que o matára e enterrára, e foi indicar o sitio da inhumação.

Instado por varias pessoas para declarar o motivo do crime, de uma vez limitou-se a dizer: «Fui eu que o matei, se não matava-me a mim»; de outra vez respondeu: «Vi-me abhorrecido e matei-o, porque elle vinha para mim».

Os tribunaes condemnaram-no como auctor de homicidio voluntario, mandando o para a Penitenciaria, afim de ser corrigido, regenerado, aprender a ler, escrever e contar e um officio, cujo rendimento o ponha a salvo dos perfidos lenocinios da ociosidade e das instigações fataes da miseria!

Na Penitenciaria os periodos de tranquillidade tem sido intermittentes. Trabalhou na lavanderia, mas roia a roupa suja, comia sabão. Na cella esmoeu com os dentes parte de uma colher de estanho, e dispunha-se a triturar e deglutir um crucifixo de metal.

Dias ha em que se apresenta risonho e sereno; tem havido, porém, certos periodos em que é perigoso penetrar desprevenidamente na cella, pois que arremessa com qualquer movel com a instantaneidade de um acto reflexo. Indifferente ao isolamento, não gosta de ir a passeio, não tem desejo de fumar, mas apraz-lhe trazer na bocca qualquer cousa, uma pedrinha, um bocicado de solla, ou outro objecto qualquer, como se fôra um havano aromatico.

Conta que em certos dias sente vertigens, que precisa amparar-se para se ter em pé; que nos serviços ruraes muitas vezes deixava insensivelmente cahir das mãos os

instrumentos de trabalho, que a vista se lhe toldava e não sabia o que fazia, nem atinava com os caminhos.

Será um epileptico? Responda a sciencia. Os tribunaes deram já a sua resposta, condemnando-o, como responsavel por um homicidio. A reparação moral está dada á sociedade; mas quem pode assegurar que este neophyto do regimen penitenciario, este *trappista*, quando volte á liberdade seja um ente inoffensivo e não assassine por *abhorrecimento*, ou porque tenha a allucinação de que é aggreddido?

As testemunhas do processo dizem que era *useiro* e *vzeiro* em offensas corporaes, e tal precedente estabelece a probabilidade da iteração de delictos.

Não são conhecidos os precedentes hereditarios, porque é filho de paes incognitos e exposto na roda da santa casa da Misericordia de Lisboa; mas este facto já desperta suspeitas sobre a sua origem.

\*

\* \*

Como no carcere de Turim, ha no de Lisboa muitos delinquentes que pretencem á numerosa população da zona situada entre a razão e a loucura. A' primeira vista parecem normaes, pois que discorrem como o commum dos homens da sua categoria social, e não se individualizam com realces de extravagancia e aberração da intelligencia; mas um mais profundo e demorado exame descobre anomalias ou, pelo menos, uma falta de solidez das faculdades mentaes.

O isolamento cellular tem sobre alguns uma acção perturbadora, cujos effeitos chegam a ser fantasticos, e principalmente quando taes individuos têm precedentes hereditarios viciosos.

Um exemplo.

O preso n.º 141 é um rapaz de 23 annos, de constituição fraca, temperamento lymphatico, pallido, de cabello e olhos castanhos, orbitas amplas, as arcadas superci-

liares salientes, as orelhas grandes e afastadas da cabeça, os dentes cariados, altura, 1,60, envergadura, 1,73, índice cephalico 78,48.

E' filho legitimo. O avô paterno era muito dado ao vinho e morreu de apoplexia; dois tios eram epilepticos, a mãe, de compleição debil.

Aos 14 annos principiou a ter relações eroticas com as raparigas que podia caçar (expressão d'elle) nos montes da sua aldeia.

Em 1884, accommetteu uma pegureira de ovelhas, menor de 12 annos e violou-a. Foi processado e condemnado por este crime. Entrou na cadeia penitenciaria, e começou a aprendizagem do officio de alfaiate e a ler, escrever e contar, manifestando aptidão e aproveitamento. Decorridos quasi dois annos de clausura, principiou a dar indicios de tresvario mental, fazendo queixas infundadas e extravagantes do contra-mestre da officina, dizendo que o ouvira declarar a outro preso que projectava tentar contra o seu pudor.

Depois escreveu cartas ao director, pedindo a sua anuencia a um casamento nobre, allegando ter-lhe sido perdoada a pena e receber do principe D. Carlos uma pensão de 4500 réis por dia.

Escreve por vezes ao director, ao sub-director, ao medico e ao principe, que tão dadivoso fôra com elle.

Tem cephalalgias e insomnias frequentes; sonha que lhe apparecem mulheres formosas, a quem persegue e que d'elle se alongam por descampados e veredas sombrias. A's vezes vê-as subir e descer por uma especie de escada mysteriosa, como a de Jacob.

N'algumas noites tem-lhe apparecido na cella, estando acordado, uma mulher, cujo rosto não vê, que lhe falla com voz trémula de velha, e por vezes a tem ouvido no telhado da cadeia a miar de gato e a piar de mocho.

De uma vez o phantasma tentou suffocal-o, e d'outra começou a chupal-o, como se fôra uma sanguessuga. Perseguiu-se, e o phantasma sumiu-se.

Nas noites de insomnia tem torturantes accessos de priapismo, e masturba-se habitualmente.

Inquirido sobre se gostava de beber e jogar, responde que só tem paixão por mulheres.

Não será um exemplar de mania erotica?

O parcho da freguezia informou que fôra sempre es-correito das faculdades mentaes; quem o veja no exercicio da sua profissão de alfaiate, opinará do mesmo modo, apoiando-se talvez em Cicero que tinha por sãos da mente *qui possunt tueri mediocritatem officiorum, et vitæ communem cultum atque usitatum*. Entretanto as visões que tem agora, e aquella cynegetica selvagem com que perseguia e preava as femeas pelos ermos e brenhas dos montes parecem characteristics de um maniaco.

\*

\* \*

Ha pouco tempo ainda um preso rasgou na cella o vestuario e as mantas da cama, e praticou outros desacatos, que determinaram a sua remoção para uma cella de castigo, onde lhe foi applicado o collete de força, para impedir a repetição dos actos anteriores. Inquirido, respondeu que o impellira o desespero de não fumar.

O medico adjunto, dr. Campos, sendo onvido ácerca do estado mental d'este condemnado, emittiu o parecer seguinte :

«O preso 37 pertence á grande familia dos hereditarios degenerados. Como estygmas physicos apresenta asymetria craneana e facial e anasthesia cutanea, de que é uma prova a tatuagem que lhe cobre o corpo. O pae, porventura alcoolico, maltratava a familia, esteve alienado, e por fim suicidou-se, lançando-se ao mar, perto da barra do Porto. Irmão e irmã maltratavam a mãe.

«Em 1875, foi compellido a assentar praça por vadio, aos 17 annos de idade; desde então, até á admissão n'esta cadeia, a sua vida foi uma Odyssea de faltas disciplinaes, que demonstram a instabilidade do equilibrio da

suas faculdades mentaes e affectivas. Parece-me que de-  
rá ser reputado como um *louco moral*, considerando a  
loucura moral como a phase transitoria entre o estado  
mental, tão especial dos degenerados hereditarios, e o de-  
lirio propriamente dito. Predominam n'estes individuos as  
perversões e os vicios em constante conflicto com as leis  
naturaes e sociaes da mais sã moralidade e sem a con-  
sciencia dos actos que praticam.

«Considero, por consequencia, o preso n.º 37 como um  
degenerado hereditario, e, como tal, exposto a delirar de-  
baixo das influencias mais insignificantes, e, como louco  
moral, insusceptivel de qualquer regeneração.»

Este condemnado foi um Ashaverus dos regimentos e  
presidios militares.

Desde o alistamento no exercito, em 25 de outubro de  
1875, até 19 de dezembro de 1887, em que se deu a exau-  
toração, (145 mezes e 19 dias) soffreu 7 condemnações em  
conselho de guerra, sendo-lhe impostas penas de prisão  
militar, que sommam 91 mezes, e por ultimo, a pena de  
4 annos de prisão celllular, que está cumprindo.

Além da asymetria craneana e facial notada pelo illus-  
tre medico adjunto, tem na cabeça diversas cicatrizes  
traumaticas, provenientes de brutaes castigos infligidos  
pela mãe, que, no dizer do filho, era colerica e impetuosa.

Da sua longa e demorada passagem pelas cadeias é  
uma monographia hieroglyphica a tatuagem variada que  
lhe adorna as mãos, os braços, o tronco e as pernas.  
Iniciaes, datas, emblemas supersticiosos, figuras obscenas,  
crucifixos, animaes, plantas, arabescos, quanto emfim  
occorreu á acupunctura imaginosa dos artistas, que ado-  
çavam os ocios da prisão, fazendo gravuras na epiderme  
d'este individuo, a qual se transformaria n'um palimpsesto  
vivo, caso continuasse a peregrinar pelos presidios mili-  
tares.

A insensibilidade é comprovada não só pela tatuagem,  
como pelo estesiometro; pois que na parte interna dos  
dedos da mão direita a 3<sup>m</sup> não distingue facilmente as  
duas pontas e a 5 na mão esquerda.

As experiencias com a corrente electrica deram os re-  
sultados seguintes: sensibilidade geral no dorso da mão  
direita a 81, na esquerda a 68, sensibilidade dolorifica  
n'aquella a 30, n'esta a 22. Na palma das mãos a 0 ma-  
nifestava ausencia da sensação dolorosa.

Na vida militar embriagava-se frequentemente, e alle-  
ga que commettia actos de indisciplina para mudar de re-  
gimento.

Inculca grande affecto á mãe; chora quando falla n'ella,  
mas passa repentinamente das lagrimas ao riso.

Desde a infancia fôra rebelde a toda a occupação labo-  
riosa, entregando-se á vadiagem, a despeito das severi-  
dades maternas, contra que luctou com indocilidade  
obstinada.

Sem ser dotado de sentimentos religiosos, desenha  
quadros da Paixão de Christo, em que os judeus figuram  
com carões barbaçudos de feialdade hyperbolica.

Dedica se tambem á pintura profana, e retrata-se na  
companhia de marafonas pandegas a zangarrear fados  
na guitarra.

\*

\* \*

Poderia bosquejar um grupo mais numeroso de delin-  
quentes de mentalidade anomala; mas um trabalho d'essa  
ordem demandaria uma téla menos limitada, e o meu in-  
tuito consiste apenas em demonstrar, como na cadeia de  
Lisboa estão individuos que, confrontados com alguns  
d'aquelles a que allude o egregio auctor d'este livro, mos-  
tram um significativo ar de familia. Estas rapidas mono-  
graphias contéem substancia para longas considerações,  
que se não compadecem com o labor d'umas brevissimas  
notas ao livro altamente suggestivo do Dr. Marro.

(Pag. 128)

Dizendo o Dr. Marro que nem todos os delinquentes, e nem mesmo a maioria, o são por defeito absoluto da natureza, afasta-se bastante do pessimismo da escola anthropologica, que vê, em regra, em cada criminoso, um delinquente-nato, um individuo inadaptavel ás condições sociaes, incapaz da comprehensão da idéa de justiça e inacessivel aos sentimentos de probidade e de piedade, que o insigne criminalista Garofalo denomina sentimentos altruistas fundamentaes.

Virgilio Rossi, referindo-se aos delinquentes de occasião nos seus *Studi supra una centuria di criminali*, diz que a classe d'estes é pouco numerosa, e para corroborar o seu asserto, accrescenta: «e esta convicção não é minha unicamente, a qual teria pouco valor, mas é baseada sobre a longa experiencia do professor Lombroso, o qual, fornecendo-me alguns elementos sobre réus de occasião, affirmava que, em 3 annos, sobre tres ou quatro mil individuos entrados no carcere judiciario, sómente classificára n'aquella categoria 17, e em seguida a minuciosas e successivas indagações ficaram reduzidos a 10.»

O mesmo escriptor affirma que dos 100 criminosos a que se refere, só tem como de occasião ou de accidente 6, pondo em duvida 2, porque um apresenta asymetria facial e orelhas em fórma de aza, e é irascivel (o que me parece mais significativo do que o feitio das orelhas), e porque eram ignorados os antecedentes d'outro.

E' certo que os réus que cumprem sentença na cadeia penitenciaria pertencem, na sua maioria, á classe d'aquelles que têm attingido os graus mais altos da escala da criminalidade; mas nem sempre os actos que o codigo penal considera crimes graves, como os homicidios voluntarios, são effeito d'uma perversidade congenita, cruenta e indomavel.

Um grande numero de ferimentos e de homicidios têm por causa a paixão, o amor, o ciume, as exaltações do vi-

nho, os torneios plebeus das feiras, festas e romarias, rixas entre parochias, questões eleitoraes e politicas, as desordens do carnaval, e as luctas em que um excessivo amor proprio faz ostentação da sua fatal e falsa coragem. Encontra-se, pois, ainda entre os auctores de ferimentos e homicidios uma percentagem consideravel, embora não seja muito numerosa, de delinquentes que não são privados dos sentimentos affectivos e propensos ao crime por fatalismo organico.

Não emittirei a mesma opinião contra os auctores de roubos, furtos, estupros e falsificações.

Ainda não tive conhecimento de que alguns dos condemnados que cumpriram, ou estão a cumprir sentença na Penitenciaria, fossem arrastados pela miseria á pratica do crime.

No nosso paiz não ha o pauperismo incitador de odios de classes e do crime, como fonte de recursos, ou como protestos contra iniquidades economicas. Nas camadas inferiores da sociedade não se move e agita uma classe que a indigencia e a fome enraiveça contra as classes superiores, e arme com o punhal do salteador e a gazua do gatuno para o *struggle for life*.

A vida economica da nação não tem criado incompatibilidade de classes, nem dado origem a associações permanentes, como a dos nihilistas russos, como a *camorra* e a *mão negra*. O apparecimento de alguma quadrilha de salteadores é caso esporadico, de duração ephemera. Estas associações não se organisam com estatutos em que se fixem os direitos e deveres dos consocios, e dissolvem-se, finda qualquer empreza, ou quando a policia os persegue.

Os auctores dos crimes contra a propriedade consti-tuem duas classes distinctas: os criminosos urbanos e os ruraes.

Os primeiros são os que por tendencia innata, por hereditariedade morbida, por debilidade psychica e organica, pelos vicios e maus exemplos de familia, pelo ocio, pelo alcoolismo, pela dissolução dos costumes, pela vai-

dade, pela a aversão ao trabalho e pelo conjuncto de todos os vícios abjectos se transformam de criminosos natos ou fortuitos em habituaes ou de profissão. O seu campo de acção é nas cidades, ou nos pontos em que accidentalmente haja grandes reuniões populares.

Os segundos vivem nas aldeias e, de ordinario, são individuos propensos ao roubo e ao furto, nos quaes o baixo intuito da cobiça predomina sobre os sentimentos da probidade e do pundonor, e que parecem representar o typo selvagem mais exactamente do que a classe dos homicidas.

Não são o producto d'uma organização social; mas genuinos delinquentes por indole.

N'um paiz em que os proprietarios agricolas bradam contra a emigração e contra o serviço militar, porque originam a falta de operarios, não é a miseria o factor social do crime contra a propriedade nas povoações ruraes. A etiologia do delicto é outra, e deve procurar se na organização psychica dos criminosos. A causa é subjectiva, e não externa; e é por isso que esta classe comprehende, a meu vêr, um diminuto numero de criminosos de occasião ou fortuitos.

Em corroboração d'este juízo vem o facto de que nas zonas vinicolas das comarcas flagelladas pelo phylloxera, os crimes contra a propriedade não têm recrudescido, como se comprova pelas estatisticas officiaes.

Talvez se pretenda explicar o facto pelo emunctorio da emigração; mas este phenomeno social é uma das fórmulas pela qual se manifesta a lucta pela existencia na área da sua acção legitima; não é uma transformação da diathese criminal.

Na classe dos crimes de estupro ha argumentos favoraveis á comparação de alguns criminosos com os selvagens; taes são aquelles que commettem o brutalissimo incesto com as proprias filhas, desflorando-as violentamente, e aquelles que violam creanças, quer impellidos por um accesso de erotismo bestial, quer instigados pelo prejuizo de que o contacto com uma virgem produz a cura immediata e infallivel de molestias venereas.

Nem aquelles incestos horrendos, nem estes attentados infames e crueis constituem infelizmente uma excepção rarissima no quadro da criminalidade portugueza.

Ah que miserias, que dôres, que tragedias sangrentas encobre a fria impassibilidade numerica de uma estatistica criminal!

(Pag. 136)

O insigne auctor d'este livro, no ultimo capitulo, alvitra uma regra de disciplina penal, que substancialmente se encontra no systema adoptado por Crofton.

Como psychologo eminente, conhece que o egoismo e a vaidade são sentimentos muito vivos nos criminosos, e indica o modo pratico de os aproveitar para a modificação do character dos delinquentes.

Se um codigo penal, como diz Fouillée, não é mais que uma relação de motivos proprios para obstem á acção das vontades dispostas ao mal, a penalogia é um ramo das sciencias sociaes, que tem por fim a educação moral do criminoso, que a lei priva do uso completo da sua liberdade, não unicamente para o fazer *expiar a sua culpa* e para a coacção dos outros pelo exemplo da pena imposta, mas para o regenerar, despertando-lhe e animando-lhe os sentimentos sociaes, para que haja uma justa proporção e equilibrio entre os sentimentos egoistas e altruistas.

A pedagogia penal deverá mirar a que as faculdades moraes dos delinquentes se apurem de modo que na determinação dos seus actos tenha predominio efficaz aquella *serie de motivos* comprehendida no codigo penal.

O seu fim supremo deve ser a educação da vontade, o seu robustecimento, para que não ceda facilmente ás suggestões dos maus instinctos, e resista aos accessos da paixão.



E' o que tão nitidamente exprime Davesiés de Pontés, pelos termos seguintes: «Parece racional que se procure a reforma dos culpados em processos semelhantes áquelles que curam os loucos, isto é, n'uma continua gymnastica das faculdades moraes, nas provas incessantemente renovadas, que lhes restituam a força inicial perdida, ou que lhes dê aquella que nunca tiveram.»

Esta tutela paternal sobre os delinquentes é um dever imperioso dos Estados que aboliram as penas perpetuas, como aconteceu entre nós; pois que seria irracional subtrahir, durante alguns annos, os criminosos á responsabilidade moral dos seus actos sociaes, que tambem são um meio educativo, collocando-os na passividade esteriladora ou corruptora da prisão, para depois os restituir ao convivio social menos idoneos para os accidentes e combates da vida.

A transformação de um character perverso n'um character bom, sociavel, verdadeiramente humano, é empreza ardua, e quasi sempre impossivel; porque, como ensina o professor Sergi, é mister contar com os vicios organicos e com os phenomenos da hereditariedade atavica. O proverbio hespanhol diz: «Lo que en la leche se mama, en la mortaja se derrama,» o que corresponde ao nosso proloquio: «O que o berço dá a tumba o leva», e mais pittorescamente se exprime a idéa pelo outro: «Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita.»

Estes proloquios, nascidos da experiencia popular, filhos do senso commum, que é tambem uma sabedoria, são confirmados pela philosophia kanteana, que reconhece em todo o homem a constancia inflexivel do character, que alguns pensadores illusoriamente entendem que se póde transformar com lições de moral.

A disciplina penal poderá ter effeitos menos incertos nos menores delinquentes; mas n'aquelles em que o habito do crime ou uma perversidade anormal haja solidificado a sua má indole, será baldada a sua acção educativa. «Não ha educação no mundo, diz Mansdley, que faça dar uvas a uma ameixoeira, ou figos a um cardo; egualmente

nenhum ser mortal pode ir além da sua natureza, e será sempre impossivel construir com alguma instabilidade uma intelligencia ou um character sobre as bases de uma indole má.»

Ha, porém, indoles criminosas com uma certa maleabilidade, e que uma intelligente pedagogia penal poderá modificar, accordando os sentimentos affectivos, que não estejam extinctos, mas só adormecidos.

As nossas cadeias não se enchem unicamente de *thugs* ou de exemplares de tetarologia moral. E' grande ainda o contingente d'aquelles que, por falta de educação, por carencia do amparo de familia e pelas nocivas influencias do meio em que viveram, escorregaram pelo declive da criminalidade, quando em circumstancias diversas seriam individuos honestos, normaes, segundo a qualificação dos anthropologos.

Ao numero d'estes accresce o dos auctores de crimes que tiveram por mobil o acesso d'uma paixão nobre ou o concurso accidental de motivos da accção criminosa, que não denunciam nem perversidade nem defeito organico.

D'estes é licito esperar um emenda sincera, porque não entram na classe dos incorrigiveis.



## INDICE DOS CAPITULOS

- CAPITULO I.—Carcere e matadouro — Sua necessidade — Maior resignação das victimas humanas — Entrada de novos presos — Sua variedade — Caracteres distinctivos — Innocentes e culpados — Imprevidencia dos delinquentes e culpados — Um impostor que se mascára — Ai dos reincidentes — Um innocente condemnado primeiro e depois absolvido — Delictos encobertos..... 9
- CAPITULO II. — A cella — Primeiros effeitos do isolamento — O general Cavaignac — Distracções — O ponto de honra dos presos — Allucinações e allucinados — Suicidios — Remorso..... 21
- CAPITULO III. — Direitos dos presos — Faltas e punições — Mania carceraria — Um réo de procedimento exemplar na cadeia — Premios — Serventes — Escripturarios — A esquadra volante — Os guardas..... 35
- CAPITULO IV. — A astucia, arma natural dos presos — Aspirações — Meios de as realisar — Simulações — Simuladores de epilepsia — Do suicidio.... 47
- CAPITULO V. — Simuladores de loucura na antiguidade — Varias fórmãs de loucura simuladas nas cadeias. — Caracteres proprios dos simuladores — Simulação e loucura moral — Um louco moral typico — O trabalho meio de disciplina..... 67
- CAPITULO VI.—Raridade relativa dos fallecimentos no carcere — O escorbuto — O laudano. — Pre-

venções contra as molestias — Alienações mentaes — Influencia do isolamento — Caracteres distinctivos dos loucos delinquentes — Um typo de alienado criminoso — A enfermaria — Caracteres physionomicos dos delinquentes.....	81
CAPITULO VII. — Menor criminalidade das mulheres italianas — As prostitutas — Proceder das presas — A epilepsia e as molestias convulsivas nas mulheres — Uma hystero epileptica — Os effeitos d'uma captura — O suicidio nas mulheres — Religiosidade — A base do raciocinio feminino.....	99
CAPITULO VIII. — Precocidade e reincidencias frequentes dos criminosos — As graduações no crime — Sua etiologia — Nem tudo é corrupção no carcere.....	111
CAPITULO IX. — Os moveis das acções humanas — A vaidade — O amor proprio — Homo malus, puer robustus — O systema das marcas — O capitão Monochie e os degredados da ilha de Norfolk — Os capitaes da educação.....	131
NOTAS .....	145

## ERRATAS

A pag. 22, lin. 29, onde se lê: *no seu angusto carcere*, deve lêr-se: *no seu angusto carcere*.

A pag. 115, lin. 13: *pode-se estar-se*, leia-se: *pode estar-se*.

A pag. 139, lin. 10 e 11: *dê levianamente a outro*, leia-se: *dê levianamente a outrem*.

A pag. 151, lin. 18, onde se lê: *sociavel*, deve lêr-se: *social*.

A pag. 173, lin. 8, onde se lê: *Beltarni*, deve lêr-se: *Beltrani*.

A pag. 177, lin. 1, onde se lê: *ter em*, deve lêr-se: *terem*.

Ha ainda outras incorrecções typographicas, como por exemplo: a pag. 51, *pedintos*, por *pedintes*, *enfermania* por *enfermaria*; a pag. 60, *exempho*, por *exemplo*; a pag. 141, *lihertos*, por *libertos*, etc., mas são de facil correcção no corrente da leitura, estes e outros erros insignificantes que escaparam na revisão.